

Beatrice Salvioni

A Malnascida

Tradução de Ana Cláudia Santos



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Beatrice Salvioni

A Malnascida

Tradução de Ana Cláudia Santos

ALEAGUARA





Edição em formato digital: outubro de 2023

A MALNASCIDA

Título original: *La Malnata*

© 2022 Giulio Einaudi Editore

Publicado por especial acordo com Beatrice Salvioni
em colaboração com seu legalmente nomeado agente Alferj e Prestia
e o co-agente The Ella Sher Literary Agency

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Alfaguara é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, n.º 50, 3.º — Lisboa 1250-011

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como
breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Clara Capitão
Tradução: Ana Cláudia Santos
Revisão: Maria de Fátima Carmo
Capa: Luísa Cunha

ISBN: 978-989-787-492-5

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)
Facebook: [alfaguaraportugal](https://www.facebook.com/alfaguaraportugal)
Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

A Malnascida

Créditos

Dedicatória

Prólogo — *Não digas a ninguém*

Primeira parte — *Onde começa e acaba o mundo*

Segunda parte — *O sangue de amanhã e as culpas de hoje*

Terceira parte — *A prova de coragem*

Quarta parte — *A língua decepada do ganso*

Epílogo — *A forma da voz*

Agradecimentos

Nota ao texto

Sobre este livro

Sobre Beatrice Salvioni

À criança que fui.

*E, sobretudo, àqueles que me ensinaram a não deixar nunca
de escutar a sua voz.*

Prólogo

Não digas a ninguém

É difícil tirar de cima o corpo de um morto.

Descobri-o aos doze anos, com o sangue a escorrer-me do nariz e da boca e as cuecas enroladas à volta de um tornozelo.

Os seixos da margem do Lambro, duros como garras, pressionavam-me a nuca e o rabo nu, as costas afundadas na lama. O corpo dele pesava-me na barriga, anguloso e ainda quente. Tinha os olhos brilhantes e vazios, saliva branca sobre o queixo, e a boca aberta exalava um cheiro mau. Antes de cair, olhara para mim com o medo a contorcer-lhe o rosto, uma mão metida nas cuecas e as pupilas dilatadas e negras, que pareciam dissolver-se até escorrerem pelas faces.

Tombara para a frente, os seus joelhos comprimiam-me ainda as coxas, que ele conseguira manter abertas. Já não se mexia.

— Só queria que parasse — disse Maddalena. Tocava na cabeça, no sítio onde o sangue e a lama haviam coalhado num grumo de cabelos emaranhados. — Não tive outro remédio.

Aproximou-se, o vestido leve colara-se-lhe à pele molhada e desenhava-lhe nitidamente os contornos do corpo magro, nervoso.

— Já aí vou — disse. — Fica quieta.

Mas eu ainda não conseguira mexer-me: o meu corpo tornara-se uma coisa esquecida e distante, como um dente caído. Sentia só entre os lábios e na língua o sabor do sangue, e custava-me respirar.

Maddalena deixou-se cair de gatas, os seixos rechinaram sob as suas pernas nuas. Tinha as meias encharcadas e faltava-lhe um sapato. Pôs-se a fazer pressão com ambos os braços contra o busto dele, usou os cotovelos, depois a testa. Continuou a fazer força, mas não conseguia movê-lo.

As coisas pesam mais quando estão mortas, como aquele gato no pátio de Noè, cheio de terra, com as tripas viscosas e uma mão-cheia

de moscas a comerem-lhe o focinho e os olhos. Havíamos-lo enterrado juntas, atrás do cercado dos gansos.

— Sozinha não consigo — disse Maddalena. Os cabelos colados à cara pingavam sobre os seixos. — Tens de me ajudar.

A voz dela agitou-se-me dentro da cabeça, cada vez mais forte. Desprendi a custo um braço de baixo do corpo dele, depois o outro. Pressionei as mãos contra o seu peito e empurrei. Por cima de nós, o arco da ponte e um retalho de céu turvo, por baixo, os seixos molhados e escorregadios. À volta, o barulho do rio.

— Tens de empurrar de uma só vez.

Fiz como me disse. Se tomava fôlego, inspirava o cheiro lânguido e doce da água-de-colónia daquele homem.

Maddalena olhou para mim e disse:

— Agora.

Empurrámos juntas, eu soltei um grito, arqueei-me e subitamente ele despegou-se. Caiu sobre as costas, ao meu lado, os olhos arregalados, a boca escancarada e as calças baixadas. A fivela do cinto tilintou contra as pedras.

Mal me libertei daquele peso, virei-me de lado, cuspi saliva vermelha para o meio dos seixos, esfreguei os lábios e as narinas com os dedos para apagar o seu cheiro. Por um instante faltou-me o ar, depois encolhi as pernas e tentei respirar. As cuecas tinham o elástico rompido, o tecido rasgado, furado pelo calcanhar. Escoiceei com raiva para as desenfiar e tapei-me com a saia, que se tinha arrepanhado acima do umbigo. Tinha o ventre frio e tudo me doía.

Maddalena levantou-se, limpou-se da lama esfregando as palmas das mãos nas coxas.

— Estás bem? — perguntou.

Mordi o lábio e anuí. Na minha garganta havia um dique prestes a ceder. Mas não chorei. Fora ela quem mo ensinara. Chorar era para os idiotas.

Maddalena afastou os cabelos colados à testa. Tinha os olhos pequenos e duros. Apontou para o corpo e disse:

— Não vamos conseguir deslocá-lo. — Lambeu o sangue que se acumulara debaixo do nariz. — Temos de o esconder aqui.

Levantei-me para me aproximar dela. Não me tinha em pé, a sola de couro dos sapatos fazia-me escorregar. Agarrei-me a ela, apertei-lhe o pulso com os dedos. O cheiro do rio cobria tudo. Maddalena tremia, mas não de medo. Maddalena não tinha medo de nada. Nem do cão de gengivas inchadas e espuma entre os dentes do senhor Tresoldi, nem da perna do diabo que desce pela chaminé na história que os crescidos contavam. E nem sequer do sangue ou da guerra.

Tremia porque se molhara quando ele a agarrara pelos cabelos arrastando-a para a margem, enquanto ela esperneava e gritava. Para a fazer calar, pusera-lhe a cabeça na água e durante todo o tempo tinha cantado, com uma voz áspera como as da rádio: «*Parlami d'amore Mariú. Tutta la mia vita sei tu.*»

— Temos de encontrar ramos — disse Maddalena —, ramos robustos. — Mas não deixava de fitar aquela figura imóvel, toda saliências e cavidades, que pouco antes me apertara os pulsos e enfiara a língua na boca: parecia-me senti-la ainda, e sobre mim os dedos e a respiração dele. Só queria ir dormir. Ali, no meio das pedras e do barulho da água, mas Maddalena tocou-me num ombro e disse: — É melhor despacharmo-nos.

Fizemos rolar o corpo pela margem abaixo, arrastámo-lo até um dos pilares da ponte, deixando-o enroscado contra o muro que transudava humidade. Tinha os cotovelos virados, os dedos rígidos e a boca aberta. Nada no seu rosto lembrava já o rapaz que era: elegante e atrevido, com as calças de vinco bem feito, o alfinete com o emblema fascista e a bandeira tricolor, que alisava o cabelo com o pente de tartaruga e repetia, a rir: «Vocês não são nada.»

Apanhámos os ramos que o rio cravava no areal em períodos de cheia, entre os ninhos dos patos e os canais de escoamento; colocámo-los em cima daquele corpo meio submerso na água. Amontoámos pedras e raízes para que nem as cheias o pudessem levar.

— Temos de lhe fechar os olhos — disse Maddalena, deixando cair a última pedra, grande como um punho. — É assim que se faz aos mortos. Já o vi fazer.

— Não lhe quero tocar.

— Está bem. Eu faço-o. — Pousou a palma da mão naquela cara embranquecida e usou o dedo médio e o polegar para lhe descer as pálpebras.

Com os olhos fechados e a boca aberta, com todos aqueles ramos e aquelas pedras que o cobriam, parecia alguém que de noite é surpreendido por um pesadelo, mas não consegue acordar.

Torcemos as saias e as meias. Maddalena descalçou o sapato com que ficara, enfiou-o no bolso. Eu fiz o mesmo com as minhas cuecas; um trapo ensopado da lama que apanhei do chão.

— Agora tenho de me ir embora — disse ela.

— E quando nos vemos?

— Em breve.

Enquanto ia para casa, com as meias a ranger dentro dos sapatos, pensava no tempo em que nada tinha ainda começado. Nem um ano antes, a minha saia estava seca e sem rugas, encostava a barriga à balaustrada da ponte dos Leões para olhar de longe para Maddalena, e a única coisa que sabia sobre ela era que trazia desgraças. Não tinha ainda aprendido que bastava uma palavra sua para decidir se merecias ser salvo ou morto, voltar para casa com as meias ensopadas ou ficar a dormir para sempre com a cara afundada no rio.

Primeira parte

Onde começa e acaba o mundo

1.

Chamavam-lhe Malnascida e ninguém gostava dela.

Dizer o seu nome dava azar. Era uma bruxa, daquelas que te pespegam em cima o hálito da morte. Tinha o diabo dentro de si, e eu não devia falar com ela.

Via-a ao longe aos domingos, quando a mãe me enfiava os sapatos que feriam os calcanhares, as meias cheias de altinhos e o vestido bom que eu devia ter atenção para não sujar. O suor corria-me pelo pescoço abaixo e o roçar contínuo deixava-me as coxas vermelhas.

A Malnascida estava lá em baixo no Lambro, com os rapazes, dois miúdos que eu conhecia só de nome: Filippo Colombo, cujos braços e pernas pareciam ossinhos de frango, e Matteo Fossati, com ombros e peito que eram os quartos de boi a brilhar de gordura no mercado da rua San Francesco. Tinham ambos calções, os joelhos cheios de arranhões, e por ela, que era mais pequena, e rapariga, estariam dispostos a oferecer o corpo às balas como os soldados que vão para a guerra, e dizer depois ao Senhor: «Morri feliz.»

Tinha a orla da saia, a que o sol e a sujidade haviam tirado a cor, arregaçada no cinto de homem apertado à cintura, os pés descalços bem assentes nas rochas quentes do sol. As pernas são aquilo que uma rapariga nunca deve mostrar. As suas estavam nuas e raiadas de lama, que lhe manchava a barriga das pernas e as coxas.

Tinha crostas que pareciam as feridas não saradas dos cães. Ria apertando um peixe que queria escapar-lhe das mãos. Os rapazes aplaudiam e batiam os pés no rio, faziam esguichar a água escura à sua volta, e eu perscrutava-os lá de cima quando íamos à missa das onze, que para a minha mãe era a das «pessoas finas».

O meu pai ia à frente e não reparava em nós. Caminhava com um chapéu que lhe descobria ligeiramente a nuca, o passo rápido, as mãos atrás das costas, uma agarrada ao pulso da outra.

A minha mãe puxava-me e dizia: «Vamos atrasar-nos.» Apontava para lá da balaustrada da ponte e dizia: «A canalha.»

O meu pai, pelo contrário, não dizia nada. Não tolerava repreensões, mas eu sabia bem, e a mãe ainda melhor, que se tivéssemos ficado longe dele mais do que vinte metros e, por culpa nossa, tivéssemos chegado atrasados à missa, aquele seria um domingo de silêncios, de portas a bater e de dentes a ranger na haste do cachimbo atrás da *Domenica del Corriere*.

Tinha de me esforçar para afastar o olhar das crianças lá em baixo no rio, as crianças que eu não era e que havia sempre espiado.

Mas, naquele domingo, pela primeira vez, a Malnascida fitou-me com os seus olhos brilhantes e negros. Depois, fez um sorriso.

Faltou-me o fôlego e cerrei as pálpebras, disparei para junto do meu pai, na rua que subia para a catedral. Pus-me ao seu lado e ele nem se deu conta. Os poucos carros que passavam obrigavam-nos a esmagar as costas contra as montras da retrosaria e da pastelaria de onde vinha o cheiro quente da baunilha. O letreiro anunciava: «Travessa de bolos a cinco liras.»

Estava a passar o *Fiat 508* preto de Roberto Colombo, que trabalhava na câmara e, dizia o meu pai com o tom dos assuntos sérios, «conhecia pessoas muito lá em cima». O senhor Colombo tinha dois filhos varões, que a senhora Colombo fazia pentearem-se com a risca ao meio, e usava botas pretas de cano alto. Quando as velhas da igreja lhe haviam revelado que o seu filho mais novo passava o dia inteiro com os pés no rio na companhia da Malnascida, dizia-se que ele o fizera engolir à força uma garrafa de óleo de rícino e lhe deixara o rabo vermelho das vergastadas.

Durante alguns domingos, espiei, da ponte, Matteo e a Malnascida sozinhos: Filippo estava na igreja, no mesmo banco do pai, a cerca de meio metro dele, com a camisa abotoada até ao pescoço e os mocassins limpos. Eu ficara secretamente feliz. Depois, um dia, Filippo voltara a sujar-se de lama e os seus pais, juntamente com o irmão mais velho, começaram a instalar-se mais à larga na missa, para tornar menos visível o lugar vazio que deixara.

O senhor Colombo guiava o seu automóvel sempre luzidio com a dianteira que parecia um focinho de tubarão com presas aguçadíssimas. Deixava-o na praça da catedral para entrar de imediato na igreja, como se caminhar lhe desse cabo dos sapatos.

O meu pai franziu os lábios como se lhe tivessem ficado entre os dentes restos de tabaco.

— A nossa ruína. Aqueles horrores serão a nossa ruína. — Não havia nada que odiasse mais do que os carros. — As pessoas querem andar depressa — dizia —, por isso é que já ninguém usa chapéu. — No entanto, se encontrava o senhor Colombo, cumprimentava-o com elegância, tocando na aba do seu *Fedora* de feltro cinzento.

Entrando na igreja, desapareceu o calor sufocante que se antecipara duas semanas ao início do verão. Ficou apenas o bafio sujo do incenso que subia à cabeça e escorregava até aos calcanhares; era uma sensação parecida com o medo do escuro. A mãe levava-me pela mão e eu só andava por cima das lajes de mármore branco, porque o Jesus de bronze e ouro no fundo do altar não parava de me fitar, e, se por engano pisasse o mármore negro, iria parar ao Inferno.

Na nave central ressoavam as sibilações das preces e o estalido húmido da saliva das velhas que rezavam com as costas curvadas, a cabeça coberta por véus que escondiam as orelhas. Sentávamo-nos sempre nas filas da frente e tínhamos de estar calados o tempo todo, exceto para responder aos salmos, dizer «Ámen» e «*Mea culpa, mea maxima culpa*». O padre falava dos pecados que mandavam para o Inferno e eu pensava nos peixes com as barrigas de prata, nos rapazes de pés descalços no Lambro, e no olhar da Malnascida.

A mãe recitava o *Pater Noster* com o rosto entre as mãos, as pontas dos dedos sobre as pálpebras. Eu examinava um prego que saía da madeira do genuflexório. Quando o padre ergueu no alto o Corpo de Cristo, deixei-me cair para a frente como fazem as velhas.

Procurei o prego com uma perna e carreguei-lhe todo o meu peso em cima. Entrelacei os dedos e enfiei-os na boca empurrando os nós entre os dentes, enquanto raspava com força o joelho e dizia o *Gloria*.

Esfreguei-o com furor até a dor se me enterrar na nuca como uma coisa ardente e lisa.

Também queria ter as rótulas marcadas como os miúdos lá em baixo no Lambro. Também queria sentir a água do rio escoar-se-me por entre os dedos dos pés e mostrar as pernas raiadas de lama. Queria que batessem as mãos e os pés na água por mim.

2.

A Malnascida caminhava pelas ruas do centro arrastando as sandálias gastas contra as pedras, o queixo erguido, e, ao lado, dois rapazes mais velhos do que ela. Enquanto passava, as mulheres rosnavam um «Deus nos livre e guarde!» e faziam um sinal da cruz frenético; os homens, por seu lado, cuspiam para o chão. Então ela ria-se alto e deitava a língua de fora, depois fazia uma vénia, como se estivesse grata por aquelas ofensas.

Com os cabelos muito negros e mal cortados, como se tivessem usado uma tigela e um cutelo de talho, e os olhos escuros e brilhantes de gato, como de gato eram as pernas ágeis e finas, parecia-me a criatura mais bela que alguma vez vira.

A primeira vez que me falou foi quatro dias depois do domingo em que os nossos olhares se haviam cruzado da balaustrada da ponte.

Era o dia 6 de junho de 1935, a festa de São Gerardo. A praça em frente da igreja e o adro com os arcos e as galerias estavam enfeitados com faixas e grinaldas, cheios de gente como se fosse dia de Páscoa. Íamos em procissão saudar o corpo do Santo, fazendo o sinal da cruz e beijando os dedos antes de os apoiarmos no relicário com o esqueleto vestido de ouro, depois regressávamos à luz da praça para respirar.

Os sinos gemiam e as nuvens estavam insufladas de calor. Debaixo das arcadas e dentro do claustro, à sombra das amoreiras, os vendedores ambulantes vendiam rebuçados e brinquedos de lata ao lado do tiro ao alvo. O senhor Tresoldi, o vendedor de fruta, recebia os clientes de braços cruzados atrás da banca das cerejas. Tinha uma expressão maldosa e cheirava a toalhas mofentas. Gritava «cerejas, cerejas a três liras o saco» com as mãos possantes apoiadas no balcão. O filho, Noè, que exibia no rosto as marcas dos acessos de ira do pai, empilhava os caixotes de madeira contra as colunas. Noè tinha as mangas da camisa arregaçadas por cima dos cotovelos, como um homem feito, embora tivesse apenas mais três anos do que eu e não o

tivessem deixado terminar a escola. Dizia-se que o vendedor de fruta sempre odiara aquele filho. Testemunhava-o o nome que escolhera para ele. Noè havia chegado juntamente com as cheias do Lambro, em novembro. O rio transbordara fazendo desabar as pontes, alagando as caves. Ele, ao nascer, fizera a mãe esvair-se em sangue e salvara-se sozinho, como Noè, que, com a sua arca, levava consigo só os animais, sem pensar nos outros seres humanos que o Senhor abandonava sob o dilúvio.

No dia de São Gerardo, sentia-se o calor arrogante do meio-dia, aquela espécie de calor que, nos dias festivos, dividia as mulheres da terra em dois grupos bem atentos a não se misturarem: aquelas que podiam permitir-se luvas brancas e um vestido de seda às bolinhas, leve, até ao joelho, e aquelas que, pelo contrário, tinham o mesmo vestido outonal para os casamentos e as comunhões, qualquer que fosse a estação. Havia também as criadas fardadas, com a saca das compras ao braço, mas passavam para o outro lado da rua, espreitando as bancas ao longe, com a lista apertada na mão fechada e o passo célere.

A minha mãe levava-me pela mão, tinha um chapelito de palha envernizado cor-de-rosa, rígido, com uma fita que lhe caía pela face. Comprara na retrosaria cachos de cerejas de papelão e entrelaçara-os na palha com arame. Buscava a inveja das outras mulheres, em particular daquelas que vagueavam de cabeça descoberta e que não podiam senão olhar, porque o saquinho de cerejas na banca da fruta era demasiado caro.

A minha mãe não se contentava com fazer virar as cabeças das mulheres dos operários: sorria também aos maridos. O meu pai estava em pé, o casaco pelas costas, à frente do tiro ao alvo. Ao lado dele, com uma espingarda de lata apontada aos alvos, estava o senhor Colombo, que todos saudavam erguendo o braço esticado, com a mão aberta. O meu pai tirara o chapéu e segurava-o entre as mãos atormentando-o com as unhas, o senhor Colombo estava concentrado a acertar nas figuras de metal com a rolha de cortiça, como se disparasse no meio de uma guerra autêntica e não por brincadeira. Tinha uma camisa negra cheia de medalhas à altura do peito, de vez em quando tocava com o polegar no distintivo com as cores da

bandeira e a sigla do Partido Nacional Fascista, como para se certificar de que estava ainda bem direito.

Não muito longe, à frente da banca dos bolos de onde vinha um cheiro a mel e fritos, o senhor Fossati tinha os polegares no cinto, a velha camisola de alças amarelada debaixo das axilas. Ria e apontava para o tiro ao alvo, rodeado de homens com as bochechas já vermelhas de vinho. Costumava dizer que o Colombo tinha revistado os escrínios dos mortos para arranjar as suas medalhas, que fingia ter conquistado sabe-se lá em que batalha, mas que no máximo eram prémios de competições de sábado ou antiquilhas dos avós. Bugigangas. Dizia também que o Colombo era só uma criança impaciente por brincar às guerras, mas que nunca vira uma espingarda. O Colombo, por sua vez, costumava dizer que a única coisa que o Fossati sabia sobre paz era bebê-la com lambrusco na taberna de San Gerardo e vomitá-la depois atrás dos moinhos. Eram coisas que todos sabiam, inclusive nós, crianças, porque o que acontecia nas famílias dos outros era o assunto preferido nos almoços de domingo, quando se convidavam amigos e ficávamos sentados à mesa até ao fim, porque tínhamos de comportar-nos como pessoas bem-educadas.

— Compras-me cerejas? — Puxei a mão da minha mãe e apontei para a banca do senhor Tresoldi.

— Sabes muito bem o que disse o teu pai.

O teu pai. Se alguém fazia alguma coisa que não lhe parecia bem ou não lhe agradava, era sempre responsabilidade dos outros. «O teu pai diz que este ano não vamos de férias»; ou: «O teu pai quer que tenhamos só uma criada.» Também eu era «a tua filha» se tinham de pôr-me de castigo, como um presente indesejado que se esconde no fundo de um armário, para depois se esquecer.

— Posso ao menos ir ver?

— As cerejas? Está bem. — A minha mãe soltou-me a mão. — Mas porta-te bem. Não mexas em nada.

Ajeitou os cabelos bem penteados e cheios de ganchos debaixo do chapelito e dirigiu-se para o tiro ao alvo. Juntou-se ao meu pai e ao senhor Colombo, que levantou a espingarda de brincar e disse:

— Quer que ganhe alguma coisa para si, senhora Strada?

Contraí os dedos dos pés dentro dos sapatos apertados e cerrei os punhos. A minha mãe riu-se, tapando a boca com a mão. O senhor Colombo tocou-lhe ao de leve, como que por engano, na anca. Os seus dedos acariciavam-lhe um cotovelo; virou-se e fitou-me. Franzia os sobrolhos como Mussolini no retrato pendurado na sala de aula. E sorria. Senti os olhos dele em mim e toda eu fiquei hirta. Corri dali para fora com a vergonha encravada na garganta.

Detive-me a poucos metros da banca do senhor Tresoldi; sentia-me atraída por aqueles sacos cheios de cerejas brilhantes e negras, mas mantinha-me afastada porque ele me metia medo. Fiquei à sombra do telhado da igreja, as mãos cruzadas atrás das costas, e na cabeça as palavras da minha mãe: «Não mexas em nada.»

— O que fazes? Estás a olhar para as cerejas? — Uma voz de corvo atrás de mim sobressaltou-me.

Era a Malnascida. Tinha as costas apoiadas no muro descascado com o fresco de São Gerardo, os bolsos do vestido esfarrapado cheios de pedras, e esquadrinhava-me.

Fiquei sem fôlego e de repente o chão perdeu consistência. Nunca tínhamos estado tão perto.

Cheirava a rio, tinha uma cicatriz branca debaixo do nariz que lhe chegava à curva dos lábios e uma mancha avermelhada que da têmpera lhe invadia uma face até ao queixo.

— O quê? — Dei-me conta com embaraço de estar a balbuciar, como quando era pequena e tinha de dizer o alfabeto de cor e depois as irmãs me corrigiam com a palmatória nos dedos.

— As cerejas — disse. — Quere-las?

— Não posso. Não tenho dinheiro.

— Não é verdade — disse ela, examinando-me com altivez, embora fosse um palmo mais baixa do que eu. — Estás vestida à rica. Até tens sapatos brilhantes. — E apontou para os meus pés, rindo. Tinha uma gargalhada violenta e não se dava ao trabalho de a esconder.

— E então? — retorqui, procurando manter o queixo erguido.

— E então tens dinheiro para as cerejas.

— Eu, não — disse eu. — O meu pai é que tem. Mas não quer que eu compre cerejas.

— Porquê?
Olhei para os sapatos.
— Não quer e pronto.
— Porquê?
— E a ti que te importa?
— Então, leva-as — disse ela de um fôlego.
— Mas como? Já te disse que não tenho dinheiro.
— Leva-as e pronto.

Tínhamos um crucifixo em casa. Um daqueles grandes e escuros que perdera o perfume da madeira e agora cheirava só a cera. A mãe e o pai mantinham-no no quarto, por cima da cama, ao lado das pias de água benta de prata e das fotografias do casamento.

Os olhos do Jesus de madeira viam até ao meu quarto quando os meus pais deixavam a porta aberta, e então eu já não conseguia dormir.

«Jesus está sempre a olhar para ti», dizia a minha mãe depois de me ter repetido mais uma vez aquilo que uma boa menina faz e não faz. Eu, se me vinha à cabeça aquilo a que ela chamava «maus pensamentos», como tirar bombons da taça sem dizer e depois esconder os papéis de prata dourada na jarra sobre a mesinha de cabeceira, fazer fita à hora de ir para a cama ou, antes de dormir, tocar-me entre as pernas, onde se treme, imaginava os olhos tristes do Jesus de madeira e detinha-me, bloqueada pelo medo e pelo sentimento de culpa que me perpassava até aos calcanhares. Sentia-me suja e incorreta porque o Jesus de madeira podia perscrutar a minha cabeça e ver os meus pecados, mesmo aqueles que eu escondia.

No dia em que a Malnascida me dirigiu a palavra pela primeira vez e me disse para levar as cerejas, eu respondi: «Não se pode.»

O mundo era feito de regras que não deviam ser violadas. Era feito de coisas de adultos, enormes e perigosas, de erros irremediáveis que te podiam matar ou mandar para a prisão. Era um lugar assustador, cheio de coisas proibidas, em que tinhas de andar devagar e em bicos de pés, com cuidado para não tocar em nada. Sobretudo se eras mulher.

Aquela rapariguinha angulosa enrijou a mandíbula e disse:

— Olha. Olha para mim agora.

E eu, apesar de sentir em mim uma urgência que me apertava o estômago, fiz como me disse. Olhar para ela era algo que eu sempre fizera. Mas agora era diferente: era ela a pedir-mo.

A Malnascida virou-me as costas e avançou, até sair da sombra da igreja. Os cabelos muito negros brilhavam ao sol e ela levantou a mão como quando na escola se sabe a resposta. Assim que a baixou, de trás de uma coluna surgiram Filippo Colombo, com os seus cabelos lisos e louros, e Matteo Fossati, grande e moreno, com uma camisola de alças de bordas amarelecidas igual à do pai: os rapazes que batiam os pés na água pela Malnascida. Aproximaram-se da banca do senhor Tresoldi, andaram à roda dela a falar sem parar e chamando a atenção. O vendedor de fruta repreendia o filho Noè.

— Animal! — dizia-lhe, aos gritos. — Parece que estás a dormir em pé! — Ele aguentava em silêncio, continuando a empilhar caixotes vazios.

Filippo e Matteo pararam ao lado da banca das cerejas, o senhor Tresoldi parou de praguejar e fitou-os com um brilho ameaçador nos olhos: dois caroços sujos de polpa.

Matteo esticou uma mão para um saquinho de cerejas, pegou numa pelo pedúnculo e levou-a aos lábios, com um gesto lento. Filippo hesitava, Matteo deu-lhe uma cotovelada nos rins e ele dobrou-se como um ossinho partido, depois pegou numa cereja e pô-la na boca depressa, cheio de medo.

— Delinquentes! — gritou o senhor Tresoldi. Meteu uma mão debaixo da banca, retirou uma vara comprida daquelas que se usam para correr as cortinas e arremessou-a contra uma coluna. Perante aquele som, Noè teve um sobressalto e a torre de caixotes que estava a empilhar desabou.

Os dois rapazinhos começaram a correr entre as saias das senhoras e as grinaldas da festa, rindo. O senhor Tresoldi esgueirou-se de dentro da banca e seguiu-os, cego por uma raiva negra. Coxeava agarrando-se à vara, agitando-a alto só quando parava para se apoiar a uma coluna. No último inverno tinham-lhe cortado os dedos de um pé depois de ter adormecido no meio na neve com uma garrafa na mão.

Nada me metia mais medo do que os dedos feridos e negros que tinham cortado ao senhor Tresoldi. Dizia-se que os tinha dado a comer aos gansos no pátio e que desde então eles não queriam outra coisa.

O senhor Tresoldi coxeava no meio da multidão e Noè apanhava os caixotes caídos. A Malnascida deslizou para a banca, agarrou num saco de cerejas e foi-se embora sem correr, transpondo as arcadas em direção à rua, com a inocência de uma santa.

Eu observava-a desaparecer entre a multidão e descobri, quase com despeito, que não tinha morrido.

Nenhuma telha caíra do telhado rachando-me o crânio, nenhum aperto nos pulmões me sufocava, nenhuma paragem cardíaca repentina. Falara com a Malnascida, olhara-a nos olhos e o diabo não me arrancara a alma pelas orelhas.

Quando o vendedor de fruta voltou, com a testa molhada de suor, reparou no vazio deixado pelo saquinho que a Malnascida havia roubado e praguejou. Olhou em seu redor e procurou até no ar, como se aquele saco tivesse sido levado pelos anjos. Bateu com o pé bom no chão, agarrou Noè pelo colarinho da camisa asquerosa e praguejou novamente, como se quisesse abafar o barulho das bofetadas que lhe pespegava.

— Pode saber-se onde é que estavas? — gritou. Noè protegia a cara com os braços levantados, que o pai continuava a espancar. — Havia outro e tu deixaste-o escapar debaixo do nariz, desgraçado!

Enchi-me de coragem e aproximei-me da banca das cerejas.

— Eu vi-o — disse. Tive de repeti-lo antes que o senhor Tresoldi se virasse para mim, a cara como uma *focaccia* esquecida ao sol.

— Tu és a filha dos Strada. — Soltou a camisa de Noè, que perdeu o equilíbrio e caiu. — Então? Para onde foi?

Indiquei as traseiras da igreja, na direção do claustro, e disse:

— Para ali.

Não acrescentei mais nada, porque assim que dizia mentiras custava-me falar e gaguejava nos intervalos entre as sílabas.

O senhor Tresoldi coxeou para o claustro, vi-o desaparecer na sombra da abside até os passos deixarem de se ouvir.

Respirava depressa pela boca, à espera de que, por culpa daquela mentira, a praça se fendesse e me engolisse, ou que qualquer coisa de invencível, como uma enorme mão furada por um prego sujo de sangue, descesse do céu para me esmagar.

Não aconteceu nada. Talvez o Jesus de madeira estivesse distraído e no momento em que eu dissera aquela mentira não me prestasse atenção. Ou talvez não fosse pecado. E se nem debaixo dos pés da Malnascida a terra se abria, também roubar as cerejas do senhor Tresoldi não devia sê-lo. Se ainda não tinha morrido, nem por ter falado com a Malnascida, nem por ter omitido a verdade, então tinham sido os crescidos a contar-me mentiras.

Noè tinha-se levantado, esfregava a manga da camisa contra as faces e olhava-me com um brilho estranho nos olhos.

Andei para trás, com a lentidão de quem joga às escondidas e deve mover-se sem ser descoberto, depois, de supetão, comecei a correr para lá das arcadas e das insígnias festivas, onde a multidão dispersava devagar ao longo da rua que ia até à margem do Lambro.

Vi-os ao longe: três figuras destacadas contra o azul do céu, sentadas na balaustrada da ponte de São Gerardino, que ficava defronte da praça da igreja pintada de branco e conduzia à rua das tabernas.

Aproximei-me. A Malnascida tinha as pernas suspensas no vazio sobre a água escura e apontava para a estátua do santo que haviam prendido no meio do rio, fazendo-a flutuar numa pequena jangada: São Gerardo era feito de madeira e tinha um saco de cerejas pousado ao lado. Estava vestido como um frade, ajoelhado sobre um manto de agulhas de pinheiro. Fora o meu pai que me contara a lenda do seu milagre, o milagre do manto usado como jangada para levar comida aos doentes durante uma cheia, no ano em que a ponte desabara. Por isso é que no dia da sua festa punham a estátua no rio. Quanto às cerejas, deviam-se a um outro milagre: a ocasião em que o santo as fizera aparecer de inverno, quando há neve e os frutos não medram.

Na balaustrada de pedra estava o saquinho de cerejas roubado; tinham já comido mais de metade.

Ao pé da Malnascida, como nos retábulos dos santos, nos altares, à direita e à esquerda da Nossa Senhora, estavam os dois rapazes.

A Malnascida mastigava como os homens, fazendo barulho e com a boca aberta. Em seguida inclinava os ombros e as costas para trás e cuspiu o caroço para longe, para o meio da água escura. Apontava com o dedo para a estátua do santo ou para a pequena cascata mais ao fundo, com os ramos e a lama negra que se fixava na roda do moinho, e ria-se. Os rapazes riam com ela e competiam para ver quem cuspiu mais longe, balançando as pernas para fora da balaustrada.

— Também quero uma — disse eu.

Viraram-se todos ao mesmo tempo.

— Uma cereja têm de me dar.

Matteo e Filippo esquadrinharam-me como se eu fosse uma coisa podre, depois viraram-se para a Malnascida. Foi ela quem falou:

— E porquê?

— Porque te ajudei.

— Não é verdade.

— É, sim.

— Nós é que levámos as cerejas. Tu ficaste só a olhar — disse a Malnascida.

— Não é verdade — repeti. — O senhor Tresoldi virou-se para trás e eu disse-lhe uma mentira. Caso contrário, ele ia encontrar-vos.

— Então as madamas bem vestidas também sabem dizer mentiras.

Apertei o tecido da saia.

— E o que foi que lhe disseste?

— Que tinha ido noutra direção. Para o claustro.

— Quem?

— O ladrão.

— Achas que sou uma ladra? — disse ela. Os seus olhos negros perscrutavam-me.

— Levaste as cerejas — disse-lhe. Mas aquela pergunta, que parecia fácil, lembrava os problemas em que resolves uma operação e tens de fazer logo outra, e mais outra, e nunca chegas à solução e depois tens de recomeçar. — Não lhe deixaste dinheiro — continuei, cautelosa, fitando-lhe os lábios sujos de sumo. — E isso é roubar.

Ela fez rodar o caroço na boca, cuspiu-o para dentro da mão.

— Sabes o que havia antes no lugar da loja do senhor Tresoldi? — perguntou.

Abanei a cabeça. Matteo e Filippo continuavam a comer cerejas e a atirar os caroços para o rio.

A loja do senhor Tresoldi ficava na esquina da rua Vittorio Emanuele, em frente da tabacaria. Depois do rosário, as senhoras do bairro iam fazer as compras à loja dele. Morava nas traseiras, e numa parte do pátio tinha um cão pelado com gengivas vermelhas preso à corrente, e capoeiras com gansos e galinhas.

A Malnascida brincou com um pedúnculo de cereja.

— Havia um talho. Com ganchos para as carnes, cortadora, e o resto. Mas expulsaram o proprietário para o vendedor de fruta abrir a loja.

Matteo ficou com uma expressão sombria, depois virou-se e fitou a água negra.

— Porquê? — perguntei.

— Porque se não tens cuidado os fascistas nem as cuecas te deixam — respondeu Matteo.

Ao ouvir aquelas palavras, Filippo sobressaltou-se, levou o punho aos lábios e começou a morder os nós dos dedos, como se aquela história do talhante a quem tinham roubado a loja fosse culpa sua.

A Malnascida anuiu, solene, pegou numa mão-cheia de cerejas e mastigou-as depressa. Cuspiu os caroços todos de uma vez: fizeram o mesmo som do granizo contra as pedras.

— És capaz?

— Não sei.

— Experimenta — desafiou-me, arranjando espaço para mim no murete ao lado dela.

Apoiei as palmas das mãos na balaustrada e tentei puxar-me para cima dando impulso, mas era demasiado alto e eu continuava a cair.

Filippo fazia oscilar o pedúnculo de uma cereja pelo espaço que tinha entre os dentes da frente, desatou a rir-se e disse:

— Não consegue. — Mas ela calou-o com um olhar e ajudou-me a empoleirar-me puxando-me pelas axilas.

Arrumou o saquinho de cerejas entre as coxas.

— Tira uma e depois cospe o caroço o mais longe que puderes.

Obedeci. Na boca a cereja era mole e sabia um pouco a terra.

— Se o engolires podes até morrer.

— Eu sei — disse eu, mastigando com cuidado e procurando o caroço com os dentes —, não o vou engolir.

— Olha para mim, é assim que deves fazer.

Observei-a, atenta, curvar as costas e puxar os lábios para trás para se preparar para cuspir para longe. Tentei fazê-lo também, mas enquanto o caroço dela e os de Matteo e Filippo iam parar à água perto da estátua de São Gerardo, e inclusive chocavam contra a madeira, os meus caíam ao lado dos pilares da ponte.

— Não sou capaz.

— Só tens de praticar. É fácil — assegurou-me ela. — Experimenta outra vez.

Mastiguei bem, fiz girar o caroço na boca até o limpar com a língua da pátina sumarenta e o sentir liso contra o palato.

— Eh! Vocês! — gritaram do fundo da ponte.

O senhor Tresoldi tinha as faces arroxeadas, as mangas da camisa arregaçadas descobriam os braços grossos, cheios de pelos escuros.

— São vocês que me roubam as cerejas, malditos?

A Malnascida estremeceu, mas foi rápida a empurrar o saco de cerejas fazendo-o cair no Lambro, limpando os lábios às costas da mão.

O senhor Tresoldi aproximava-se, tanto que podia já sentir o seu bafo malcheiroso, e dei-me conta de que era a única que ainda tinha o caroço entre os dentes e a língua.

— Foram vocês, não é verdade? Delinquentes, eu sei. São sempre vocês. É inútil fingirem. — O vendedor de fruta estava agora à nossa frente, imponente como o ogre dos contos de fadas. — Abram a boca. Já.

A Malnascida obedeceu e deitou a língua de fora. Filippo e Matteo fizeram o mesmo.

Eu sentia no palato a dureza do caroço e não tinha sequer coragem de respirar.

O senhor Tresoldi estava a ficar cada vez mais vermelho e mau enquanto inspecionava as bocas vazias e limpas da Malnascida e de Matteo: deviam ter passado a língua pelos dentes para tirarem a cor do sumo. Quanto ao filho do senhor Colombo, nem sequer o tinha em consideração, como se, ao chamar-lhe delinquente, tivesse medo de

faltar ao respeito a um nome que não se devia sujar. Em seguida virou-se para mim.

— E tu? Se não me dizes quem roubou as cerejas, vou contar à tua mãe. E se não abres já a boca, vais ver!

A Malnascida e os dois rapazes observavam-me. Eles com uma expressão entre o divertido e o espantado, mas também com o medo que corta a respiração, ela com os olhos como seixos de rio e a cara séria.

Não queria que pensasse que eu tinha medo e que nunca poderia ir com eles apanhar peixes no Lambro.

Empurrei a língua contra os dentes de baixo para apanhar a saliva e engoli o caroço.

Se calhar ia morrer, inchada e roxa da falta de ar. Se calhar era o que merecia. Mas senti só um ligeiro raspar na garganta e uma leve dor no meio do peito, e depois nada mais. Tinha a boca vazia e seca e, perante o vendedor de fruta, que gritava: — Então, do que é que estás à espera? —, escancarei-a e deitei a língua de fora, precisamente como a Malnascida fizera.

Indagou-nos um por um, com extrema lentidão, virou-se para a praça como se procurasse testemunhas que nos pudessem condenar. Eu tinha a certeza de que se não estivéssemos num dia de festa, no meio de toda aquela gente, ter-nos-ia arrancado a pele como fazia com os espinhos das alcachofras. Ainda a sua raiva não se aplacara, quando voltou a olhar para mim.

— Não te fies — disse, apontando para a Malnascida, fazendo uma carranca. — Deves ficar longe dela. Ou acabas também com a cabeça rachada.

3.

Falavam dela fazendo o sinal da cruz nos lábios ou um gesto raivoso com a mão como que a enxotar uma vespa, como se lhe tivessem medo. Dela, de uma rapariguinha que teria de repetir o quinto ano, os adultos falavam como de uma doença má, de um bocado de ferro ferrugento, daqueles que, quando te cortas, te provocam febres altas e morres.

Via-a chegar aos jardins e espiava-a, tentando lançar-me cada vez mais alto com o baloiço, enquanto a minha mãe falava com as amigas, sentadas à sombra dos cedros, os chapéus sarapintados do sol que passava por entre as folhas, as luvas brancas. A mãe da Malnascida nunca a acompanhava. Vinha com ela Ernesto, o irmão mais velho, que acabara de fazer vinte anos e se deslocava para o centro de bicicleta, pedalando sem tocar no selim, mais rápido do que os carros mesmo nas subidas, as pernas fortes. Tinha mãos grandes, cabelos escuros, e o pó negro da fábrica que se lhe incrustava nos sulcos do rosto. Sentava-se à parte, no único banco completamente ao sol. Ela balançava-se nos ramos do carvalho e trepava mais alto do que os outros; ele fumava um cigarro em silêncio e vigiava-a.

Quando eu perguntara por que razão não podia ir balançar-me nas árvores com ela, a minha mãe agarrara-me por um pulso e dissera-me que eu não devia estar com a Malnascida: dava azar.

Onde ela estava tinham acontecido coisas más, coisas a que a mãe chamava, baixando a voz como fazia para as palavras belas e difíceis, «desgraças». Aquelas coisas que acontecem nas casas onde penduram a ferradura ao contrário e, em vez de afugentar os desastres, os atraem a si. «Perigosa como Satanás», dizia a minha mãe, deixando entrar nas conversas aquele seu dialeto que já quase não usava, porque as outras senhoras a olhavam de cima a baixo e riam discretamente, cobrindo os lábios com a mão calçada pela luva elegante.

— Não acredito — dissera eu. — Porque é que ela não pode ser minha amiga?

Foi assim que a minha mãe me contou a história do menino que caíra da janela e já não se levantara. Era uma daquelas histórias passadas de boca em boca entre as mãos que descansam à sombra, tagarelando ao ritmo do abanar dos leques. Uma daquelas histórias que se alimentam de palavras emprestadas, sussurradas às escondidas.

Acontecera num dia em que a Malnascida tinha sete anos e estava a brincar na cozinha com o irmão Dario, de apenas quatro anos. A senhora Merlini, a mãe, saíra e deixara-os sozinhos o tempo de ir pedir sal à vizinha. Quando voltara, Dario já não estava ali. Procurara-o debaixo das camas e nos armários, entre a roupa suja e por trás das cortinas insufladas pelo vento. Depois, perguntara à menina, que ficara o tempo todo de pé, a observá-la:

— Onde está? Onde está o teu irmão?

Ela levantara uma mão e apontara para a janela.

— A culpa não é minha — dissera.

Então, a senhora Merlini debruçara-se e olhara para baixo. Dario estava no pátio, quatro pisos abaixo, com o sangue a sair-lhe negro e brilhante pela boca e pelos ouvidos.

4.

A minha mãe queria que eu tivesse medo daquela rapariguinha suja para me obrigar a não lhe falar. Por isso me contara do irmãozinho que caíra, e dissera-me ainda da vez em que a colega de carteira da Malnascida se pusera a gritar a meio de um ditado e batera com a cabeça na carteira, uma e outra vez, até entornar o tinteiro e ficar com uma têmpora a sangrar, enquanto a saliva lhe caía da boca. E de quando a régua de madeira que a professora usara para bater na Malnascida se tinha partido, espetando-se na carne entre o indicador e o polegar, e o sangue esguichara por cima do mapa de Itália. A ferida infetara e a professora correria o risco de nunca mais poder escrever nada no quadro.

Esperava que, depois daquelas histórias assustadoras e cheias de sangue, eu deixasse de procurar a Malnascida, pois, caso contrário, mais cedo ou mais tarde ela lançar-me-ia uma maldição, porque é o que fazem as bruxas.

Mas obtivera o efeito contrário de eu a sentir mais próxima de mim: também a Malnascida tinha tido um irmão que morrera e talvez também ela sentisse o peso de ainda estar viva.

Do meu irmão, a minha mãe dizia que não devíamos falar. As únicas vezes em que se pronunciava o nome dele eram o dia dos mortos e o dia 26 de abril, em que se ia deixar um ramo de gladiolos sobre a lápide branca ao fundo da alameda dos plátanos.

Quando ele nascera, a mãe pusera no berço duas tangerinas e um saquinho de rebuçados com papel colorido.

— A cegonha trouxe um menino para nós e doces para ti — dissera.

Mas, embora a cegonha não se tivesse esquecido de mim, eu odiava-o. Fazia demasiado barulho, era vermelho e gordo e não conseguia estar em pé sozinho. Acordava-nos aos berros todas as noites e a mãe estava sempre cansada. Dizia que eu também era assim

em pequena, mas eu não queria acreditar. Desde que ele chegara, eu tinha deixado de existir.

Não fiquei triste no dia em que ele morreu e tive de puxar pelas lágrimas à força para não dar um desgosto aos meus pais.

Pusera-se da cor das ameixas maduras e a certo ponto deixara de conseguir respirar, como se tivesse engolido o caroço de uma cereja e este lhe tivesse ficado preso na garganta. Depois de o médico nos ter dito que ele não tinha salvação, a mãe mordera, desesperada, os lençóis.

Se me pedissem para descrever a minha mãe, de uma coisa teria a certeza: não era feliz. E não o fora nem antes de a doença ter consumido os pulmões do menino que nem por um ano sequer fora meu irmão. Nos raros momentos em que estava serena, recitava as frases dos filmes que vira no cinema ou excertos de peças de teatro no seu dialeto. Abria os armários, envolvia-se nos xailes mais belos, com borlas e flores de seda. Mostrava-me fotografias antigas em álbuns com papel que fazia frufu e em que eu não podia tocar, pois caso contrário rasgava-se, e dizia: «Olha para a tua mãe. Olha como era bonita.» Falava-me de mulheres que não eram mulheres verdadeiras, mas que para ela o eram mais do que a professora primária: Dido e Greta Garbo, Marlene Dietrich e Medeia. Todas lindíssimas e trágicas. «Em tempos também fui como elas», dizia.

Conhecera o meu pai no Teatro Petrella de Nápoles, no período em que ele estava de férias com os primos e ela atuava no *Sposalizio*^[1]. Gostava de me contar como se tinha deixado seduzir por aquele homem que tinha nos olhos a cor do nevoeiro do Norte e que, julgava, a faria tornar-se uma atriz de cinema. Agora, daqueles desejos não restava senão um vago sentimento de tragédia. A beleza, por sua vez, havia desaparecido, porque o inchaço do ventre e das faces, que acumulara para dar ao meu pai os filhos que queria, lhe ficara agarrado à carne mesmo passados anos.

Os médicos disseram que fora culpa das férias na praia, que o meu irmão apanhara lá a doença que lhe paralisara os pulmões, fazendo-o afogar-se dentro de si mesmo. Após aquele verão em que a poliomielite o tinha devorado, nunca mais fôramos fazer férias na

praia e o meu pai decidira levar-nos para a montanha, para «respirar ar puro».

A minha mãe começou a refugiar-se cada vez mais nos próprios silêncios: cuidava da sua aparência como um dever autoimposto. Seguia uma dieta rígida e tinha o cabelo penteado à *garçonne*, com uma madeixa em forma de vírgula sobre as têmporas. O meu pai odiava-o. Dizia que uma mulher não devia usar cabelo curto, não ficava bem. A mãe escondia as revistas de moda debaixo do colchão. Eram a sua bíblia, a sua cartilha. Punha-se ao espelho, no pufe bordado, e lambia a ponta do indicador para testar a temperatura do ferro com que frisava o cabelo.

O meu pai quase não lhe falava. Mantinham-se quietos e distantes como velhos cães que tinham vivido no mesmo pátio, mas que se haviam cansado do cheiro um do outro. Devia haver dias em que se lembrava de a ter amado, percebia-o pelo modo como lhe dava o braço para descer as escadas, como se demorava no quarto enquanto ela atava as fitas do vestido. O fumo do cachimbo ocultava-lhe o rosto, os cabelos rareavam nas têmporas, onde o *Fedora* que usava sempre, em todas as ocasiões, deixava um sulco. Quando estava nervoso, acariciava os nós dos dedos com movimentos circulares cada vez mais pequenos. Passava pouco tempo em casa, saía de manhã sem tomar o pequeno-almoço e voltava à hora de jantar, esgotado do dia passado na chapelaria.

Em casa estávamos sempre entre mulheres: eu, a minha mãe e as criadas. Depois viera a onda lenta da crise que, dizia o meu pai, partira da América e dos seus bancos. Em março de 1932, tivemos de nos mudar para uma casa mais pequena, na zona do largo Mazzini, e ficámos só com a Carla, que se queixava das pernas inchadas e tinha ar de camponesa, mas custava pouco.

A mãe passava sozinha os vestidos e ficava à frente do toucador do quarto para tentar manter aquele seu papel de senhora; o meu pai passava cada vez mais tempo na fábrica, os seus nós dos dedos tinham-se tornado brilhantes e as suas ausências, insuperáveis.

Eu escondia-me no armário, onde havia bastante espaço para me aninhar, entre as camisas limpas e as barras de sabão. Tinha de ter a certeza de que a porta estava fechada, de modo que houvesse apenas

uma nesga de luz, e então começava a gritar. Esborrachava a cara numa camisa do meu pai. Depois, sentia-me melhor. Mas apenas por pouco tempo.

Sempre apreciara a solidão, mas, conforme ia crescendo, ia-me dando conta de que a cada dia da minha vida, em vez de crescer juntamente com o meu corpo, o meu peito e as minhas coxas, ia ficando mais pequena, cada vez mais pequena, a ponto de desaparecer.

Tudo mudou depois daquele dia de junho, quando, com o medo de morrer, engoli o caroço da cereja e olhei para a Malnascida.

Era a primeira vez que alguém me olhava nos olhos e parecia dizer-me: «Escolhi-te.»

¹ Obra teatral do ator e dramaturgo napolitano Raffaele Viviani (1888-1950). (*N. da T.*)

5.

Voltei a encontrá-la na minha rua na manhã seguinte: tinha um vestido demasiado largo que lhe deixava um ombro à mostra, levava pela mão uma velha bicicleta de corrida enferrujada, com o guiador retorcido como um par de cornos. Fui à varanda depois de ter ouvido a sua voz gritar de fora:

— Madama das cerejas, vem cá abaixo.

Tinha os pés descalços, a camisa de dormir roçava-me os tornozelos; ela olhava para cima com uma mão inclinada sobre a testa para se proteger da luz.

— Olá — disse ela, dando com a barriga da perna no pedal.

— Como é que sabias onde eu morava?

— Sei muitas coisas, eu.

Continuei a fitá-la, agarrada ao parapeito.

— E então, desces ou não?

— Para quê?

— Para ir ao Lambro.

Hesitei:

— Juntas?

— E o que é que eu vinha aqui fazer, caso contrário?

De dentro de casa, os ruídos da Carla a lavar a louça na cozinha e da máquina *Singer* a ranger baixinho na sala. A minha mãe cantava como uma soprano no teatro: «*Oje vita, oje vita mia, oje core 'e chistu core si' stata 'o primmo ammore e 'o primmo e ll'urdemo sarraje pe' me.*» O meu pai tinha saído antes de eu acordar, deixando só o odor seco do tabaco do seu cachimbo, que impregnava as cortinas e os tapetes.

Um elétrico passou com estrépito a um palmo das costas da Malnascida, levantando-lhe a saia, mas ela nem pareceu dar-se conta.

— Vens? — gritou, para se fazer ouvir por cima do ruído.

— A minha mãe não me deixa.

Já a ouvia: «Uma menina bem-comportada só sai para fazer recados e ir à igreja.»

— Então não lhe digas.

Verifiquei dentro de casa, depois fora. Poderia pegar numa cortina e usá-la para ir deslizando para baixo, ou então escorregar pelo algeroz ou roubar as chaves da bolsa da minha mãe e sair sem ser notada. Pensei no que teriam feito Sandokan, o Corsário Negro ou o Conde de Monte Cristo. Mas permaneciam silenciosos no meu quarto, nos livros de lombada vermelha, contidos dentro das suas aventuras em lugares demasiado longínquos, enquanto eu estava ali, na varanda, só com a camisa de dormir em cima, e não era capaz de trepar nem às árvores. Além disso, eles eram homens, e eu não podia ser senão uma mulher. E as mulheres eram feitas para serem salvas.

Virei-me para a Malnascida e disse:

— Não posso.

Ela coçou a mancha que tinha do lado do rosto, como se fosse uma ferida que voltara a arder, e depois encolheu os ombros.

— Como queiras.

Virou a bicicleta, pôs um pé no pedal dando impulso. Disparou como uma seta até à rua do mercado pedalando sem tocar no selim, precisamente como o seu irmão, com as costas dobradas, o vento a insuflar-lhe a saia. Enfiou-se entre dois grupos de donas de casa que levavam cestas de compras, fazendo-as debandar como pombos assustados, e desapareceu atrás do bloco compacto do elétrico.

Voltei para casa e fechei a janela, corri as cortinas. Do fundo da sala a minha mãe levantou a cabeça da máquina de costura, parou o pé que movia o pedal e perguntou:

— Quem era?

— Ninguém.

— Espero bem que não — aprovou, voltando ao trabalho. — Ainda és muito nova para teres um pretendente — disse ao tecido escarlate que esticava com os dedos. — É preciso saber defender-se. Ainda não és mulher, mas tens de ter cuidado com os homens.

— Eu sei — disse eu, ainda que não compreendesse toda aquela conversa da minha mãe sobre ser mulher. Um dia deixaria de ser o que era e tornar-me-ia outra. Talvez com uma obsessão pelas boas

maneiras, como ela. Esse dia apresentava-se-me cheio de mistério e vergonha, e incutia medo.

Esgueirei-me por entre a floreira com aspidistra e terra seca que a mãe se esquecia de regar, porque as coisas vivas eram aquelas a que prestava menos atenção. Tive de me pôr de lado para passar entre o grande móvel de raiz de nogueira e a mesa de patas de leão que ocupava a sala inteira.

Embora na casa nova tivéssemos apenas quatro divisões, a mãe não quisera abandonar nenhuma das nossas coisas e, assim, dentro daquele apartamento apinhado de móveis, estatuetas de estanho, painéis de cobre e Nossas Senhoras entalhadas, parecia que estava num ferro-velho. No entanto, todos os objetos brilhavam e não se via um grama de pó.

Cheguei à cozinha. A Carla mexia algo numa tigela; nos seus dedos tinha-se aglomerado a farinha amassada com água e manteiga. Trazia ao pescoço um crucifixo de ouro, era sólida e forte, pedia só trinta liras por semana e sorria com uma fileira de dentes brilhantes. A mãe, contudo, ficava embaraçada com o seu sotaque bergamasco rude e granuloso e as suas pernas atarracadas.

— Estás triste, minha linda? — disse ela, com aquele sorriso que lhe animava o rosto.

Dei de ombros e abanei a cabeça.

Ela beliscou-me uma bochecha com os dedos, deixando-me uma mancha de farinha.

— A mim podes dizer-me.

Continuei, calada, a desenhar círculos no monte de farinha que ficara sobre a mesa.

A Carla deu um suspiro daqueles longos, depois voltou a amassar.

— Passa-me os ovos — prosseguiu, indicando com o queixo a prateleira ao lado da banca, onde estavam a garrafa de vidro do leite, o pacote de farinha e uma caixa de cartão com seis ovos. — E tem cuidado, porque não há mais.

Foi então que me veio a ideia.

— Aqui estão — disse eu, e estiquei um braço para a mão que a Carla me estendia, mas soltei a caixa demasiado cedo; os ovos partiram-se, o cartão molhou-se.

— Ai, meu Deus, o que é que fizeste? Tinha-te dito que eram os últimos! E agora, o que é vou dizer à senhora?

Desculpei-me:

— Posso ir eu comprá-los.

Ela franziu o sobrolho.

— E desde quando queres ir tu fazer as compras?

Peguei no pano húmido que pendia da banca e baixei-me.

— Deixa. Eu faço isso — disse a Carla. — Vai pedir à senhora o dinheiro para os ovos, que a tarte tem de estar pronta para o almoço.

Regressei à sala com um nó na garganta, aproximei-me da máquina de costura da mãe, os meus pés descalços a afundarem-se no tapete. Só me prestou atenção quando fiquei a um passo dela. Parou de dar balanço ao pedal e observou-me.

— O que é que se passa agora?

— A Carla disse que tenho de ir comprar ovos.

— Impossível. Diz-lhe para procurar no louceiro, acabaram de chegar. — Voltou a pôr a *Singer* em andamento tocando ao de leve na roda e pressionando o pedal de ferro.

Engoli uma bola de saliva e repliquei:

— Partiram-se.

— Como assim, partiram-se? — explodiu a minha mãe, batendo com a mão no tampo.

— Fui eu, senhora. Desculpe-me — disse a Carla, saindo da cozinha enquanto limpava as mãos ao avental.

O rosto da minha mãe contraiu-se. Levantou-se sem dizer uma palavra e dirigiu-se lentamente para o toucador no corredor, apertando o cinto do robe à cintura.

Procurava, resmungando, o porta-moedas na bolsa de pele de avestruz.

— Eu bem dizia ao teu pai que devíamos ter ficado com a Lucia, e não com a Carla. Com esta é só desastres. É uma vergonha — concluiu, tirando o porta-moedas.

Atirou-me para a mão a moeda de cinco liras com o desenho da águia.

— Já que vais lá, traz a caixa de doze. Diz ao vendedor de fruta que te mando eu e que é suficiente. E vê se te despachas.

Antes de correr para o quarto para me vestir, olhei de relance para a cozinha, onde a Carla estava de pé à porta e olhava para mim. Esbocei um «obrigada» mudo, apertando a moeda de prata, com um sentimento de culpa pegajoso como alburno cru.

Lá fora o sol queimava e o ar estava imóvel.

As pessoas enchiam as ruas, cheirava a suor, ouvia-se a vozearia da multidão junto às lojas e o chiar do elétrico que se dirigia para o centro.

Pusera o vestido estampado com folhas de carvalho e, ao pescoço, a corrente de ouro da comunhão. Caminhava a passos rápidos pela rua Vittorio Emanuele e penteava o cabelo com os dedos. Pela primeira vez queria que dissessem o meu nome e apontassem para mim, sussurrando: «Que bonita que se tornou!»

Envergonhava-me passar diante da loja do senhor Tresoldi. Passei-a com a mão sobre o rosto e os ombros curvados. Depois comecei a correr: ao fundo da rua os dois leões de pedra com as patas cruzadas fitavam-me das colunas laterais da ponte.

Debrucei-me da balaustrada e olhei para baixo, para o meio das pedras e da água do Lambro, que naquela estação era uma risca escura e fina. Estavam todos lá: Filippo tinha os pés na água, os sapatos tombados na margem com as meias enroladas lá dentro, uma mão cheia de pedras que lançava em linha reta para o rio. Matteo cravava um ramo grosso no meio dos seixos salpicados de lama e a Malnascida estava sentada a examinar um regador de metal.

Foi ela que reparou em mim primeiro. Levantou uma mão e disse apenas:

— Desce. — Como se estivesse à minha espera.

— Por onde?

Apontou para um lado da margem onde a hera era densa e as pedras haviam desabado.

— Não consigo descer por ali.

— Consegues, sim. — E voltou a inspecionar o regador enfiando uma mão lá dentro.

Virei-me para olhar para as pessoas que passavam, mas ninguém reparava em mim ou nos miúdos no Lambro.

Transpus a ponte mantendo-me rente à balaustrada, que se estreitava e deixava entre as colunas espaços suficientemente largos para se conseguir passar. Cheguei ao sítio onde o muro da margem tinha desabado e faltavam tijolos. Com cuidado, podia apoiar os pés nas interseções dos ramos da hera e descer até ao fundo. Mas nunca tinha feito uma coisa do género, e dali até ao chão era um salto daqueles em que, se por acaso caísse, o crânio se te abria como um ovo e já não voltavas para casa.

— De certeza que não há outra maneira? — gritei.

Filippo e Matteo desataram a rir-se, depois retomaram o que estavam a fazer como se não existisse nada mais importante no mundo: arremessar pedras à água e cavar no meio da lama com um pau. A Malnascida parecia ter-se esquecido de mim: dali só conseguia ver as suas costas, as omoplatas angulosas que despontavam do decote do vestido.

Então, tomei fôlego e rezei. Fi-lo depressa e sem prometer nada em troca a Jesus. Em todo o caso, não pedia um milagre: só pedia que não caísse ou, pelo menos, que a Malnascida não se virasse e se risse de mim.

Agarrei-me aos colunelos de pedra, as pernas suspensas. Tentei esticar uma, mas ainda não chegava aos ramos. Virei-me, as costas para o rio, e comecei a descer, lentamente, procurando às cegas onde pôr os pés. Respirei novamente, depois olhei para baixo e senti uma náusea, então estiquei o pescoço enquanto me entrava no nariz o bafio escuro da água e da lama.

Quando cheguei ao chão, os joelhos cederam. Pus-me em pé, sacudindo o pó da saia. A Malnascida viu-me avançar a custo entre as pedras e dirigiu-me de novo o sorriso com que me fitara um dia antes na ponte de São Gerardino. Levantou-se e secou as palmas das mãos contra as coxas.

— Sabia que vinhas.

— Eu também — disse Filippo, e arremessou outra pedra, que ressaltou em dois círculos antes de ser engolida pela água.

— Não é verdade — refutou Matteo.

— É, sim.

— Não é, não. — Matteo usou o pau para deslocar uma rocha, virá-la e trazer à luz a terra negra e molhada, trabalhada pelas minhocas.

— Tu é que dizias que ela não tinha coragem — replicou Filippo.

— E tu dizias que estava morta de certeza.

— Como assim? — perguntei, com o coração a bater-me na garganta.

— Ele é que disse. — Matteo levantou o pau para apontar para Filippo, salpicando-lhe de terra a camisa limpa.

Filippo arremessou outra pedra.

— O meu pai afirma que, se comeres os caroços da fruta, cresce-te uma planta no estômago que te sai pelos ouvidos e pelo nariz, e não consegues respirar. A mesma coisa acontece aos mentirosos.

A Malnascida deve ter lido o susto nos meus olhos, porque se chegou a ele e lhe deu um murro num ombro.

— Tu, está calado, que não sabes nada.

Filippo ganiu como um cão e massajou a zona entre o ombro e a clavícula, mordendo o lábio inferior com os dentes, separados por um espaço tão largo que quase podia passar por lá um dedo.

Matteo riu-se.

— És delicado como uma menina.

A Malnascida avançou para ele, arrancou-lhe o pau e atingiu-o atrás dos tornozelos, fazendo-o cair com o rabo no chão. Ele gemeu baixinho enquanto ela deitava fora o pau e se virava de novo para mim.

— Então, vens connosco?

— Convosco? Onde?

— Já te mostro.

Foi buscar o regador. Pô-lo ao braço e ergueu-o sem esforço.

— E as minhocas? — disse Matteo, apontando com o queixo para um buraco de terra escura.

— Já não fazem falta — despachou-o a Malnascida. — Arranjamo-nos com estas.

Baixou-se para apanhar as sandálias e usou as tiras de couro para as colocar à volta do pescoço, depois começou a caminhar ao longo da margem, deixando para trás a ponte. Levava consigo o regador, toda

curvada para um lado para lhe suportar o peso. Matteo e Filippo seguiram-na, um recuperou os sapatos, o outro, o pau. Nenhum deles se ofereceu para carregar aquele peso por ela.

Corri também atrás dela e alcancei-a. Com os meus sapatos de sola lisa e as meias limpas, sentia-me deslocada, mas esforcei-me por ostentar um tom seguro, como o seu, e perguntei-lhe:

— O que é que tens aí dentro?

— Peixes — respondeu a Malnascida —, mas hoje só apanhámos três.

— E o que fazem com eles? — perguntei, olhando para a linha de água negra onde se mexiam clarões de prata.

— São para apanhar lagartos.

— Os peixes?

— Os peixes.

— E o que têm os peixes que ver com os lagartos?

— São para os gatos — precisou ela, como se dissesse que o céu estava em cima e a terra em baixo.

— Os gatos?

— Depois vais perceber — disse, e acelerou o passo, até eu conseguir ver só as suas costas, o regador que lhe batia contra a anca e as marcas molhadas que deixava nas pedras.

Avançámos em silêncio como que em procissão, a Malnascida à frente e nós atrás. Se se virava para se assegurar da nossa presença, eu vislumbrava a mancha que tinha na têmpora, entre o olho e a orelha, e que descia até ao queixo. O meu pai dissera-me que se chamava «angioma» e significava que debaixo da pele estava doente. A minha mãe dissera que era o sinal dos lábios do diabo e que, se pensasse na Malnascida, pecava. Qualquer outro teria escondido com o cabelo aquele sinal que podia ser simultaneamente uma doença e uma maldição. Ela, não.

Rodeavam-nos os barulhos da vida do Lambro que me assustavam: o arrastar dos ratos, os gritos roucos dos patos e o gotejar da água ampliado pelo eco, à sombra húmida das pontes.

A Malnascida parou mal chegámos àquela a que chamavam «a descida da cascata», o ponto em que o leito do Lambro se curvava numa inclinação em meia-lua e em que, em tempo de cheia, a água

gorgolava e espumava. Agora, pelo contrário, com o rio seco, dividia-se em finos regatos. A Malnascida pousou o regador, apontou para a frente. Era ali, nos espaços de pedra seca onde crescia a erva selvagem, que estavam os gatos. Alguns estiraçavam-se sobre a pedra ardente, outros vagueavam entre a erva alta e bufavam.

— Agora, vê — disse a Malnascida. Arregaçou a manga do vestido e remexeu no regador. Pegou num dos peixes e apertou-o, depois, pé ante pé, aproximou-se dos gatos.

Fiquei a observá-la enquanto se baixava. Acercou-se de um dos gatos, preto como pão carbonizado, de olhos brancos e brilhantes, que eriçou a cauda. Entre os dentes tinha um grande lagarto, de um verde luminoso. A Malnascida levantou o peixe e ofereceu-o ao animal, que largou o lagarto e deu uma patada para cima no momento em que ela atirava o peixe para longe. O gato disparou, a Malnascida fez o mesmo, com movimentos rápidos. Lançou-se para o meio da erva, e pôs-se logo em pé.

— Olha, que grande — gritou, enquanto o lagarto se lhe agitava na mão. Com a outra mão pegou-lhe na cauda e arrancou-a. Segurava-a entre o indicador e o polegar, e a cauda continuava a enrolar-se à volta dos seus dedos.

Filippo e Matteo pescaram no regador.

— Agora vou apanhar um ainda maior — desafiou-a Filippo.

— Tu, tu deixa-los fugir a todos — replicou Matteo, rindo com a sua gargalhada forte e erguendo um dos peixes. Entretanto, Filippo atrapalhava-se, às apalpadelas dentro do regador.

Matteo e a Malnascida lançaram-se pela descida às cotoveladas, e não se percebia se estavam a competir para capturar lagartos ou para se encherem de arranhões dos gatos.

Voltaram com as mãos cheias de caudas de lagarto, esticando os braços para compararem e contarem as respetivas feridas.

Filippo, por sua vez, tinha as mangas da camisa molhadas, as mãos vazias. Permanecia à parte, pontapeando tufos de erva e assustando os gatos.

— E que fazes tu com elas?

— Guardo-as — respondeu a Malnascida, metendo as caudas no bolso —, como troféus.

— Onde as guardas?

— Debaixo da cama. Num frasco com vinagre. — Passou dois dedos por um dos arranhões, chupou as pontas dos dedos, em seguida perguntou-me: — Queres experimentar também?

— Acho que não sou capaz.

— Tem medo. É mulher — disse Matteo, e cuspiu aquela palavra como se fosse um bocado viscoso de gordura da carne, que, por muito que te esforces, não consegues engolir. À Malnascida não lhe chamava isso.

— Não tenho medo, não é verdade — disse eu, com raiva.

A Malnascida fez um sorriso descarado.

— Mostra-me.

— Não querem brincar a uma coisa diferente? — arrisquei, evitando o seu olhar.

— A quê? — disse Filippo, que era talvez o primeiro a não se divertir com aquele concurso de apanhar caudas.

— Não sei. A alguma coisa sem lagartos — disse eu, com um encolher de ombros. — Podemos fazer de conta que aquilo é o barco e nós os piratas, como nos romances do Corsário Negro. — E apontei para um grande tronco caído de través no declive.

— Não — atalhou a Malnascida. E ficou de repente com uma cara séria, com uns olhos capazes de matar.

— Porquê? — perguntei, mas tinha a boca seca.

— Porque eu disse.

— Nunca brincamos a fazer de conta — explicou Filippo, sacudindo os ombros.

— Porque não?

— Porque é perigoso — disse Matteo, pondo-se a brincar com as caudas que tinha na mão.

— Perigoso? — perguntei.

A Malnascida já não me prestava atenção. Fixara o olhar para lá do Lambro, e para além da ponte, como se estivesse à procura de alguma coisa que perdera.

Foi naquele momento que os sinos da catedral começaram a tocar. Contei-os: doze badaladas. Doze badaladas, e eu ainda não tinha comprado os ovos.

A Carla não teria a tarte terminada para o almoço e a mãe culpar-me-ia. Ou talvez fosse a Carla a ser castigada por minha causa.

— Tenho de ir — disse, afundando a mão no bolso onde guardara a moeda.

— Onde? — perguntou Filippo.

— À loja do senhor Tresoldi comprar ovos — respondi, e engoli uma bola de saliva. Só de pensar nisso o medo alojava-se-me nas vísceras. — Deixei cair os que tínhamos em casa para poder sair — continuei, em busca da aprovação da Malnascida.

Ela desatou a rir-se.

— Deixaste-os cair de propósito?

Limitei-me a anuir.

A Malnascida levantou o queixo.

— Vou contigo.

— Mas não tens medo?

— De quê?

— Do senhor Tresoldi. Ele lembra-se de que lhe roubaram as cerejas. Sabe que foram vocês.

— Eu não tenho medo de nada.

6.

Caminhámos lado a lado pela rua Vittorio Emanuele, distanciando-nos da ponte. Eu com as mãos nos bolsos, a Malnascida a manobrar a bicicleta, mantendo-se de pé sobre um pedal. As pessoas viravam-se. Não estava habituada àquele tipo de olhar e senti-o sobre mim como uma camada de sujidade. A Malnascida, pelo contrário, ia de cabeça erguida e parecia não reparar.

— Estás a sangrar.

— E daí? — Levantou um braço e pôs-se a lamber o longo corte empolado e avermelhado que se lhe abrira do pulso até ao cotovelo. — Assim o ardor passa mais depressa.

A loja do senhor Tresoldi ficava ao fundo da rua, tinha um letreiro de chapa de ferro, cartazes de latas de concentrado de tomate e os vidros da montra todos opacos por conta de uma limpeza apressada, feita com água e papel de jornal.

A Malnascida encostou a bicicleta perto dos caixotes de fruta empilhados à entrada e subiu os três degraus.

— Vens? — Fez um gesto, como se dissesse: «Eu cá não espero por ti.»

Juntei-me a ela e forcei-me a entrar; uma sineta tilintou ao passarmos. Lá dentro, sentia-se o cheiro a terra das batatas, havia latas de conserva empilhadas nas prateleiras mais altas e garrações de vinho; o ar era húmido e quente. De pé, num escadote de ferro encostado à parede com as prateleiras de conservas *Cirio* e um calendário do Duce, estava Noè, de suspensórios desapertados e um frasco de doce de morango na mão. Voltou-se com um suspiro mal nos viu.

— Já vou — disse, das traseiras da loja, o senhor Tresoldi.

Entrou pela porta de vidro martelado com a inscrição: «Não entrar». Do outro lado chegavam os ruídos do pátio: o ladrar do cão, o bater de asas dos gansos. Esfregava os dedos com um trapo enegrecido ao aproximar-se com os seus passos desconexos.

Avançou, à luz baça filtrada pelo vidro da montra, e foi então que nos reconheceu. Os olhos puseram-se-lhe duros e finos, as mãos largas tinham o dorso retalhado dos espinhos das alcachofras e sujidade debaixo das unhas.

— O que é que estão aqui a fazer, vocês?

Sentia na boca o sabor ácido de quando a mãe me fazia tomar magnésia.

A Malnascida deu-me uma cotovelada. Engoli o medo e disse:

— Preciso de comprar uma caixa de ovos. Daquelas grandes. Sou a filha da senhora Strada. Venho a mando dela.

— Eu sei quem és — retorquiu ele, atirando o trapo para cima de um ombro; depois apontou para a Malnascida —, e também sei quem é essa. Pode ser pequena, mas supera o diabo em astúcia^[2].

A palavra «diabo» assustou-me.

— Ela trouxe dinheiro — disse a Malnascida, levantando o queixo.

— Ela paga os ovos, e tem obrigatoriamente de lhos dar.

Abri a mão com as cinco liras lá dentro e mostrei-lhas.

O senhor Tresoldi olhou-nos de cima a baixo, um longo olhar silencioso. Tinha a certeza de que nos racharia a cabeça com o quebra-nozes de ferro pendurado no gancho ao pé do saco das avelãs, mas em vez disso passou a língua pelos dentes e disse:

— Eu aos ladrões não vendo sequer um caroço de maçã. A quem rouba, uma vez que seja, não se perdoa.

— E a si, que roubou o talho ao senhor Fossati, quem o perdoou?

— replicou, de um fôlego, a Malnascida.

O senhor Tresoldi bufou pelas narinas e indicou a saída, rosnando:

— Não voltem cá outra vez, ou vão ver o que vos faço. Dou-vos de comer aos gansos.

Saímos precipitadamente, eu de ombros baixos e mal conseguindo respirar, a Malnascida a bater de propósito com os pés nos ladrilhos. O senhor Tresoldi, de dentro da loja, gritou:

— Cuidado para não cortares a cauda, Malnascida.

Só parámos por baixo dos degraus. Ela mostrou a língua, depois disse-me:

— Não chores. Chorar é para os idiotas e não adianta.

— Não consigo. — Funguei, limpei as lágrimas com um braço. — Porque é que lhe disseste aquilo?

— Porque é verdade — bufou ela —, e podemos na mesma ir buscar os ovos sozinhas. Ele vai ver.

— Mas não o ouviste? Disse que se voltarmos nos dá de comer aos gansos.

— Só se nos descobrir. — Esboçou um dos seus sorrisos maldosos. Em seguida, o rosto contraiu-se-lhe.

— O que foi?

Apontou para a entrada da loja.

Virei-me: Noè estava de pé à soleira, com aqueles cabelos encaracoladíssimos e escuros, tão insuflados que poderia perder lá dentro ambas as mãos, se as mergulhasse neles.

— O que queres? — perguntou-lhe a Malnascida.

Noè hesitou um instante, depois juntou-se a nós.

— Toma — disse, entregando-me uma caixa de cartão com doze ovos.

— Porquê? — perguntei e estreitei-os ao peito.

Encolheu os ombros.

— Era isto que querias, não era?

— Obrigada.

Os seus olhos cor de castanha fixaram os meus e corei. Estendi-lhe a moeda, mas ele abanou a cabeça.

— Tenho de voltar para dentro, senão ele zanga-se. — Moveu ligeiramente a mão e fez um meio-sorriso antes de fechar a porta. — Então, adeus.

A caixa de ovos estava ainda quente e cheirava a ele: um cheiro a animal, a brávia, a tabaco escuro, um cheiro que, dei-me conta, me agradava.

— Eu cá não sei se podemos confiar nele — disse a Malnascida.

Em casa, olhei-me demoradamente ao espelho da casa de banho. Tinha a face avermelhada onde a mãe me dera uma bofetada por ter

ficado à minha espera e eu nunca mais chegar. Tinha também estragado o vestido e sujado os sapatos.

— Onde é que andaste, desgraçada? — gritara-me. Eu tinha ficado calada.

Agora, em pé, agarrada ao lavatório, só de roupa interior e o vestido a pingar, molhado, do estendal por cima da banheira, dizia:

— Eu não tenho medo de nada.

Pus-me a examinar uma esfoladela cor-de-rosa e brilhante no ombro: devia tê-la feito ao descer entre a hera e as pedras desabadas. Estava orgulhosa daquela ferida, mas em comparação com os braços da Malnascida, todos cheios de arranhões, não era grande coisa.

— Não tenho medo de nada — repetia, com o queixo levantado, esforçando-me por surpreender no meu rosto, que havia sempre considerado banal, os traços dela.

De um lado estava a vida como a conhecia, do outro, a vida como ma mostrava a Malnascida. E o que dantes me parecia certo tornava-se disforme como o reflexo na água do lavatório quando lavas a cara. No mundo da Malnascida, competia-se por arranhões de gatos e a dor lambia-se juntamente com o sangue. Era um mundo em que não se podia fazer de conta que se era o que não se era, e em que se falava com os rapazes olhando-os nos olhos.

Eu observava aquele mundo parada à sua borda, pronta para resvalar lá para dentro. E não via a hora de cair.

² «*Per pinina che la sia, la surpasa el diavul in furbaria*», no original. (N. da T.)

7.

Naquele sábado o pai anunciou que tinha convidado para almoçar uma pessoa importante. Era um acontecimento extraordinário porque, desde que nos mudáramos para a casa mais pequena, a mãe não quisera receber ninguém.

Explicou à Carla que devia andar devagar, com as costas direitas, manter os lábios cerrados e cozinhar como deve ser: caldo com *tortellini*, sem cubo, que era coisa de pobres, mas com carne e hortaliças acabadas de cortar, e como segundo prato um assado com recheio, que a mim me enjoava. Entretanto, a mãe pôs o vestido cintado que lhe deixava os tornozelos à mostra, o colar de pérolas e os brincos de brilhantes. Em seguida, tirou de dentro de uma gaveta a fotografia de Mussolini e colocou-a bem à vista em cima do aparador.

O convidado do pai e a mulher chegaram atrasados e não pediram desculpa. Ela torceu o nariz ao naperon sobre as costas do sofá, ele limpou à carpete a sujidade agarrada às botas. Reconheci-o pela forma arrogante com que pousava o olhar nas coisas, como se estivessem ali expressamente para ele, incluindo a minha mãe. O senhor Colombo aflorou-lhe os dedos com os lábios, ajustou o emblema espetado no casaco. Ainda que nunca tivesse gostado dele nem do seu carro, o pai fazia uma vénia até ao chão e dizia: «Senhor, faça o favor de se sentar.» A mãe mandara a Carla vestir a farda e a crista, dissera-lhe: «Se me fazes ficar mal, vais ver.»

Eu devia estar apumada, ter os cotovelos colados ao corpo, o guardanapo sobre as coxas, calada «como uma boa menina», enquanto os adultos tinham conversas de adultos e o pai ria por alguma coisa que o senhor Colombo tinha dito. Devia sorrir, dizer «obrigada» e «por favor», responder só se interpelada. Devia beber o caldo sem fazer barulho e usar os garfos pela ordem certa.

A mãe sempre me enchera de conselhos sobre como estar à mesa e nunca me repreendera por uma nota má: preferia-me bem-educada a instruída.

Havia tantas regras, que a fome me passava; procurava a cumplicidade da Carla, que fazia caretas atrás das costas da mãe para me alegrar. O assado, não o conseguia comer. Estava a ferver e o recheio era verde e mole. Mas outra regra era que o prato não se tira da mesa se não está vazio. Então, cortei as fatias em pedacinhos minúsculos, e à socapa deixei-os cair da ponta do garfo para o guardanapo aberto sobre as pernas. Enquanto isso, o pai agitava as mãos e descrevia feltro flamengo e fitas entrançadas. O senhor Colombo anuí-a, fingindo que conseguia segui-lo mesmo quando o pai falava de alinhavos e das maneiras de dar forma ao chapéu. Repetia:

— Um verdadeiro fascista mantém a sua palavra, senhor Strada. Farei com que consiga o acordo.

Foi então que percebi: para salvar a fábrica, o pai estaria disposto a tirar o chapéu até perante o diabo.

Falaram quase só os homens; a minha mãe e a senhora Colombo limitaram-se a elogiar-se por ninharias: as cores das cortinas e o brilho das pratas, o elaborado bordado em macramé da toalha, que era do enxoval.

A Carla tirou-me o prato; sobre as minhas coxas estava uma trouxa húmida e quente que escorria. Enquanto a mãe dizia «Deseja um dedo de *Maraschino*, senhor Colombo? E a senhora, talvez um bolinho?», eu pensava numa desculpa para me levantar. Empurrei a cadeira para trás.

— Vou ao quarto de banho. Queiram desculpar-me.

O guardanapo escorregou e caiu com um baque mole. A Carla, que estava a passar com uma garrafa de vinho, pôs-lhe um pé em cima e, por um instante, perdeu o equilíbrio. A garrafa escorregou-lhe da mão e entornou-se no meio da mesa, fazendo cair pratos e copos do serviço bom e alagando tudo de vermelho. O senhor Colombo levantou-se, as pernas e o peito ensopados de vinho, e gritou um palavrão, daqueles que se disseses por engano tens de recitar dez ave-marias e fazer duas vezes o sinal da cruz. A mãe não disse nada ao senhor Colombo. Nem o pai. Olhavam para mim. Olhavam para mim como uma cauda de lagarto arrancada que se devia atirar para o rio.

No domingo fingi que estava doente.

Acordei cedo, antes de a Carla entrar e me dizer «levanta-te, mandriona», e esfreguei a testa até sentir calor, depois passei na cara um pano que tinha mergulhado em água a ferver. Queimava tanto, que doía.

Fui ao quarto da minha mãe, descalça, só com a camisa de dormir. Encontrei-a sentada diante do toucador a experimentar a temperatura do ferro com um dedo molhado de saliva. Na mesinha de cabeceira estava aberta ao meio *Mãos de Fada*, a revista de costura que ela mandava vir todos os meses para se manter a par da última moda em matéria de labores femininos. Estava a usá-la para manter os rolos presos à encadernação, para que não rolassem dali para fora.

— Calça as pantufas. Os maltrapilhos é que andam sempre de pés descalços.

— Não me sinto bem — disse eu, esfregando os braços como se tivesse frio.

Ela examinou o meu reflexo no espelho.

— Vem cá.

Aproximei-me, ela afastou o ferro quente, pegou-me no queixo com uma mão e pousou os lábios na minha testa.

— Estás a escaldar — disse —, e toda suada! Estás a ver o que acontece quando se anda no meio da lama? Eu sabia.

— Desculpe.

— Deixa-te de histórias. Volta para a cama, vou pedir à Carla que te leve o tónico — disse, frisando uma madeixa com o ferro.

O pai estava na casa de banho, o pescoço e o queixo brancos do creme de barbear.

— Ainda não estás pronta? — perguntou-me quando passei para regressar ao quarto.

— Estou com febre.

Ele hesitou, a espuma a pingar no tampo do lavatório.

— A tua mãe sabe?

Anuí.

— Bem — bateu com a lâmina de barbear no rebordo do lavatório, depois passou-a pelo pescoço —, muito bem.

A Carla fechava a cama desdobrável que usava para dormir, arrumava-a atrás do sofá.

— Queres que te leve alguma coisa de comer?

Fiz-lhe sinal que não, agradeci-lhe fingindo um ataque de tosse antes de voltar para o quarto.

Fiquei deitada na cama a respirar com uma mão por cima do coração, a ouvir os ruídos familiares das manhãs de domingo: o som das chávenas na cozinha e o arrastar dos chinelos no corredor que era substituído pelo dos saltos baixos da mãe. «Estamos atrasados», dizia o pai. «Tenho de encontrar a minha carteira», dizia a mãe, «e o chapéu, aonde foi parar o meu chapéu? Não, não é esse, o outro com o véu turquesa.»

Não vieram ver como eu estava.

Levantei-me assim que os ouvi sair. Então, despi a camisa de dormir e peguei num vestido velho, daqueles que estavam no fundo do armário à espera que a mãe os arranjasse. O espelho devolvia-me uma imagem de mim mesma a que não estava ainda habituada, cheia de protuberâncias inesperadas, de curvas macias na zona das ancas e das coxas. No bicípite e na barriga da perna tinham-me aparecido duas nódoas negras que me enchiam de orgulho. Enfiei o vestido, o tecido ficava repuxado no peito e debaixo das axilas. Não calcei os sapatos, atravessei o corredor com eles na mão.

A Carla estava na cozinha a arrumar, e cantava, desafinada: «*Nell'amor si fa sempre così. Dammi un bacio e ti dico di sí.*» Tinha ligado o rádio. O meu pai usava-o só para ouvir os discursos dos homens poderosos que viviam em Roma, mas quando a Carla estava sozinha em casa, o rádio difundia música.

Cheguei à porta a sentir-me mal por ter sustido durante tanto tempo a respiração. Baixei o puxador, e por trás de mim uma voz disse:

— Passou depressa, o resfriado. Santo Alessandro fez um milagre?

A Carla tinha as mãos nas ancas. Olhou-me demoradamente, depois desatou a rir-se.

— Como é que se chama?

Tentei balbuciar alguma coisa, mas dei-me conta de que nunca soubera o nome da Malnascida.

— Não é um daqueles que estica as mãos, não? Mas a ti não, que não passas de uma miudinha^[3].

Compreendi então que a Carla tinha em mente aquele assunto dos homens e das mulheres de que a minha mãe falava ao lembrar-me que eu era «só uma mulher» e que não devia pensar naquelas coisas porque cometia um pecado. A Carla, pelo contrário, devia considerar que entre mulheres e homens aquilo era uma coisa natural e não se devia ter vergonha, mas eu era só uma miúda.

— Noè — disse eu sem pensar —, Noè Tresoldi.

A Carla levantou os olhos.

— É melhor voltares para casa antes que a missa acabe^[4] — disse —, senão eu é que vou arranjar sarilhos.

Fiz toda a rua Vittorio Emanuele a correr, sem prestar atenção às pessoas bem vestidas e bem penteadas que subiam para a praça do Duomo. Tinha a certeza de que não me cruzaria com os meus pais. Sem mim, que os atrasava, decerto estavam já na igreja, e assim a mãe arranjaría os lugares melhores. Só recobrei o fôlego ao chegar à ponte, as faces e a barriga das pernas a arder.

Debrucei-me da balaustrada e ela não estava. Estava Matteo Fossati, sozinho. Com as costas dobradas e os pés descalços nas pedras, de calções e peito nu. Mergulhava as mãos no Lambro e retirava-as de lá vazias, praguejando. Assomei à zona da margem que desabara e chamei-o. Ele esquadrinhou-me como se eu fosse um gosto desagradável que lhe tivesse voltado à boca.

— Não vale a pena desceres. Hoje não vem.

— Porquê?

— E a ti que te importa isso?

— Disse aonde é que ia?

— Se diz que não vem, não vem e pronto.

Que podia eu fazer? Não queria voltar para casa. Sentia ainda em mim a excitação da corrida e da febre que inventara.

Os sinos soaram as onze. De olhos no chão, atravessei a ponte para ir verificar do outro lado, porque talvez estivessem a pregar-me uma partida ou a jogar às escondidas.

Foi então que ouvi um chio e um grito. Sobressaltei-me, parando no meio da estrada: o focinho do carro preto envernizado rangia os dentes a um palmo da minha cara. Vi o meu susto refletido nos faróis brilhantes, enquanto uma mulher com um lenço ao pescoço punha a cabeça de fora do lugar do passageiro e gritava:

— Querias ser atropelada?

— Mas não é a filha dos Strada? — disse o condutor, retirando a mão da buzina e esticando-se para fora da janela: o senhor Colombo dirigiu-me um sorriso untuoso. — O teu pai deixa-te andar pela rua como um vagabundo?

— Tendo em conta como a ensinaram a guardar os restos à mesa, não me admira — disse a senhora Colombo.

Examinou-me com um olhar severo, e então tive medo. A senhora Colombo olhava sempre para a minha mãe de cima a baixo, mas, se calhar, para lhe dar um desgosto e para a envergonhar, ficaria satisfeita dizendo-lhe que me tinha visto na rua, sozinha e com um vestido que parecia um trapo.

Desviei-me para os deixar passar, com a cara quente, agitada ao pensar que bastaria uma palavra deles sussurrada à pressa durante a missa para ser descoberta. No banco de trás reconheci Filippo com o uniforme de *balilla*^[5], o pompom preto no chapéu: usava-o como se se envergonhasse dele. Ao seu lado estava Tiziano, o irmão mais velho, também louro, os cabelos tão luzidios de brilhantina que pareciam uma peça única, a camisa preta abotoada até ao pescoço, a pele claríssima. O carro prosseguiu caminho, subindo em direção à catedral mesmo a tempo da missa; ele despediu-se de mim com um aceno; Filippo, por seu lado, procurava enterrar-se no assento e escondia a cara com as mãos. Quando a Malnascida estava presente, não importava de quem eras filho, não importavam as coisas que te tinham ensinado a odiar e aquelas em que queriam obrigar-te a acreditar. Não importava que o pai de Matteo fosse um daqueles a quem chamavam os «Vermelhos» nem que o de Filippo desse lustro ao alfinete com o emblema fascista e nunca deixasse de fazer a saudação perante o retrato de Mussolini. Sem ela, pelo contrário, estes dois mundos voltavam a ser irreconciliáveis.

Talvez tivesse adoecido realmente, e se ao menos soubesse onde morava, iria ter com ela, para ver se porventura todos aqueles cortes nos braços tinham infetado e estavam a matá-la. A minha mãe dizia que debaixo das unhas dos gatos havia doenças, e se eles te arranhassem, o sangue envenenava-se-te.

Sentei-me no passeio e mantive aquele medo nos punhos cerrados sobre a barriga.

— Que fazes aí assim? — Noé olhava para mim do selim da sua bicicleta, os caixotes de fruta no porta-bagagens, um suspensório desapertado a balançar-se contra a coxa. — Então?

— Nada.

— Nada?

Encolhi os ombros.

— Está bem. — Empurrou o pedal para baixo, endireitando as costas.

Levantei-me.

— Espera.

Ele tornou a pôr o pé no chão, mantendo a bicicleta em equilíbrio.

— Não sei onde procurá-la — disse eu, com cautela.

— Sabes que todos dizem que é melhor evitá-la?

— Sei.

— E não te importa?

— Não me importa.

Desatou a rir-se.

— Se quiseres, sei onde mora.

— A sério?

— Às vezes vou fazer entregas ao prédio dela. Fica na rua Marsala, perto da Singer. Antes do saneamento, vivia no quarto andar de um edifício baixo em Sant'Andrea, mas depois demoliram as casas. — Deu uma palmada no quadro da bicicleta. — Eu levo-te lá.

— Agora?

— Agora.

Nunca tinha feito nada assim: subir para a bicicleta de um rapaz, em equilíbrio no quadro, como faziam as namoradas.

— Está bem — disse eu, e ele ajudou-me a subir.

Agarrei-me ao guiador com ambas as mãos. Noè começou a pedalar, com os cotovelos e os joelhos afastados para me deixar espaço.

— Segura-te.

Sentia o estômago fechado e pesado embora não tivesse tomado o pequeno-almoço, atrás do pescoço e debaixo dos braços a sensação pegajosa do suor enquanto o quadro da bicicleta me magoava as coxas.

Noè subiu sem esforço até à catedral, virou na rua Italia, de pé sobre os pedais, desviando-se das pessoas que passeavam. Na zona da estação voltou a sentar-se no selim, as suas pernas tocavam-me nas ancas. Nunca tinha estado nos bairros a seguir à estação, onde começava a periferia, mas, sobretudo, nunca tinha estado tão perto de ninguém e não sabia o que dizer. Por sorte ele ia calado e atento à estrada. As suas clavículas pressionavam-me a nuca e os meus cabelos roçavam-lhe no queixo. Tinha as faces ásperas, mas só um pouco, e um cigarro enrolado à mão entalado atrás da orelha.

— Chegámos — disse ele, mas eu tinha deixado de prestar atenção ao percurso. Examinava os tendões dos braços contraídos sob a sua pele, respirava o seu cheiro a trabalho e a tabaco.

Desviei o olhar e deixei-o vaguear à minha volta: os prédios da rua Marsala eram grandes e direitos, com varandas compridas e janelas quadradas, idênticas entre si, como a parte lateral de um navio.

Do lado oposto ficava a fábrica da Singer, inaugurada havia menos de dois meses, imponente e silenciosa, com os portões fechados e os cartazes das máquinas de costura.

— É este o portão. — Noè deixou-me descer. — Ela vive no sexto andar.

— Tu não vens?

Sorriu, mostrando dentes lindíssimos.

— Tenho entregas para fazer — disse, e apontou com o polegar para os caixotes de fruta no porta-bagagens.

Na loja, ao pé do pai, nunca o tinha visto rir.

— Sabes como voltar para casa depois?

— Sim — disse eu, porque não queria fazer figura de menina.

Ele deu aos pedais e disparou sem me dar tempo de lhe agradecer.

Nunca me acontecera estar tão longe de casa sozinha, e aquela parte da cidade, velha e cheia de sombras, com as ruas vazias e os prédios altíssimos, oprimia-me. Das janelas abertas por causa do calor chegavam as vozes das pessoas, os cheiros das cozinhas.

O prédio não tinha porteiro à entrada, os batentes estavam abertos. Olhei em meu redor em busca de alguém a quem pedir licença, mas não havia ninguém.

Fiz os seis pisos a pé, parando para recobrar o fôlego nos patamares obstruídos pelas bicicletas. Sentia-se nas escadas o fedor dos quartos de banho ao fundo dos corredores.

Reconheci o apartamento da Malnascida pela bicicleta ferrugenta e com o guiador retorcido, encostada ao corrimão do patamar. Na porta havia uma placa de latão que dizia: «Merlini».

Fiquei durante muito tempo com uma mão levantada, a contar as respirações e dizendo a mim mesma que quando chegasse ao dez bateria à porta, mas tinha a sensação de perder a conta e recomeçava.

Do outro lado, um acesso de riso.

Ganhei coragem e bati. De início suavemente, depois com mais força. As gargalhadas pararam, ouvi alguém dizer:

— Maddalena, vai ver.

Sustive a respiração; os passos aproximaram-se da entrada e pensei em fugir. Fui assaltada pelo medo de me ter enganado na casa e de me encontrar diante de uma desconhecida. Ou, pior ainda, de o apartamento ser aquele e ela me escorraçar.

A porta abriu-se e apareceu-me a Malnascida. Tinha a cara limpa, um vestido leve e os pés descalços. Nas mãos segurava fitas cor de marfim e retalhos de renda.

— O que fazes aqui?

— Então é assim que te chamas — balbuciei. — É um lindo nome, Maddalena.

A cara contraiu-se-lhe numa careta.

— O que vieste aqui fazer?

— Não te encontrei no Lambro. Pensei que estivesses doente.

— Eu nunca adoço — replicou, brusca. — Não devias ter vindo procurar-me.

De dentro de casa chegou uma voz masculina:

— Maddalena, quem é?

Recuei, quis correr dali para fora.

Ela bufou.

— Está bem, já que chegaste até aqui, entra, não?

Segui-a por um corredor estreito com paredes despidas que acabava numa pequena divisão cheia de luz. Havia um fogão de cozinha esmaltado com tampo de ferro fundido e uma portinha para o lume. Pendurado na parede, ao lado do crucifixo e da Nossa Senhora, um quadro de lata com uma pequena ardósia: «O que falta hoje?» Alguém tinha escrito em baixo com giz: «Tudo», e mais abaixo, numa letra diferente: «Mas primeiro o leite». Nos cantos do louceiro, entre a madeira e o vidro, perfilavam-se velhas fotografias e um raminho seco de oliveira.

No meio da divisão, de pé em cima da mesa de refeições, estava um rapaz com um vestido de noiva. As calças de trabalho e as meias pretas despontavam por baixo da renda da saia que lhe chegava a meio da barriga da perna, e a cabeça tocava numa lâmpada nua.

— Olá — sorriu-me, levantando uma mão.

Duas raparigas estavam sentadas em bancos de palha entrançada, dos lados opostos da mesa repleta de retalhos de tecido, almofadas de alfinetes e fitas métricas de costura desenroladas. Estavam ocupadas a alinhar a bainha da saia da noiva. Uma delas usava batom, tinha os cabelos curtos com uma madeixa em forma de vírgula sobre a face e os mesmos olhos escuros de Maddalena.

— Fica quieto, ou tenho de começar tudo do início.

A outra rapariga tinha uma cabeleira lindíssima, solta pelos ombros, o peito farto e óculos. Tinha um pouco de fazenda sobre os joelhos e uma fita métrica ao pescoço; enfiou a agulha no tecido.

— Felizmente não há pressa — disse, enrolando uma linha branca à volta do polegar e cortando-a com os dentes.

— Mas só temos o domingo para o arranjar — disse a rapariga de batom.

Reconheci no rapaz de vestido de noiva Ernesto, o irmão mais velho da Malnascida, que a acompanhava aos parques para ela trepar às árvores e que trabalhava na Singer havia um mês. Tinha braços

fortes e um rosto de linhas suaves, o cabelo escuro, despenteado, e sobre as maçãs do rosto a sombra de pestanas longuíssimas.

As outras duas, pelo contrário, nunca as tinha visto. Mais tarde vim a saber que trabalhavam por empreitada para a senhora Mauri, que era modista e tinha uma loja no centro. A que usava batom chamava-se Donatella e era a irmã mais velha da Malnascida. A outra era Luigia Fossati, irmã mais velha de Matteo, que desde março estava noiva de Ernesto: naquele inverno casariam. Havia meses que ficava acordada até tarde a forrar chapéus, pregar botões e ajustar casacos elegantes para as viagens dos outros, tentando poupar o suficiente para dois bilhetes de comboio e um quarto num daqueles grandes hotéis de Nervi. Procurariam um com terraço, em que passariam uma semana depois do casamento a ver o mar e a tomar café ao sol como as pessoas finas. Só dispunha do domingo para arranjar o vestido de noiva e Donatella dava-lhe uma mão. Ernesto fazia de manequim porque era da mesma altura que Luigia e tinha as ancas largas, como uma mulher. Ou talvez só porque era divertido.

Maddalena apresentou-me. Não sei como é que ela sabia o meu nome. Eu nunca lho tinha dito. Disse que eu era uma amiga sua, e fiquei orgulhosa e assustada por ela me considerar como tal. A verdade era que eu nunca tinha tido amigas.

Fiz uma pequena vénia.

— Muito gosto.

Ernesto desculpou-se pelo estado em que o encontrara e as raparigas começaram a rir-se. Donatella disse que Maddalena nunca convidava ninguém lá para casa, talvez por se envergonhar deles. Ela cruzou os braços, ressentiu-se.

— Não estaria completamente errada, tendo em conta como vocês me enfarpelaram — disse Ernesto, a rir-se. O seu riso soava ao repicar dos sinos.

— Não te rias, que a bainha fica torta — disse Donatella, a agulha entre o indicador e o polegar, antes de chupar o fio para o humedecer e fazê-lo entrar no buraco.

Luigia olhava para Ernesto, e os olhos brilhavam-lhe; também ela se ria, um riso de boca aberta.

— Pensava que deixar o noivo ver o vestido dava azar — disse eu.

— Mas agora vai casar comigo na mesma. Já não vai a tempo de mudar de ideias.

— Vestem-me uma saia, assim fugir é mais difícil.

Ofereceram-me um bolinho de uma pequena travessa de papel dourado que estava em cima do lousseiro.

Eu disse que primeiro tinha de ir à casa de banho. Ficava no patamar, Maddalena acompanhou-me e esperou por mim do lado de fora.

Entrei, tapando o nariz por causa do mau cheiro. Não havia retrete, só um buraco na cerâmica e dois degraus onde apoiar os pés. Não havia sequer autoclismo, mas uma vassoura velha com a parte de baixo estragada. Penduradas num gancho, folhas de jornal. Fechei a porta, mas não havia cadeado, nem fechadura. Do lado de dentro alguém tinha escrito: «Não se pede que se aponte para o centro, mas ao menos que se faça dentro.»

— Tens uma bela casa — disse eu, ao reentrar.

Maddalena fez um sorriso amargo.

— E que sabes tu, que és uma madama?

Fez-me lavar as mãos na pia da cozinha com uma barra de sabão de Marselha que cheirava a lavandaria.

Luigia e Donatella estavam a ajudar Ernesto a despir o vestido de noiva pelas costas, com cuidado, para não desfazer os alinhavos. Dobraram-no por cima das costas de uma cadeira, Luigia acariciou-o ao de leve com a ponta dos dedos.

Sentámo-nos à roda da mesa a comer os bolos: o aroma da baunilha impregnava a divisão.

— Devíamos esperar pelo almoço, mas cheiram tão bem.

— Deixa um para a mãe — disse Donatella, dando um toque a Ernesto, que estava prestes a comer o terceiro pastel folhado de seguida.

Celebravam porque o trabalho na Singer, embora ele tivesse começado havia pouco tempo, era bem pago, e em breve ainda seria melhor: Ernesto passaria dentro de pouco tempo a chefe de secção. Tinha já começado a procurar uma casa para arrendar e encontrara um bom apartamento na rua Agnesi, de duas divisões apenas, mas muito luminoso. Com o seu ordenado e o de modista de Luigia

podiam até permitir-se mobilá-lo como deve ser, talvez até arranjar um frigorífico, se tivessem o cuidado de poupar.

— Despachem-se a fazer muitos filhos, para o Mussolini vos dar rios de dinheiro — disse Donatella.

Luigia corou, os lábios sujos de açúcar em pó.

— Pode até dar-nos um milhão. Eu desse não quero nada — disse Ernesto.

— Que teimosia — bufou Donatella. — Alguma vez vais ver tanto dinheiro? Um pouco de dinheiro a mais nunca fez mal a ninguém. Assim, compras uma bela casa para a Luigia, que a merece.

— Da mesma forma que comprou os bolos, vai comprar também a casa — disse Maddalena. — Ele não precisa que ninguém o ajude. — Ficou com uma expressão ofendida e não comeu mais.

Foi Ernesto que suavizou a atmosfera. Abriu as janelas e afastou as cortinas para deixar entrar, juntamente com o calor, a música que vinha de um rádio ligado noutro apartamento. Uma por uma, fez-nos dançar, na varanda, as árias de Beniamino Gigli e as cançonetas de De Sica. Eu estava hirta e direita como o pau de uma vassoura, Maddalena movia-se com ligeireza e conhecia todos os passos. Bastara o riso de Ernesto, o seu obstinado bom humor, para lhe fazer passar a zanga.

Quando chegou a vez de Luigia, Ernesto apertou-a contra si, e balançaram com as testas encostadas, os olhos fechados e os dedos entrelaçados.

Então, invejei-os por aquela casa. Era pequena, as paredes estavam vazias, mas podia-se dançar.

Às primeiras notas de *Parlami d'amore Mariú*, alguém aumentou o volume.

— Gosto tanto desta — disse Maddalena. Tomou-me pela mão. — Assim não. Segue os meus passos.

Não conseguia. Tinha as pernas como as de uma boneca desarticulada e não sabia onde pôr os braços. Ela enlaçou-me a cintura, fez-me tirar os sapatos e pôr os meus pés em cima dos seus, apesar de ela ser mais baixa e de eu ter de ficar encurvada para me equilibrar. Por tê-la tão perto de mim não conseguia respirar. Sentia à minha volta o seu cheiro a sabão. O meu coração batia

aceleradíssimo. A palma da sua mão húmida no fundo das minhas costas fazia-me tremer.

— «*Dimmi che illusione non è, dimmi che sei tutta per me*» —, cantou ela, a rir-se.

Já me perdoara por ter aparecido na sua casa sem pedir licença.

A porta abriu-se e a corrente de ar fez fechar de rompante as janelas. A música transformou-se num eco longínquo por trás dos vidros. Donatella limpou o batom com um guardanapo e Luigia separou-se com delicadeza de Ernesto, ajeitando o cabelo com os dedos. Eu voltei a enfiar os sapatos apressadamente, usando os indicadores para que os calcanhares deslizassem para dentro deles.

Entrou uma mulher de tamancos e vestido preto de algodão.

— As cebolas voltaram a aumentar. Oitenta centavos o quilo. E o feijão está a três liras. Está tudo doido. Daqui a nada só os ricos vão poder fazer compras no mercado — disse, pousando os sacos na mesa. — E então? A mesa ainda não está posta? Estão para aí a comer bolos, eh?

— Vamos pô-la agora, mãe — disse Ernesto.

— Eu faço isso. Arrumem vocês as compras. E ponham em ordem este desastre, que parece que estou na casa de ladrões.

Apontou primeiro para ele, depois para Luigia, depois para os tecidos e os retalhos que invadiam a mesa.

— Os enamorados são como os loucos^[6] — explodiu.

A senhora Merlini não me agradava. Tinha o aspeto exangue de um cordeiro no dia de Páscoa. Olhou para mim com olhos claríssimos e salientes; parecia atravessar-me. Não se apresentou nem me perguntou nada. Arrastava com lentidão o seu corpo mole e amarelo, como que esculpido num sabonete de Marselha.

A minha mãe dizia que uma senhora se distingue por aquilo que veste debaixo da saia. Ela usava sempre meias de seda e tinha muito cuidado para não lhes caírem malhas; a mãe de Maddalena, pelo contrário, tinha as pernas nuas.

— Queres ficar para o almoço? — perguntou Luigia, enquanto lavava na pia as verduras sujas de terra.

Procurei o relógio e encontrei-o perto da janela. Não me tinha dado conta de que já passavam quarenta minutos do meio-dia.

— Lamento, mas tenho mesmo de ir para casa, agora. — Pensei na Carla; estava com certeza à minha espera, a roer as unhas. — Obrigada pelos bolos e pelo resto.

A mãe pôs a toalha de encerado na mesa e dispôs pratos e copos, esquadrinhou-me com aquele olhar que me atravessava. Pôs quatro talheres, como se se tivesse esquecido de alguém. Foi Ernesto quem tirou mais uma tigela e um copo do louceiro, sem dizer nada, como se estivesse habituado àquela distração.

Examinei as molduras no canto do móvel: havia estampas de santos, retratos de casamento e de comunhões em pose, e uma fotografia de um menino com cerca de três anos, com um chapelinho de marinheiro. Se calhar era ele, o irmão que caíra da janela.

— Fomos a tempo de fazer os pagamentos em atraso na loja? O prazo era hoje — perguntou Donatella, enchendo de água o jarro e colocando-o no centro da mesa.

— O Ernesto foi, depois da missa das sete — disse a Malnascida.

— Foram ou não? — repetiu a mãe, passando à frente de Maddalena como se não a visse. — Eu cá não gosto de ter dívidas.

— Eu fui — confirmou Ernesto, e aproximou-se da pia para ajudar Luigia com as verduras.

A mãe pôs sobre a mesa quatro colheres e quatro guardanapos. Foi Donatella quem preencheu o lugar vazio com aquilo que faltava, sem o fazer notar.

— Porque é que ela age assim? — murmurei, aproximando-me de Maddalena.

— Assim como?

— Como se não existisses.

— Um dia disse que eu já não era sua filha e começou a comportar-se desta maneira — respondeu, com um encolher de ombros. Falava em voz alta, sem medo que a mãe a ouvisse. — Dantes gritava e chorava. E batia com a cabeça nas coisas. Agora está melhor.

Apontei para a foto no louceiro, a do menino com o chapéu de marinheiro, e murmurei de novo:

— Por causa dele? Por ter caído da janela?

Os olhos da Malnascida tornaram-se severos.

— Não sabes nada, tu.

— Desculpa — tentei remediar, mas ela não me deu tempo.

Agarrou-me por um pulso e arrastou-me pelo corredor, abriu a porta para me empurrar lá para fora.

— A minha mãe falou-me do acidente, eu não sabia...

— Não foi um acidente — disse ela, gélida. — Nem daquela vez em que o meu pai foi para a oficina e deixou lá uma perna e depois a infeção o matou. Aquilo também não foi um acidente — continuou, com a cara ruborizada. — A culpa foi minha. Sou eu que faço acontecer coisas más. Também te disseram isso, não foi?

— Maddalena, sinto muito...

— Não me chames assim — disse, como se tivesse acabado de mastigar uma baga venenosa. — E têm razão em dizer-te para não te aproximares de mim. Se estiveres comigo, depois acontecem desgraças.

Cerrei os punhos até sentir as unhas nas palmas das mãos.

— A mim, os outros não me importam — disse eu, de um só fôlego. Depois virei-lhe as costas para que não me visse chorar, limpei as lágrimas com um braço e corri para as escadas.

— Francesca — chamou a Malnascida, depois de eu ter já descido dois lanços. Parei, agarrada ao corrimão.

Ela olhava para baixo, os cabelos como uma cortina sobre a testa.

— Vens amanhã?

Hesitei, mordi um lábio e disse:

— Pensava que já não éramos amigas.

— E porque não?

Balucei-me com os calcanhares num degrau.

— E aonde hei de eu ir?

— Ao Lambro — respondeu a Malnascida. — Ensino-te a apanhar peixes.

³ «*Minga a ti ca ta se dumà una tusetà*», no original. (N. da T.)

⁴ «*Te convien turna a ca' prima che finisse la messa, va'*», no original. (N. da T.)

⁵ Nome dado aos rapazes entre os 8 e os 14 anos, durante o regime fascista, organizados em formações juvenis paramilitares da Opera Nazionale Balilla, instituição para a assistência e educação física e moral dos jovens, ativa entre 1926 e 1937. (N. da T.)

⁶ «*L'inamuraa hinn cum i matt*», no original. (N. da T.)

8.

Os meses seguintes passaram depressa naquele que foi o verão mais feliz da minha vida.

Estava a tornar-me boa a dizer mentiras e, graças também à cumplicidade da Carla, conseguia escapulir-me para o Lambro quase todos os dias para estar com a Malnascida e os rapazes.

Ficávamos com os pés mergulhados na água, as pernas nuas salpicadas de lama. Tinha aprendido a usar sempre o mesmo vestido, aquele velho e deslavado que atirava para o fundo do armário quando chegava a casa. Depois, à noite, enquanto todos dormiam, lavava a sujidade e pendurava-o a secar fora da janela do meu quarto. Em casa usava sempre blusas de manga comprida, mesmo quando estava calor, para esconder as esfoladelas, e amolecia com água e sabão as crostas nos joelhos para as fazer cair mais depressa.

Esses cuidados revelavam-se supérfluos, na verdade. O pai estava de tal maneira ocupado com o contrato prometido pelo senhor Colombo, que se encontrava sempre na chapelaria e a casa estava a perder o cheiro pungente do seu tabaco.

Sempre soubera que eu vinha depois do seu trabalho: as suas prensas e as suas enformadeiras, os seus feltros e as suas fivelas valiam muito mais do que eu. Mas desde o acidente com o vinho, durante aquele almoço em que ele queria fazer boa figura e que tinha acabado em tragédia, começava a ter medo da sua apreensão, dos modos pelos quais o meu pai tinha começado a ignorar-me. Se calhar, por culpa minha, aquele negócio não viria a dar em nada, e ele odiar-me-ia para sempre.

A mãe, por seu lado, estava feliz, e eu não sabia porquê. Parecia dar atenção apenas ao vestido vermelho na máquina de costura. Muitas vezes cantava, no seu dialeto tão musical, e acontecia esquecer-se de repreender a Carla pelas manchas nos talheres ou pelos cantos dos lençóis mal dobrados. Andava distraída. Borrifava atrás das orelhas algumas gotas de perfume de lavanda e de tarde saía para tratar de

compras urgentes. Regressava horas mais tarde, com o saco das compras vazio e os cabelos em desalinho, e fechava-se no quarto até à hora do jantar.

A sua negligência também me abrangia, mas, dado que isso me permitia ter mais liberdade, não me importava. Aproveitava-me dela e ia para o rio apanhar peixes com os Malnascidos, estragar a pele queimando-me ao sol a ponto de descamar toda, e competir para ver quem descobria as formas mais estranhas nas nuvens.

E ainda que não pudesse ir ao Lambro, a verdade era que não conseguia deixar Maddalena. Estava sempre a pensar nela.

Inclusive de formas de que me envergonhava: ela a salvar-me do último andar de uma casa em chamas, ela como um soldado que me levava ao colo para fora de um campo de batalha, com as bombas a caírem e sangue por toda a parte, ela a olhar para mim a pavonear-me com a saia do vestido e a dizer-me que eu era bonita. Mas essas aventuras imaginárias guardava-as para mim.

Por um motivo que não era ainda capaz de explicar e que não ousava perguntar, para Maddalena, brincar ao faz de conta era perigoso. As brincadeiras que inventava eram sempre de terra e de corridas de ficar sem fôlego, de saltos e de desafios de trepar e fugir, e éramos sempre nós mesmos, porque imaginar que éramos outros e inventar histórias era proibido. Eu, pelo contrário, teria dado tudo para poder viver no mundo de Sandokan, onde ninguém falava de remendos nas meias ou de dinheiro, onde nos sacrificávamos pela pátria ou por outro grande ideal feito de palavras altissonantes, as mulheres estavam sempre «em perigo mortal» e, se morríamos, morríamos pelos outros, salvando-os no último minuto, e deixando-nos beijar, no fim, antes de a alma expirar nos lábios de quem se amava. E então, por vezes, sem dizer a ninguém, quando corríamos no leito seco do Lambro ou nos desafiávamos com paus, fingia ser outra. Olhava às escondidas para a Malnascida e imitava a sua maneira de mover os ombros enquanto corria, o modo como dizia: «Eu não tenho medo.»

Com os Malnascidos, nunca nos aborrecíamos. Andávamos pela cidade descalços e introduzíamos-nos nos prédios a tocar às campainhas que, nas casas velhas, aquelas que ainda não tinham sido demolidas pelo programa de saneamento que pouco a pouco estava a arrasar o centro, funcionavam rodando uma chave mecânica.

Se estava demasiado calor, tomávamos banho na fonte das rãs na praça Roma, por trás do edifício de tijolos vermelhos e pilares de pedra cinzenta, que em tempos fora a câmara municipal e a que todos chamavam Arengario^[7]. Gostávamos daquela fonte porque tinha um tanque tão profundo, que se podia estar de pé, com uma estátua de bronze ao centro de uma rapariga que apertava na mão uma rã, rodeada de rãs que lançavam jatos de água finos. Cada um de nós metia-se com a boca aberta debaixo de uma daquelas rãs, enchíamos-la de água e competíamos para ver quem cuspiam mais longe. Se chegavam os carabinieri, fugíamos a rir.

Íamos de bicicleta até ao parque, mas tínhamos só duas: a da Malnascida, com ferrugem e o guiador dos cornos virados para baixo, e a de Filippo, cintilante como as da Volta a Itália: ele tinha prendido ao garfo da roda uma mola com um postal velho, e assim, ao pedalar, produzia o mesmo ruído de uma motorizada. Eu sentava-me de través na bicicleta da Malnascida, com o quadro a esmagar-me as coxas e a sua respiração contra a nuca. Com uma mão apertava a saia para que não ficasse encravada nos raios e dizia: «Mais depressa.»

Com ela, nem a ideia de me aleijar me assustava.

Duas vezes em três éramos nós a ganhar a corrida para chegar primeiro à Villa Reale. Estendíamos-nos na relva embora estivesse escrito «Não pisar» e comíamos pão negro com toucinho e bebíamos das fontes.

Agora que me encontrava também entre aqueles miúdos, que sempre vira de longe, parecia que o mundo começava dali. Que a minha vida começava do princípio.

Gostávamos daquilo que nos assustava: os cantos escuros do Lambro onde se escondiam os ratos, o vendedor de fruta que praguejava nas traseiras da loja e o rechinar irregular dos seus passos.

Por fim, consegui competir pelas caudas de lagarto e contar quem tinha arranjado mais arranhões, num dia em que ficara sozinha com Maddalena. Perseguimos os lagartos rivalizando com os gatos, depois deitámo-nos no chão, os braços estendidos contra a pedra que ardia ao sol, ao lado do montinho de caudas cortadas que tínhamos recolhido, e comparámos os cortes vermelhos e empolados, brilhantes de pequenas gotas de sangue. Ela espremia a pele e fazia-o escorrer.

— Que nojo — disse eu, mas depois imitei-a, para lhe mostrar que não me deixava impressionar.

— Nós, mulheres, não devemos ter nojo do sangue — disse ela então.

— Porquê? — Não percebia nada daquelas conversas sobre homens e mulheres.

A mim os homens metiam-me medo. Mesmo Filippo e Matteo, que aprendera a conhecer, e Noè, que tinha aquele cheiro forte que me agradava.

A minha mãe ensinara-me a ter medo deles. Dizia que eram animais e eu pensava sempre no cão no pátio do senhor Tresoldi, velho e com um ladrar rouco, que durante todo o dia se estrangulava com a corrente, tentando atirar-se a quem quer que passasse para lhe rasgar a garganta com uma dentada. «Os homens comem-te viva, Francesca», avisava-me a mãe.

No mundo de Maddalena, pelo contrário, não havia nunca homens e mulheres, exceto quando pronunciava aquela frase: «Nós, mulheres, não devemos ter nojo do sangue.» E se lhe perguntava porquê, ela encolhia os ombros: «A nós, quando crescemos, vem-nos forçosamente.»

Para não me sentir inferior a ela, fingia que compreendia. Mas, na verdade, inquietava-me aquele sangue que nos viria em crescidas e que eu não sabia de onde. Talvez dos olhos, como as estátuas das virgens miraculadas, ou das orelhas e da boca, como ao seu irmão, que caíra da janela e abrira a cabeça.

— Ganhei eu — disse Maddalena. O sangue escorrera-lhe para a dobra do cotovelo e entre os dedos. Lambeu-o das pontas dos dedos e da palma da mão como sumo de cereja.

— Para a próxima ganho eu.

Mas sabia que não era verdade. Ela é que se divertia a puxar a cauda do gato cego, o pior de todos porque, mal lhe tocavas, abocanhava-te. Ficava a acariciar-lhe a barriga e ele aferrava-a com todas as patas, e arranhava e mordida e bufava sem tomar fôlego. Eu, pelo contrário, encolhia-me se um gato se limitava a pôr as garras de fora.

— Para a próxima — disse Maddalena. Em seguida, agarrou-me um pulso e avançou de gatas, arrastando-se sobre a pedra, até o seu rosto ficar por cima dos meus braços. Então, começou a lamber-me os cortes: — Assim o ardor passa-te mais depressa. — Depois virámo-nos de costas e vimos o céu mudar, as sombras crescerem sobre a margem.

Foi então que Maddalena me disse que talvez já não voltassem a mandá-la para a escola. No ano anterior tinha reprovado por causa da nota em comportamento.

Era a mãe que não queria que ela voltasse. Dissera a Ernesto que era melhor que raparigas como ela encontrassem o mais depressa possível um trabalho para trazer dinheiro para casa e ganhassem juízo. Se dependesse da mãe, Maddalena frequentaria a escola de formação profissional e deveria esquecer o liceu. Ernesto, pelo contrário, insistia que ela estudasse. «É a única forma de te defenderes do mundo», dizia. Por isso queria que Maddalena prosseguisse os estudos, ainda que fosse coisa de ricos.

Se conseguisse voltar, ficaria na minha turma. E todas as noites eu rezava ao Senhor para que mo concedesse. Não conseguiria suportar todo aquele tempo sem ela.

— Ele disse que mais depressa me paga ele os livros e o resto, e que devo estudar custe o que custar.

— Não se pode não ir à escola. És obrigada a fazê-lo.

— Se não há dinheiro, de pouco vale a obrigação. Mas o Ernesto disse que trataria ele disso.

— E tu?

— Eu disse-lhe que não voltaria a ter má nota em comportamento. Jurei-o. — Fez rodopiar uma cauda verde brilhante entre os dedos.

— Porque é que te deram essa nota?

Hesitou.

— Esmurrei a Giulia Brambilla. Ficou com uma nódoa negra enorme e cuspiu um dente. Então, foi ao diretor. Bem, primeiro à enfermaria e depois ao diretor. Mas vai dar ao mesmo. Estava a chorar e acreditaram nela sem me perguntarem nada.

— E porquê?

— Porque é uma cobarde, por isso.

— Não, porque é que lhe deste um murro, queria dizer.

Olhou para mim com uns olhos que iam ficando pequenos.

— Dizia a todos que eu o empurrei.

— Quem?

Mordeu a unha do polegar, cuspiu-a e recomeçou a brincar com a cauda do lagarto.

— Dario. O meu irmão. O que caiu.

Fiquei em silêncio. Depois virei-me de lado.

— E afinal como é que aconteceu?

— Caiu.

— Só isso?

— Caiu, só isso.

— Porque é que dizias que a culpa era tua?

— Porque é assim. Sou eu que faço acontecer coisas más.

— Dizes isso porque te sentes culpada? Sentes-te culpada por ele ter morrido e tu não?

De repente, virou-me as costas.

— Mas o que sabes disso, tu?

— Eu também tinha um irmão.

Voltou-se de novo.

— E depois morreu?

— Ele não caiu. Foi a poliomielite que o levou. Ainda não sabia falar, só fazia barulho. Antes de morrer fez ainda mais, como se quisesse gritar para fora de si a coisa que tinha nos pulmões. E depois, mais nada. Vamos ao cemitério deixar-lhe flores, e a mãe faz-me acender velas.

A Malnascida enfiou no bolso a cauda do lagarto e disse:

— Então a culpa não foi tua.

— Não. — Deitei-me outra vez de costas, fechei os olhos para o sol e disse-lhe uma coisa que nunca tinha dito a ninguém, uma coisa pela

qual, sabia-o, iria para o Inferno. — Quando ele morreu, todos ficaram tristes. Mas eu não fui capaz. A mim pareceu-me que só recomecei a respirar desde que ele deixou de conseguir fazê-lo.

Maddalena não dizia uma palavra. À nossa volta o barulho da água, o miado longínquo dos gatos. Nunca lho deveria ter dito. Agora ia escorraçar-me, dizer-me que eu era um monstro, um cão raivoso que se deveria matar à paulada.

— Acontece — disse Maddalena de um fôlego.

— O quê?

— Pensar em coisas que não se podem dizer. Coisas erradas. Coisas más. Não significa que também sejas má.

O peso ardente daquele segredo que eu contivera oprimia-me, apetecia-me vomitar.

— Ele não tinha culpas. Vivia simplesmente, não teve tempo de cometer nem um pecado. E eu odiava-o. — Respirei fundo, sentei-me.

— És a primeira a quem o digo. Se viesse a saber-se, começariam a tratar-me de forma diferente.

A Malnascida erguera-se, apoiara o queixo num joelho e examinava-me com os seus olhos duros como pedras, seriíssima.

Fitei uma bolha de sangue que inchava num corte no antebraço e disse-lhe:

— Começariam a olhar para mim como olham para ti.

⁷ Tribuna. (*N. da T.*)

9.

Sem que quase nos déssemos conta, chegou setembro. Domingo, dia 8, realizava-se o Grande Prémio no circuito do autódromo. Para a cidade era um dia de festa e, como em todos os dias de festa, exibia-se em toda a parte a bandeira italiana. Esvoaçava das varandas e das janelas, inclusive das trapeiras das águas-furtadas. Não era preciso ser-se fascista para a expor, mas quem não o fazia era anti-italiano, pior do que ter sarna. Naquele dia, no entanto, as pessoas não haviam exibido a bandeira tricolor para os fascistas, mas para Tazio Nuvolari, que conduzia o *Alfa Romeo* da escuderia Ferrari e era o único capaz de bater os alemães e tirar a desforra.

Fôramos à primeira missa da manhã porque a mãe queria desfrutar do espetáculo inteiro. Falava nisso desde a noite anterior, quando tirara de uma gaveta do aparador a nossa bandeira, que tresandava a naftalina. Estendera-a em cima do sofá para que perdesse os vincos do ferro e apanhasse ar. De manhã, a Carla, ainda antes de ir comprar o bloco de gelo ao vendedor ambulante que passava à nossa porta, prendera-a ao parapeito. O ruído dos motores que aqueciam no circuito do parque chegava até à nossa casa e fazia tremer os vidros.

Por ocasião da concentração programada para o Grande Prémio, tinha sido entregue havia uma semana a notificação de destacamento assinada pelo representante local do Partido Nacional Fascista: «As autoridades estarão orgulhosamente presentes para assistir às paradas celebrativas organizadas para o evento que atrairá, em alegres grupos, multidões de apaixonados.»

Estava também previsto um desfile das crianças: os *balilla* à frente e as *piccole italiane*^[8] atrás, em marcha na praça da catedral, levando a bandeira axadrezada branca e preta, que assinala o fim da competição, para que fosse abençoada pelo arcebispo.

Tinham escolhido duas de nós para recitarmos em voz alta o *Decalogo della piccola italiana*^[9], e eu sentia-me secretamente orgulhosa, porque subiria ao palco construído para o efeito, no meio

daquelas «pessoas importantes» de que o meu pai estava sempre a falar. E, no fundo, não me importava muito se a saia estava demasiado apertada e o tecido da blusa de piqué branco fazia calor e picava nas axilas.

A minha mãe disse-me para subir para uma cadeira da sala e ajeitou-me o uniforme: enfiou-me bem a blusa dentro das cuecas e alisou as pregas da saia preta. Deu-me as luvas brancas advertindo-me que não as perdesse.

— Tu não vens? — perguntou ao meu pai, que, na sua poltrona, fumava o cachimbo com a mão em concha à volta do forninho.

— Prefiro não ir. Não suporto os carros. Fazem demasiado barulho.

— As pessoas podem falar.

— E deixa que falem! — exclamou ele, dirigindo o olhar para os vasos de aspidistra na varanda.

— Como queiras — concluiu a minha mãe, virando-lhe as costas.

— Vamos — acrescentou. Agarrou-me por uma mão fazendo-me saltar da cadeira com um baque sonoro das solas.

O meu pai nunca fora um verdadeiro fascista, daqueles que faziam o sinal da cruz diante de cada retrato do Duce ou cantavam «Eia, Eia, Alalá» nos coros dos sábados. Inscrevera-se no partido só por conveniência, porque os negócios corriam melhor a quem tinha o cartão, todos o sabiam. Ter-se-ia inscrito até no grupo de ginástica artística para senhoras ou no de costura, se isso lhe tivesse permitido vender bem os seus chapéus.

Acontecia, quando lia um jornal ou ouvia rádio, escapar-se-lhe um grunhido ou um comentário maldoso, mas já se habituara a considerar como liberdades os limites estreitos que continham só as coisas que se podia fazer sem suscitar atenções indesejáveis, a chamar amigos também àqueles que, em segredo, desprezava. Às festas oficiais e às paradas, porém, se podia, não ia. Era a mãe que se enfeitava, exaltada pelo clima solene que se respirava na cidade. Explicava-me como devia ter os dedos e o cotovelo no momento na saudação, e dizia-me: «Fazemos parte de uma coisa maior do que nós. E temos de causar boa impressão.»

Naquele dia cobrira a cara de pó de arroz cantando «*Casta Diva*»^[10]. Na noite anterior tinha pendurado no armário o vestido vermelho em que trabalhara o verão inteiro, acariciando-lhe devagar o tecido antes de ir dormir, e agora usava-o com orgulho enquanto nos embrenhávamos na multidão que se dirigia lesta para o centro.

Parecia que todos haviam saído à rua. A mãe tinha um decote em barco bordado com fio dourado, as pernas calçadas com meias de seda e os olhos dos homens em cima dela.

As ruas do centro tinham sido invadidas por cartazes com a cara de Nuvolari e o seu *Alfa Romeo*: parecia um príncipe guerreiro à garupa do cavalo nas ilustrações dos livros de fábulas, mas com todas as linhas desenhadas de través para dar a ideia da velocidade.

Na praça respirava-se um ar sufocante de expectativa. Os homens levavam os casacos no braço e abanavam-se com a aba dos panamás. As mulheres tinham-se juntado em grupos à sombra dos telhados.

— Vi que está cá a senhora Mauri — disse a minha mãe. — Tenho de falar com ela por causa de um chapéu para mandar arranjar. Tu podes ir ter com as tuas amigas, vá, vai lá.

— Mas vê-me quando eu subir ao palco, não vê?

— Claro que vejo. Agora vai. — Soltou-me a mão.

Observei o seu vestido vermelho desaparecer no meio da multidão antes de me decidir a ir ter com os outros miúdos fardados, já alinhados no adro da igreja; um grupo de andorinhas bem adestradas.

Procurei Maddalena esticando o pescoço e pondo-me em bicos de pés. Ela não costumava gostar daquelas concentrações porque tinha de se levantar cedo e de enfiar o uniforme, que lhe estava apertado, mas tinha dito que naquele dia iria porque Ernesto era um apaixonado de carros e em cada Grande Prémio seguia a corrida colado à chicana mais perigosa do circuito. Queria sentir o vento que os carros deslocavam ao passarem tão perto dele, com tanta força que lhe arrancavam o chapéu, e deixar-se ensurdecer pelo ruído dos motores, pelos gritos do público, respirar o cheiro intenso da gasolina e a excitação da competição. Confundidas entre aqueles uniformes brancos e negros éramos todas iguais, e não conseguia distingui-la.

Os sinos da catedral soaram as nove e as raparigas mais velhas, à cabeça das nossas secções, com a tirinha no braço esquerdo, fizeram-nos desfilar alinhadas à frente da fachada. Tínhamos de bater os pés na calçada e gritar três vezes: «Eia, Eia, Alalá!»

Chegámos ao fundo da praça, onde haviam montado o palco com galhardetes tricolores e colunas de madeira em forma de feixe lictório. A multidão abriu-se como o mar Vermelho na Bíblia e nós cantávamos a plenos pulmões «*Giovinezza*»^[11] e marchávamos em filas de duas. A rapariga mais velha ia à frente e levava a bandeira axadrezada.

No palco estavam os inspetores do PNF^[12], vindos expressamente de Milão, e os membros do grupo local. Entre eles, também o arcipreste, com os paramentos das celebrações solenes. À sua volta, seis alabardeiros de uniforme azul e um chapéu de bicos preto com uma pena, que a mim me parecia ridícula e que o pai definia como «pomposa». Deveria ter estado lá também o senhor Colombo, mas o lugar dele estava vazio.

Aguardei com angústia o momento em que deveríamos subir ao palco, eu e uma rapariga de tranças presas atrás, na nuca, de cujo nome não me lembrava. Quando um inspetor do PNF disse: «Desferir-se-á um ataque decisivo do automobilismo italiano contra as posições conquistadas pela produção de corrida alemã. E o autódromo de Monza será o campo desta aguardada competição», as pessoas aplaudiram.

Chegou a nossa vez, mas a multidão já tinha diminuído, porque às onze começavam as provas e da praça ao autódromo era pelo menos meia hora a pé.

Subi ao palco com a boca pastosa. A um sinal da dirigente, instalei-me debaixo do microfone e recitei aquilo que tinha decorado:

— Reza e empenha-te pela paz, mas prepara o teu coração para a guerra — disse, com as mãos cruzadas atrás das costas, concentrada em procurar a minha mãe entre a multidão. — A Pátria também se serve varrendo a própria casa. — Terminei com voz segura e forte: — A mulher é a primeira responsável pelo destino de um povo.

Os aplausos foram indolentes, nada mais do que a cortesia devida às declamações escolares. E, depois de a bandeira axadrezada ter sido abençoada, a turba dispersou-se.

A minha mãe e o seu vestido vermelho não se viam em parte alguma. Mas já não me interessava. Eu procurava Maddalena.

Encontrei-a, por fim, debaixo das arcadas do Arengario. Estava com Ernesto e Luigia, tinha o uniforme amarrotado e a blusa por fora da saia com uma nódoa de gelado na gola. Trincara o cone pela ponta, e agora lambia o gelado que escorria.

Luigia estava a beber um refresco de cidra, as mãos apertadas sobre o vidro para sentir o fresco. Vestia uma saia comprida até aos tornozelos e uma camisa de homem por dentro do cinto, os cabelos estavam presos por uma fita que deixava à mostra as orelhas pequenas e redondas. Ao lado dela, Ernesto sussurrava-lhe alguma coisa que a fazia rir muito.

Maddalena viu-me e acenou com a mão.

— Não estavas no desfile — disse-lhe quando me juntei a ela —, nem na cerimónia.

Ela encolheu os ombros.

— Não me apetecia. Estava com o Ernesto, que me comprou um gelado. Mas vi-te, sabias?

— A sério?

— Estiveste bem. Tinhas tudo decorado.

— Obrigada — disse-lhe, e corei, pensando em como me devia ter visto bonita lá em cima, no meio daquelas pessoas importantes, no palco na praça do Duomo, a falar ao microfone como os homens nas sacadas de Roma.

— Mas tu acreditas nisso realmente? — perguntou, séria.

— Em quê?

— No que disseste no palco. Nas coisas sobre a pátria e sobre as mulheres.

Mordi um lábio, hesitei.

— Não sei. Não tinha pensado nisso.

— É uma coisa perigosa.

— O quê?

— As palavras — respondeu. — As palavras são perigosas, se as disseres sem pensar.

— São só palavras. — Tentei rir-me porque a sua cara começava a meter-me medo e não queria discutir.

Mas ela fitava-me.

— Nunca são só palavras.

— Queres vir connosco? — perguntou Ernesto.

— Até trouxemos almoço. — Luigia ergueu o cesto de palha que tinha ao braço.

— Nunca vi a corrida de perto — disse. — Para o meu pai, os carros fazem demasiado barulho.

— A sério? Mas é o melhor de tudo! — retorquiu Ernesto. — Então é preciso reparar isso.

Por esta altura, já tinha aprendido a mentir. Inventaria uma desculpa à minha mãe. Se não tinha tido sequer tempo para me ver no palco, significava que, no fundo, não queria saber de mim.

No caminho para o parque, Ernesto falou das variantes feitas ao traçado do circuito e das velocidades que podiam atingir os carros em competição na reta das tribunas e nas curvas. Contou-nos também do acidente de 1933, em que tinham morrido dois pilotos, Campari e Borzacchini, depois de se terem despistado. Um tinha tido morte imediata, com o tórax desfeito, o outro morrera algumas horas mais tarde, no hospital. Era por isso que as pessoas acorriam a ver os carros? Pela possibilidade da morte espetacular, como os gladiadores para os romanos?

Ernesto tinha os olhos brilhantes e puxava Luigia pela mão, pedindo-lhe que se despachasse porque não queria arriscar perder nada, nem sequer as primeiras provas. Parecia uma criança à frente da banca dos caramelos de alcaçuz. Ela ria-se e eu pensei que devia bastar aquilo para ser feliz: dar as mãos, sentir-se parte da alegria de alguém de quem se gosta.

No relvado perto da pista do autódromo estavam estacionadas filas de viaturas cobertas por grossas telas brancas, para que não se danificassem com o sol escaldante, e as pessoas aglomeravam-se contra a rede que delimitava o estacionamento ou nas tribunas.

Sentia-se um cheiro a erva calcada, a casacos suados e a comida trazida de casa.

Procurámos um lugar no meio da relva seca ziguezagueando entre as mantas estendidas no chão pelas famílias e entre os grupos de adeptos apinhados perto dos fardos de feno que delimitavam o percurso.

Quando passámos em frente das câmaras de filmar do cinejornal, pusemo-nos a saltar para ficarmos enquadradas. Talvez da próxima vez que fosse ao cinema pudesse apontar para o ecrã e dizer: «Aqui estou eu, também estive lá.»

Luigia protegia-se do sol com uma revista aberta em cima da cabeça, Ernesto sugeria-lhe por onde caminhar para não afundar os saltos na terra e ia à nossa frente dizendo «com licença», para arranjar os lugares melhores e assistir à partida da corrida.

Os monolugares desfilaram na pista, escoltados pelos mecânicos de fato-macaco branco. Eram compridos como torpedos, reluzentes, e pareciam brinquedos de lata. Nuvolari, com o seu *Alfa* vermelho, era o número vinte. Depositavam todos a esperança nele, para ganhar aos alemães.

A competição propriamente dita foi antecedida pelas sessões de provas que deviam determinar a posição dos veículos. Fazia calor e eu e Maddalena estávamos impacientes por começar a comer, mas Ernesto dizia que era preciso esperar pelo início da corrida a sério, como era tradição. A excitação foi muito depressa substituída pelo tédio: ficámos deitadas na relva a contar as bolas cor de laranja que se formavam por trás das pálpebras cerradas, enquanto Luigia nos dava às escondidas as sanduíches de banha envolvidas em papel besuntado de gordura. Foi Ernesto que nos acordou, dizendo: «Está na hora.» O barulho dos motores era cada vez mais forte e as pessoas apontavam para a pista: a competição estava prestes a começar.

Depois do rito do içar da bandeira na torre que reproduzia o emblema fascista, homenageado com a saudação romana, as autoridades passaram em revista os carros que haviam tomado lugar na partida e os carabinieri de chapéu bicornes controlavam o público. A atmosfera era elétrica. O barulho dos carros fazia doer a cabeça, vibrava até no interior do nariz. Eu e Maddalena tapámos os ouvidos,

rindo-nos. Os monolugares partiram e as pessoas começaram a gritar, embora num abrir e fechar de olhos aqueles já não se vissem. Os pilotos corriam velocíssimos, quase como se não lhes importasse morrer.

Não percebia o que havia de divertido: o ruído dos motores aumentava e abrandava continuamente, os carros pareciam moscas e, de onde estávamos, não se percebia nada da competição.

— Como correm! — dizia Ernesto, e de seguida prometia a Luigia que com a promoção conseguiria poupar o suficiente para comprar um *Fiat Spider* descapotável e iriam até à costa, talvez a Génova ou a Sanremo.

— Também há lugar para nós? — perguntou uma voz familiar.

Donatella usava um vestido cintado que lhe evidenciava os seios, tinha os lábios da cor quente do coral, pérolas nas orelhas e um braço enlaçado no do filho mais velho dos Colombo.

Ele fez uma ligeira vénia. Estava de uniforme: calças à zuavo, camisa preta e polaina branca, ao pescoço um lenço com o emblema fascista e a letra *m* cruzados e a inscrição «*Vincere*». Tinha o rosto lustroso e claro, as faces lisas, húmidas, talvez por causa da água-de-colónia, e no cabelo uma dupla camada de brilhantina.

— Desculpem o incómodo — disse. — Insistiu tanto em vir cumprimentar-vos.

— Não há problema — replicou Luigia. — Há sempre lugar para mais um. — E aproximou-se de Ernesto para que Donatella e o namorado se pudessem sentar. Ele apresentou-se escandindo bem o seu nome: Tiziano Colombo, e disse a todos: «Muito prazer.»

Depois pousou os olhos em mim, longamente, como se me estivesse a examinar, de tal modo que me senti embaraçada e levei as mãos cruzadas ao peito, onde o tecido da blusa repuxava demasiado.

— A filha do senhor Strada — disse ele por fim, com um sorriso. — O meu pai falou-me de ti, sabes? — Deu lustro com o polegar ao distintivo de ouro e retomou: — Dizia que eras ainda uma menina, mas a mim parece-me que te fizeste realmente uma bela jovem.

Não consegui responder-lhe. Sentia a boca cheia de algodão.

Falaram do calor e dos carros, dos mosquitos que de noite não deixavam ninguém dormir, dos alemães que como pilotos eram uma

porcaria, depois Luigia tirou do cesto o resto das sanduíches, as de paio e queijo, e os refrescos de cidra.

Não foi preciso muito para que os homens comessem a falar da guerra.

— Vá, vais ver que não vai acontecer — disse Ernesto. — Já passou quase um ano desde que fizeram o acordo, não? O caso dos poços de Ual-Ual já foi esquecido.

Pronunciou aquele nome que parecia um grito, eu ouvira-o de passagem ao meu pai meses antes e tinha-o esquecido. Tratava-se de um conflito entre italianos e etíopes pela posse de um território abundante em poços de água. Mais do que isso eu não sabia.

— Uma ofensa que não se pode deixar impune por muito mais tempo. Onde é que fica o orgulho dos italianos? — retorquiu Tiziano.

— Em Itália, talvez — replicou Ernesto, rindo-se. — Temos já chatices suficientes aqui sem termos de ir buscá-las à areia africana.

— Se entrássemos em guerra, tu ias, Merlini? — perguntou Tiziano, com um ar de desafio.

— Não vai haver guerra nenhuma — interveio Luigia, tensa, agarrando a mão de Ernesto.

Por ter vinte anos, poderiam tê-lo chamado para prestar serviço militar, mas estava a tentar adiar a partida com o pretexto do casamento.

— Eu, se pudesse, iria sem pensar duas vezes — prosseguiu Tiziano, com os olhos a brilhar. Chegou-nos uma baforada da sua água-de-colónia.

— Seja como for, não poderias, mesmo que quisesses — disse Donatella, puxando-o por um braço. — E agora paremos de falar destas coisas que nos estragam o domingo. Senão, vou ficar preocupada.

Tiziano sorriu.

— Perdão, meninas. Não queríamos agitá-las. Estas sanduíches são deliciosas, muito agradecido — acrescentou com um aceno de cabeça a Luigia.

— Porque é que não podes? — interveio de rompante a Malnascida.

Virei-me para olhar para ela, e os outros também. Ela tinha a expressão severa de quando as coisas se tornavam sérias.

— Se tens tanta vontade de ir combater, porque é que não vais?

— Adiante, Maddalena. Já chega desta história. Ainda ninguém declarou guerra. — Donatella esticou-se para pegar num refresco de cidra.

— A coragem é grande, mas o coração não lhe dá ouvidos — disse Tiziano, com um ar resignado.

— E o que quer isso dizer? — insistiu Maddalena.

— Fadiga cardíaca — disse Tiziano, cuspendo apressadamente aquelas palavras, como se lhe causassem vergonha. — O meu coração nasceu com uma falha. Os médicos ouvem um sopro forte entre os batimentos — continuou, e a sua expressão tornou-se triste, quase desesperada. — Mesmo que quisesse alistar-me como voluntário, mandar-me-iam embora. Não apto. Esta é a verdade.

— Pára com isso, vá^[13], que tens sorte. Tens uma desculpa para ficar em casa, em segurança — disse Donatella, dando uma dentada numa sanduíche. — Porque é que vocês, homens, gostam tanto de brincar à guerra?

— Pela pátria — respondeu ele, de um só fôlego.

— A pátria não dá nem pão, nem vinho, nem salsicha^[14] — disse Donatella, zombando dele. Tornava-se mais grosseira quando usava o dialeto, apesar dos lábios pintados de senhora fina. Queria dizer que os homens que falam da pátria encham a boca, mas só de ar; a pátria não dá de comer.

— A Abissínia tem tantas riquezas, que poderia sustentar o País inteiro durante um século — retorquiu Tiziano, quase ofendido com aquela sabedoria popular que manchava as suas palavras altissonantes.

Donatella revirou os olhos, aborrecida; Luigia fitava ansiosamente Ernesto.

— Porque é que a guerra te parece uma coisa tão bela? — perguntou Maddalena.

— Eh, agora já chega! — exclamou Luigia, tentando mostrar-se alegre, mas a voz falhava-lhe. — Hoje é domingo e não devemos

pensar nesta maldita guerra.

Ficaram todos em silêncio e até nós chegou somente o calor do meio-dia, o fretenir baixo dos insetos.

A Malnascida procurou o meu olhar, mas quando o encontrou desviou-o logo.

— Vamos. Não devemos perder a chegada — disse Ernesto, pondo-se em pé.

Luigia seguiu-o tremendo, como se o conflito tivesse acabado de deflagrar. Donatella também se levantou, incerta nos seus saltos. Passou um dedo pelos lábios.

— Dei cabo do batom.

— Eu disse-te que não precisas de maquilhagem para seres bonita — consolou-a Tiziano. — De qualquer forma, não me faz diferença. — E pondo-lhe uma mão nas costas empurrou-a em direção à pista.

Os carros chegaram com uma barulheira infernal e parecia-me que se tinham precipitado para lá da linha todos juntos. As pessoas gritavam e agitavam o chapéu: «Quem passou primeiro? Viram o número? A bandeira era amarela e preta ou verde e vermelha?»

Quem venceu foi Hans Stuck, o alemão. Nuvolari chegou em segundo, mas conquistando o recorde de velocidade por volta.

— Nunca gostei destes alemães — comentou Ernesto.

Os altifalantes transmitiram o hino da Alemanha, naquela língua tão dura e cheia de consoantes, que parecia dizer coisas más.

Tazio Nuvolari era pequeno e magro, estava em pé num degrau mais baixo do pódio e acenava, a bandeira italiana às costas e o rosto sujo de pó negro, menos nos olhos: os óculos de piloto haviam-lhe desenhado uma máscara. Hans Stuck era alto, louro, com cara de rato.

Luigia encostou a cabeça ao ombro de Ernesto.

— O que acontece, se declaram realmente a guerra? O que vamos nós fazer?

— Deus não o permitirá. — Ernesto beijou-lhe os cabelos.

Terminada a corrida, fui ao Lambro com Maddalena. No caminho para o centro falámos de guerra e de amor. Ela não acreditava em nenhuma das duas coisas. Gostava de Luigia, mas a sua mãe não,

porque não tinha dote e era filha de um comunista. Mas não gostava de Tiziano, porque sorria de forma cruel e tinha mil cuidados para não sujar o uniforme, que usava mesmo quando não era obrigatório, com um orgulho que a deixava enojada. «É uma mascarada», dizia, «e quem precisa de usar sempre uma máscara é porque tem alguma coisa a esconder.» Já a sua mãe gostava de Tiziano porque era o filho do senhor Colombo, um homem abastado que uma vez, contava, apertara a mão a Mussolini. E gostava dele sobretudo porque era rico e quase todos os sábados levava Donatella a passear aos lagos no *Fiat 508* do pai, apanhavam o vapor e almoçavam no restaurante. Coisas que ela nunca sonhara fazer, e para a filha desejava um casamento digno de uma senhora, férias nas termas para «ir a banhos», como ouvira os ricos dizer, netos gordinhos com a cara lavada. Segundo Maddalena, Tiziano não passava de um gabarola, um fanfarrão, que se dava ares, mas não fazia nada que se aproveitasse.

— Eu gosto dele — disse-lhe. — É elegante, refletido. Usa palavras difíceis e fala bem. E, além disso, tem boas maneiras.

— E de que fala ele? — clamou ela. — Da guerra, que lhe parece uma brincadeira divertida, como se fosse uma criança que move os soldadinhos a fazer de conta.

— E mete-te medo?

— Quem, esse?

— Será que gostas dele? Eu cá acho-o bonito.

— Nada me mete medo — bufou. — E, além disso, não gosto de ninguém. Muito menos de alguém assim. — Acelerou o passo.

Quando chegámos à ponte dos Leões, dei-me conta de que estávamos a correr, e faltava-me o fôlego. Os quatro leões nas colunas fitavam-nos com rancor, as patas cruzadas como os professores que estão prestes a dar um raspanete.

A água do Lambro estava tão alta que escondia as rochas do fundo. Lá em baixo esperavam-nos Filippo e Matteo, em pé na margem. Um com o uniforme de *balilla*, as meias ainda nos pés. O outro com a camisola manchada do costume e já descalço.

— Demoraram montes de tempo! — disse Matteo, enquanto eu e a Malnascida descíamos pela zona que desabara. No sítio onde

passávamos sempre, as folhas da hera estavam arrancadas, os ramos, partidos.

Maddalena deu-me o braço para me ajudar a descer, eu tinha uma mão na saia para que não se levantasse.

— Pensávamos que já não vinham — disse Filippo —, e aqui está um calor de morrer.

Os sapatos da Malnascida rechinaram sobre os seixos, ela avançou em direção à margem.

— Sabem o que vamos fazer? Vamos tomar banho.

— Tomar banho? Mas assim?

— Assim, não — respondeu a Malnascida, a rir-se. — Despimo-nos.

— Como assim? — perguntei eu.

— Ficamos de cuecas e camisola interior. É como estar na praia.

— E tu o que é que percebes disso? Nunca foste à praia — disse Matteo.

— E tu também não, desculpa lá — replicou Maddalena. — Mas o que é que interessa? Fazemos aqui a nossa praia. Uma praia só nossa, que é ainda melhor. Vá, vamos. — E despiu a blusa. Deixou-a cair sobre a margem, depois tirou os sapatos, prendendo o calcanhar com a ponta do outro pé e chutando-os para longe. — Mas pode saber-se de que é que estão à espera? — disse, despindo a saia.

Ficou de cuecas e camisola interior branca, larga sobre os ombros magros: a coluna vertebral destacava-se debaixo da pele clara das costas, direita e realçada. Era realmente bela.

Ganhou balanço e mergulhou na água do Lambro, reemergiu respirando depressa com a boca aberta.

— Está fria — gritou. — Vá, força, medricas^[15], atirem-se!

Matteo foi o primeiro. Nem sequer despiu as calças e a camisola. Assim que chegou à água, soltou um berro fortíssimo, um urro animal. Ele e Maddalena fizeram de conta que queriam afogar-se um ao outro, rindo e engolindo água e voltando para fora a tossir.

Filippo tirou o uniforme quase com raiva. Mergulhou e reemergiu respirando convulsivamente, apertando o peito com os braços e tremendo.

— Está gelada — imprecou entre dentes. Matteo chegou-se a ele e esguichou-lhe água para cima com os pés.

Então, despi a saia e a camisa. Foi como libertar-me de um vestido velho e sujo que está demasiado apertado, bom para deitar fora. Ganhei balanço. Debaixo dos pés a pele tornou-se dura depois daquele verão passado sem sapatos, já não sentia as pedras. Mergulhei de olhos fechados. A água estava gelada, cortou-me a respiração.

— Esta água está demasiado fria — disse Filippo, esbracejando em direção à margem.

— Pára com isso! Que menina! — gritou Matteo e bloqueou-lhe uma perna. Filippo tentou libertar-se e começaram a lutar, aos gritos e agarrando-se pelos cabelos.

A Malnascida meteu-se entre eles, empurrou-os a ambos para o Lambro e a luta transformou-se numa batalha desordenada, metade dentro de água, metade fora, uma competição para ver quem conseguia afundar o outro.

— E tu? Vais ficar a ver?

Então, fiz o sinal da cruz e lancei-me para o meio deles.

Esbarrar uns nos outros e dar murros, esfregar os joelhos no fundo limoso e sentir a lama negra que se enfiava entre os dedos e se colava aos cabelos fez de mim um ser de carne. Era feita de pele e sangue, nódoas negras e ossos. E ângulos e gritos. Estava viva.

Com os Malnascidos podia dizer pela primeira vez «Estou aqui», sentindo todo o peso dessa afirmação.

Apertei Maddalena por um braço e empurrei-a com um pé por trás do joelho, precisamente como a vira fazer quando desafiava os rapazes à beira do rio. Gritou e caiu de costas na água, quando reemergiu tinha os cabelos pretos colados à testa como algas. Levantou-se a rir e disse-me:

— Já vais ver.

Agarrou-me pela cintura e fez-me perder o equilíbrio. Não tive tempo de sustar a respiração, e no instante seguinte tudo se transformou em água. Engoli o gelo lamacento, estrebuchei, e julguei que ia morrer. Foi Maddalena quem me puxou para fora agarrando-me por um pulso. Tossi com força, pressionando o peito com uma

mão, depois desatei a rir-me. O pânico no seu rosto dissipou-se, abraçou-me. Era bom senti-la pele contra pele.

As sombras da ponte e dos edifícios ao lado da margem tinham crescido e cobriam quase completamente o leito do rio. Ainda abraçada à Malnascida, dei por mim a tremer.

— Vamos para o sol. Senão nunca mais secamos — disse ela. Os seus dedos enclavinados nos meus fizeram-me sentir um calor inesperado que subiu por mim acima e estacou na nuca.

Deitámo-nos na única nesga de sol que havia na margem, com os seixos a esburacarem-nos as costas e os olhos fechados, a resfolegar enquanto a água se dissolvia em gotas que escorriam pelas têmporas e nos ângulos dos nossos corpos imóveis.

— Quero ficar assim para sempre — disse eu, com a pele a aquecer-se-me devagar.

— Molhada e a tremer? — riu-se, mordaz.

— Ao pé de ti.

Pelo ranger dos seixos percebi que estava a mexer-se e, quando a sua sombra tapou o sol, abri os olhos e vi-a, deitada de lado, o queixo apoiado na mão.

— Vou contigo para a escola no próximo mês.

— A sério?

— O Ernesto disse que eu podia — anuiu. — Quer que eu faça o quinto ano, assim depois posso ir para o liceu, e vai tratar ele de tudo. Mas tenho de ter cuidado para não chumbar outra vez.

— Só precisas de estudar.

— Isso não é um problema. Posso esforçar-me. Mas o resto tens de me ensinar tu.

— E o que é que te posso ensinar? Eu não sei nada.

— A ser ajuizada, a portar-me bem — disse ela. Tornou a deitar-se de costas, esticou os braços e as pernas como se faz no inverno para desenhar anjos na neve.

Foi então que na barriga me latejou uma dor repentina, mortífera, como se alguém me pisasse. A dor desapareceu para voltar ainda mais intensa na respiração seguinte.

Levantei-me. Uma coisa escura colara-se-me à coxa e caía numa risca negra, fina. Pensei que era uma alga, uma erva molhada das

profundezas e estendi uma mão para a tirar.

Mas ao tocar-lhe dei-me conta de que os meus dedos estavam vermelhos e reluzentes de sangue. Ergui-me de rompante, cambaleando para tentar manter o equilíbrio enquanto me chegava ao nariz o cheiro húmido e desagradável de quando eu e Maddalena estávamos deitadas na descida dos gatos a comparar arranhões.

Mantinha-me imóvel: grossas gotas deslizavam-me pela barriga das pernas e caíam sobre os seixos, ali ficando, escuras como as moedas de cobre que a Carla amontoava na mesa da cozinha antes de sair para ir comprar pão.

— Estou a morrer! — berrei.

— O que é que se passa? — gritou Matteo, ainda dentro de água.

— Mas isso aí é sangue? — perguntou Filippo.

— Calem-se — interveio a Malnascida.

Comprimi as mãos no meio das pernas, pressionei com força para tentar estancar o sangue. Ia contorcer-me como uma boneca de trapos. As tripas iam sair-me e morreria assim, esvaziada e viscosa na margem do Lambro.

— Estou a morrer.

Em seguida ouvi a voz da Malnascida sussurrar-me ao ouvido:

— Não precisas de ter medo.

Agarrei-me à sua camisola interior ensopada, fiquei com as pernas fracas, tive de me agarrar a ela para não escorregar. A dor chegava em vagas e fui atravessada de novo por uma descarga escaldante. Arquejei. Respirar tornara-se um esforço consciente, cansativo.

Maddalena passou-me os dedos pelos cabelos endurecidos da lama.

— Respira. — As suas palavras eram água que corria. — Já te vai passar.

Deslizou-me pela espinha dorsal uma calma gélida, como um dedo que estivesse a contar as minhas vértebras. Os calafrios desapareceram juntamente com a dor.

— Está tudo bem — disse Maddalena. — É uma coisa normal. Eu disse-te que o sangue não nos deve meter medo.

— Mas como é que sabes?

— Vem todos os meses à Donatella. Doem-lhe a barriga e as costas, e ao fim de alguns dias passa-lhe.

— Todos os meses? — balbuciei. — Mas não pode ser. Assim uma pessoa morre.

— Já te disse que não — retorquiu ela, séria. Agarrou-me pelos ombros e obrigou-me a olhar para ela. — Todas as mulheres têm. É uma coisa que aparece quando se cresce.

— Tu tens? — perguntei, fungando.

— Ainda não.

— E porque é que aparece só às mulheres?

Encolheu os ombros.

— Não sei. Acho que somos assim e pronto.

Esticou os braços, separando-me de si, e olhou-me de cima a baixo, como a mãe fazia antes de sair de casa. Levou-me até à margem do Lambro, depois para dentro de água. Respirar voltara a ser fácil. Deixei que Maddalena me ajudasse a lavar o sangue. Fez-me tirar as cuecas que se tinham sujado, depois esfregou-me com força a parte de dentro das coxas.

— Desculpa — disse-lhe.

— Está tudo bem.

— Pela camisola interior, queria dizer. — Apontei para ela. Tinha-lhe deixado uma marca vermelha de lado.

— O que é que isso importa? — disse ela.

As pestanas humedeceram-se-me.

— Não chores agora.

— Não estou a chorar. — Enxuguei a cara com as mãos. — Chorar é para os idiotas.

Sorriu.

— Aprendeste.

Matteo e Filippo, agachados no fundo do rio, com a água a chegar-lhes aos ombros, olhavam para nós.

— O que é que te aconteceu? — perguntou Matteo, puxando para trás os cabelos que lhe pingavam por cima da testa.

— Nada.

Filippo inclinou-se para a frente, mergulhou a cabeça na água até às narinas para fazer bolhas soprando com o nariz. Reemergiu e disse:

— Mas então porque é que tens sangue?

— Quando nos ferimos não fazemos tanto alvoroço — acrescentou Matteo. — Deixa-me lá ver.

— São assuntos nossos — disse de uma assentada a Malnascida. — O que é que têm que ver com isso? E parem de olhar!

Sáímos da água. Alcançámos a margem e vestimos a roupa por cima da pele molhada. Maddalena apertou a blusa saltando um botão, a saia preta toda torta, colada às coxas. Enfiou uma mão por baixo e tirou as cuecas levantando uma perna, depois a outra.

— Toma — disse —, que as tuas ficaram sujas.

— E tu?

Encolheu os ombros.

— Não importa.

Peguei nas cuecas que me entregava, ainda molhadas. Enfiei-as depressa; estavam geladas, pegavam-se-me à pele. Endireitei-me, enrolando as minhas dentro da mão.

— Sabes aquilo que os outros dizem de ti.

Deixou a blusa mal abotoada e levantou a cabeça.

— E então? — perguntou.

— Não é verdade — disse-lhe —, não é verdade que trazes azar, nem aquela história sobre o diabo. E não é verdade que me acontecem coisas más por estar contigo.

Continuou a fitar-me em silêncio, séria.

— Contigo sinto-me em segurança.

⁸ Organização juvenil fascista a que pertenciam as raparigas entre os 8 e os 14 anos, o correspondente feminino dos «*balilla*» (cf. a nota da p. 65). (N. da T.)

⁹ A lista de regras e preceitos da organização fascista *Piccole Italiane*. (N. da T.)

¹⁰ Ária da ópera *Norma*, do compositor italiano Vincenzo Bellini. (N. da T.)

¹¹¹¹ Hino oficial do Partido Nacional Fascista. (N. da T.)

¹² Partido Nacional Fascista. (N. da T.)

¹³ «*Desmet, va'*», no original. (N. da T.)

¹⁴ «*La patria la dà né pan, né vin, né luganeghin*», no original. (N. da T.)

¹⁵ «*Tremacù*», no original. (N. da T.)

Segunda parte

O sangue de amanhã e as culpas de hoje

10.

O *Fiat 508* preto estava estacionado à frente da minha casa, do outro lado da rua, perto da loja do barbeiro e diante dos cartazes do *Cinzano*. O senhor Colombo estava no lugar do condutor, o rosto escondido pela sombra do chapéu. No banco do passageiro, com o seu vestido vermelho, via-se a minha mãe.

Não pude evitar ficar parada a olhar para eles. Estavam perto um do outro, pareciam ter uma conversa intensa e a mãe ria-se com uma gargalhada de boca aberta, grosseira, como em casa nunca teria feito. O para-brisas impedia-me de ouvir os sons, tinha a impressão de assistir a um espetáculo de marionetas.

A minha mãe deve ter-me visto porque se recompôs, fez um sinal ao senhor Colombo e abriu a porta do carro.

Ao descer ajeitou os cabelos e alisou a saia. Juntou-se a mim com os tacões a baterem na rua.

— É má educação fitar daquela forma, Francesca. — Fez uma pausa, passou a língua pelos lábios. — O senhor Colombo foi muito amável em acompanhar-me a casa. Vá, cumprimenta-o como deve ser.

O Colombo cumprimentou-me inclinando a cabeça e levando a mão ao chapéu.

A minha mãe acenou-lhe com a mão, alegre como uma criança, depois virou-se para mim. Só então pareceu ver-me realmente. Perscrutou-me com o rosto crispado e disse:

— Como é que deixaste o uniforme nesse estado?

Sem responder, atravessei o portão a correr. Subi as escadas: da rua, ela gritava o meu nome. Tinha apertadas numa mão as cuecas sujas; na outra, as luvas amarrotadas.

Entrei em casa, e a Carla, que me reconhecia pelo barulho dos passos, disse-me olá da cozinha. O meu pai assomou por trás do jornal e disse:

— Comprei-te o *Corrierino*. — Depois viu-me: — Mas o que é que te aconteceu? Caíste ao Lambro?

Ser vista por ele naquele estado fez-me arder na cara o calor do embaraço. Meti-me sem demora na casa de banho e lavei com toda a pressa as cuecas impregnadas de sangue, com medo de que me ralhassem.

— Pode saber-se o que é tem a tua filha? — perguntou a minha mãe, nervosa.

— Mas não estavam juntas? — disse o meu pai. — Onde é que a deixaste?

Comecei a esfregar com mais força o sabão, os ângulos pontiagudos comprimiam-me as palmas das mãos e a água tingia-se de cor-de-rosa, enquanto o cheiro do sangue misturado com o cheiro adocicado da lavanda me chegava às narinas.

— Deve ter andado outra vez com aqueles desgraçados — dizia a minha mãe. — A senhora Mauri viu-a com a Malnascida.

— Com quem? A filha dos Merlini?

— Não gosto daquela miudinha. Eu bem dizia que a ia prejudicar.

Contive as lágrimas e gritei:

— Não sabem nada, vocês!

Do outro lado, um silêncio repentino. Foi a minha mãe a primeira a retomar a palavra, exigindo que o meu pai me castigasse como deve ser pela minha impertinência. Mas ele recusou e, como ela insistia, ele gritou-lhe que parasse.

Detive-me, aterrada, agarrando-me às bordas do lavatório. O meu pai nunca gritava.

A porta da casa de banho abriu-se de par em par, fazendo entrar o clarão vermelho do vestido da minha mãe. Ficámos a olhar-nos demoradamente: eu em pé à frente do lavatório sujo de sangue, as pernas nuas e os braços cheios de espuma, ela à soleira, com os olhos redondos. Disse baixinho:

— Compreendo.

Não me deu explicações. Disse apenas, com um tom impessoal:

— És uma mulher, agora.

E, por um instante, pareceu não me reconhecer, quase como se eu fosse alguma coisa de ameaçador: uma criatura que ela tentara amestrar e lhe escapara.

Em seguida abriu o armário da casa de banho e dispôs na borda da banheira tiras compridas de tecido e um frasco que dizia *Sanadon*.

— Estas, para o sangue — disse —; isto, para as dores. Quando acabares, tem atenção para não deixares nada sujo. E das próximas vezes debes dizer apenas: «Estou indisposta.» Senão, não parece bem.

Saiu fechando a porta atrás de si. Ouvi-a atalhar da sala:

— Nada. São coisas de mulheres.

Fiquei como que embrutecida, só acordei no momento em que a Carla bateu à porta.

— Posso?

Ao entrar, fez-me um sorriso bondoso e respirou fundo. Pegou nas coisas que a mãe tinha deixado na borda da banheira e disse, ajoelhando-se:

— Vou explicar-te como se faz.

As dores desapareceram ao fim de uma semana, juntamente com o sangue.

Mas a cada dia o meu corpo tornava-se cada vez mais estranho, algo que me custava compreender. Apercebia-me pela primeira vez dos olhares alheios, sobretudo masculinos.

Ia com os Malnascidos ao Lambro, usando roupas velhas, ou então saía bem penteada e perfumada para ir às compras com a minha mãe e sentia sempre o peso dos olhares e dos comentários bichanados pelos desconhecidos. Reparando que eu não estava à vontade, a minha mãe comentava: «Significa que és bonita», mas eu não me achava bonita. A atenção dos homens fazia-me sentir culpada.

Chegada a casa, fechava-me na casa de banho, e à frente do espelho, nua, envergonhava-me da acne que me desfigurava as faces e a testa e o queixo, do inchaço daquela carne dilatada que despontava sob os mamilos. Sentia em mim o remorso de crescer.

Por volta do final de setembro, nos cruzamentos à frente dos quiosques e fora da igreja, as pessoas falavam de «Abissínia italiana», «areias da vitória» e diziam «abaixo o Negus»^[16]. Um dia o meu pai

voltou para casa com uma garrafa de espumante, uma daquelas caras, e comunicou-nos que devíamos festejar.

Pôs o vinil das árias de ópera famosas, pediu à Carla que pusesse a mesa e cozinhasse risoto com açafrão, o seu preferido.

Havia muito tempo que não o via tão feliz. Cantava com a sua voz forte e desafinada: «*E a te, mia dolce Aida, tornar di lauri cinto. Dirti: per te ho pugnato, per te ho vinto!*»^[17] E quando a Carla tentou ajudá-lo a abrir a garrafa de espumante, ofendeu-se e insistiu que tratava ele disso.

Faltava a salsicha, mas o risoto estava saboroso; o pão, acabado de comprar na padaria, estalava sob os dedos e tinha um aroma quente.

— O que estamos a festejar? — perguntou a minha mãe, que não estava habituada a beber e já tinha a cara ruborizada.

— A concessão dos chapéus para as tropas — disse o pai — é oficialmente nossa.

A minha mãe ergueu o copo para que a Carla lhe servisse mais espumante.

— O senhor Colombo manteve a palavra — disse, com um ar orgulhoso.

— Mérito da qualidade do nosso feltro. — O meu pai bebeu o espumante e estalou os lábios, em seguida acrescentou: — E se esta bendita guerra realmente rebentar, vão ver como os pedidos continuarão a aumentar.

Eu não queria a guerra, mas estava feliz por ver o meu pai assim. Por sorte a péssima figura que eu fizera com o senhor Colombo não tinha arruinado o seu negócio. E ele continuaria a amar-me.

Limpei com o pão o que tinha ficado no prato. Naquela época tinha uma fome nervosa e insaciável.

— Limpaste-o que é uma maravilha — disse o meu pai, enquanto o miolo se embebia.

A minha mãe lançou-nos um olhar de fogo.

— Isso não são modos de uma menina.

— Deixa-a estar, que está em crescimento — riu-se o meu pai. — Está a fazer-se uma bela mocetona, a nossa Francesca. Mais alguns

anos e vamos ter uma fila à porta, estou a dizer-te. Teremos de afastar os pretendentes à paulada.

Enrolei os braços à volta do estômago que se comprimia contra o cóis da saia e recomecei a mastigar.

A Carla levantou a mesa em silêncio. Deteve-se antes de entrar na cozinha e fez o sinal da cruz. Estava assustada. Dizia que na guerra só morriam as pessoas honestas, enquanto aqueles que estavam lá no alto e mandavam os outros combater se estavam nas tintas.

— Sinto-o nos ossos — disse o meu pai, limpando a boca com o guardanapo. — De agora em diante, tudo correrá pelo melhor.

¹⁶ Título do soberano da Etiópia, antiga Abissínia. (*N. da T.*)

¹⁷ «E voltar para ti, minha doce Aida, coroadado de louros. Dizer-te: por ti lutei, por ti venci!» (*N. da T.*)

11.

A guerra foi declarada na noite de 2 de outubro.

Fazia um frio de rachar e o nevoeiro outonal^[18] era denso como manteiga. A praça Trento transbordava, mas a presença da multidão intuía-se somente pelos ruídos, pelo murmurinho da espera. Dos altifalantes vinha um silvo rouco e na sacada da câmara municipal as autoridades enroupadas nos seus uniformes esperavam com as mãos nas ancas e as costas direitas.

Clarões de bandeira tricolor e de estandartes emergiam da neblina para voltarem a submergir juntamente com a corneta de bronze do monumento aos mortos pela pátria.

Maddalena olhava para o chão, dizia:

— Será que acreditam realmente que é algo que nos deve deixar felizes?

De repente, os altifalantes crocitaram e a voz de Mussolini pareceu vir do nada. Era retumbante, orgulhosa, mas o Duce fazia demasiadas pausas para respirar e lembrou-me os peixes que abriam e fechavam a boca esbugalhando os olhos viscosos quando Maddalena os agarrava apertando-os entre os dedos.

O Duce falava com ímpeto dos homens e das mulheres que se juntaram nas praças:

«A sua manifestação deve demonstrar e demonstra ao mundo que Itália e Fascismo constituem uma identidade perfeita, absoluta, inalterável. Podem acreditar no contrário somente os cérebros envoltos na mais crassa ignorância a respeito dos homens e das coisas de Itália, desta Itália de 1935, ano 13.º da Era Fascista. Há muitos meses a roda do destino, sob o impulso da nossa determinação calma, move-se em direção à meta: nestas horas o seu ritmo é mais rápido e tornou-se imparável!»

Explodiram os gritos, os cantos e os vivas, gritados por um único e monstruoso ser sem forma nem corpo que nos rodeava.

Durante toda a noite foram transmitidos discursos e canções. Por toda a parte na cidade as pessoas eram tomadas por uma agitação insólita, como se só agora, naquele grito de guerra, encontrassem a sua razão de viver e tivessem bastado as palavras daquele homem, que todos haviam visto nos retratos nas paredes dos gabinetes municipais ou nos cinejornais e que falava da sacada de uma cidade conhecida nos postais e nos livros ilustrados, para lhes lembrar que eram parte de um povo, de um país com um único chefe e um único Deus.

Cantavam «*Faccetta nera*»^[19] e agitavam as bandeiras com tanta força, que por alguns instantes a neblina se dissipava. Aquela energia antiga, animal, dava-me uma descarga fortíssima. Apesar de não compreender como podia a notícia de um conflito inspirar alegria nas pessoas, como umas férias descontraídas, não conseguia evitar deixar-me levar por aquele ímpeto irrefreável. Era bom sentirmo-nos parte de algo, ainda que fosse caótico, violento e perigoso.

Três dias depois da declaração de guerra à Etiópia, Ernesto recebeu a convocação de recrutamento.

De gravata e camisa limpa, apresentou-se na sede do grupo local para pedir que adiassem a sua partida para a primavera, depois de celebrado o casamento, mas ninguém tinha tempo para o escutar. Todos os italianos deviam dar o seu contributo para a causa, e não importava se tinham filhos, mulheres, namoradas ou pais doentes. Aguardariam o seu regresso e fá-lo-iam em nome da pátria. Exigiam-se sacrifícios de quem quer que fosse, em troca de um bem maior que eu não conseguia perceber qual era.

Donatella ofereceu-se para convencer Tiziano a interceder junto do pai:

— Com a sua posição, de certeza que te arranja uma desculpa.

Ernesto cerrava os dentes:

— E para fazer o quê? Para andar por aí a dizer que mal posso esperar pela guerra, mas que não posso ir por uma doença cardíaca incurável? Nesse caso, prefiro a Abissínia. Pelo menos dali volta-se com o espírito sereno e o orgulho intacto. E livre. Que eu cá não quero ter nada que ver com os fascistas.

Donatella chorava, dizia-lhe que não percebia.

Também Luigia lhe suplicava:

— Que faço eu com o teu orgulho ao longe? Melhor fascista em casa do que livre em África. Ou se calhar até morto.

Ernesto arregalava os olhos, batia com as mãos na mesa e dizia que não renunciaria aos princípios em que acreditava por nada deste mundo. Na sua vida jurara fidelidade a duas coisas apenas: ao Senhor e a Luigia, a quem queria prometer-se ainda e para sempre com a bênção de um padre e grãos de arroz presos no colarinho. Poupara o suficiente para que a sua família pudesse sustentar-se sem grandes preocupações enquanto ele estava fora, dizia. Depois, quando via Luigia tremer e suspirar profundamente, tomava-lhe o rosto entre as mãos, beijava-a na testa e dizia:

— Vais ver que volto num instante.

Luigia tirava os óculos embaciados, encostava a cara ao seu peito e esforçava-se por sorrir.

— E agora, sem ti a fazer de manequim, como é que vamos acabar o vestido?

À hora de jantar do dia 6 de outubro estávamos em silêncio à frente do rádio, a sopa a arrefecer nos pratos. Uma voz grave, mas tranquila, anunciou que Aduá^[20] fora conquistada.

Ao fim de apenas três dias de combates, a primeira vitória. A Carla estava na cozinha a rezar ao Senhor para que o conflito terminasse depressa. O seu irmão mais novo, que repetia sempre «muitos inimigos, muita honra», embarcara como voluntário.

«Começa o caminho da expansão no mundo», dizia o rádio. «Itália inicia, a partir de Aduá reconquistada e reconsagrada, a sua missão de grande Nação colonial.»

No fundo, o jogo da guerra era fácil. Ernesto regressaria num instante e o casamento seria ainda mais alegre. Na primavera, quem sabe, a noiva com flores no cabelo e Maddalena por uma vez penteada e com sapatos brilhantes. Eu compraria um vestido novo, de adulta, de cintura estreita e saia a deixar os tornozelos à mostra. Maddalena rir-

se-ia e eu dançaria as canções da festa com as pontas dos pés equilibradas sobre as suas.

¹⁸ «*Scighera*», no original. (*N. da T.*)

¹⁹ Canção popular de propaganda fascista no período da Segunda Guerra Ítalo-Etíope. (*N. da T.*)

²⁰ Cidade no norte da Etiópia, onde, em 1896, na Primeira Guerra Ítalo-Etíope, as tropas italianas haviam sido derrotadas pelo imperador Menelique II. (*N. da T.*)

12.

Ernesto devia partir na manhã de segunda-feira, dia 14, o dia em que começaria a escola. Juntar-se-ia a um batalhão para o curso de instrução e daí embarcaria para África.

Luigia rezara para que lhe atribuíssem um regimento em Itália, talvez em Verona ou em Florença. Também ela não fora ouvida. Se calhar lá em cima no Paraíso eram como na sede do grupo local e não tinham tempo para fazer caso de uma modista.

Maddalena queria fazer gazeta às aulas no primeiro dia para acompanhar Ernesto à camioneta militar, dizer-lhe adeus até ele desaparecer no fundo da estrada e a sua garganta se secar à conta de tanto gritar. Mas ele fizera-a jurar que nunca faltaria à escola e que se portaria bem.

— Quero só vintes na caderneta.

Dera-lhe um beijo na bochecha, precisamente em cima daquela mancha onde se dizia que o diabo lhe tocara.

— Não deixes de ter fé.

No domingo antes da partida, os Merlini tinham organizado um almoço, com salame cozido e bolo de castanhas, e eu também fora convidada.

— Já és da casa — dizia Ernesto.

Luigia mordida constantemente o lábio e tinha os olhos inchados. Donatella estava sentada sozinha de frente para a janela a fumar um cigarro, tirara-o da cigarreira de prata que Tiziano Colombo lhe oferecera. Durante dias, tinha acusado Ernesto de não a ter deixado ajudá-lo e, agora que tinha de ir para a guerra, não conseguia evitar culpá-lo.

— O seu maldito orgulho — dizia. — Sabe-se lá o que vai fazer dele.

Foi um almoço triste, com Ernesto a esforçar-se por tornar o ambiente alegre. A janela estava aberta, apesar do frio, para se ouvir a música que vinha do apartamento no andar de cima. Quando

passaram «*Faccetta nera*», Ernesto fechou-a e enrolou um cigarro em silêncio, humedecendo a mortalha com os lábios. O fumo do cigarro preencheu a cozinha e ele ficou soturno.

A mãe de Maddalena, à cabeceira da mesa, raspava o garfo no prato de bolo de castanha vazio, e disse:

— Se Mussolini soubesse, não haveria injustiças destas. É preciso que ele saiba das nossas desgraças, que somos gente pobre. Talvez possamos escrever uma carta.

Luigia procurou com o olhar o de Ernesto, que ria amargamente.

— Como se ele quisesse saber.

— A Providência quis salvá-lo daqueles atentados. Significa que tem a proteção dos santos — insistiu a mãe.

— Significa que é como uma mosca, esse. — Ernesto bateu com a mão na mesa, fazendo voar tabaco esfarelado. — É difícil matá-lo. É preciso empenho. Tens de tentar e tentar outra vez, até conseguires.

Luigia pôs a aquecer a água para o café de cevada; entretanto, Maddalena levou-me ao quarto onde dormiam ela e os irmãos. Por cima da cama de Ernesto havia um crucifixo e uma estampa de São Francisco pregados à parede, juntamente com recortes de jornal com as fotos de Nuvolari e de Learco Guerra, que no ano anterior tinham vencido a Volta a Itália. Na mesinha de cabeceira de Donatella estava um postal com uma fotografia de De Sica numa cena de *Gli uomini, che mascalzoni...*^[21], uma caixa de pó de arroz e um romance policial: *Crime no Vicariato*.

No lado de Maddalena não havia nada, apenas as pedras brilhantes que apanhava no rio. No quarto só cabiam as camas, nada que permitisse alguma solidão.

Maddalena convidou-me a sentar-me na sua cama, o colchão estava cheio de bolsas em que se afundava. Disse-me que de noite examinava as rachas no teto e não conseguia dormir. Afastava a coberta, tentava rezar. Mas não conseguia. Disse:

— Tens de me ensinar como se faz. Não me lembro.

— Não é uma coisa que se ensine.

— É, sim — insistiu. — Como é que se deve estar? Assim? E depois? O que é que se tem de fazer depois? É preciso falar a Nossa

Senhora como se faz aos senhores e às senhoras? Dizer «por favor» e «obrigada»?

— E para que é que te queres pôr a rezar agora?

— Só quero que mo faça voltar para trás — disse ela, com os olhos sombrios —, e não voltarei a pedir mais nenhuma graça em toda a minha vida.

Nunca a vira tão abatida. A sua obstinação e a sua raiva já não contavam. No entanto, tinha os olhos secos e o olhar feroz do costume.

Ajoelhei-me ao lado dela, os cotovelos em cima da cama e a testa sobre as mãos unidas. Dissemos juntas a ave-maria e o pai-nosso, Maddalena seguia-me lentamente porque não se lembrava bem das palavras. Com ela ao lado, toda aquela história da fé readquiria um sentido e uma dimensão humana, longe do cheiro do incenso e da igreja. Junto de Maddalena, também eu recomeçava secretamente a acreditar.

Quando chegou a hora de voltar para casa, Ernesto despediu-se de mim dizendo:

— Estou feliz por a Maddalena te ter encontrado. — E bateu o fundo do cigarro contra a palma da mão, enrijando os ombros.

Tinha nos gestos a mesma rudeza da irmã, mas também a mesma vulnerabilidade, que procurava esconder, e um rosto capaz de enfrentar até o diabo.

— As pessoas chamam-na com um nome brutal — continuou ele, metendo o cigarro na boca. — Ela envergou-o como uma armadura e agora orgulha-se dele. É uma miúda forte. Não lhe interessa o que dizem os outros. E nestes tempos é a única coisa que conta.

— Não tem medo de nada — disse eu, tentando manter o queixo erguido como ela fazia.

— Nem sempre é bom. — Ernesto aproximou o isqueiro do cigarro, inspirou o fumo. — Promete-me que ficarás junto dela.

Senti-me importante, investida de um encargo sagrado: a heroína daqueles romances que falavam de duelos com espadas e de amor, onde os protagonistas morriam um pelo outro e usavam palavras difíceis.

— Prometo.

No dia seguinte, disse à minha mãe que não queria que a Carla me acompanhasse à escola, agora que eu já era grande. Pus o casaco, peguei na pasta com os cadernos novos e saí sozinha. O ar rarefeito da manhã despenteava-me os cabelos, fustigava-me o rosto.

Maddalena estava à minha espera na fonte à frente do *palazzo* Frette, ao fundo do largo Mazzini.

— Vais aborrecer-te — disse-lhe enquanto caminhávamos alinhadas no passeio. — Terás de voltar a ouvir as mesmas coisas do ano passado.

Maddalena apanhara um ramo e fazia-o bater contra as cancelas das casas. Disse:

— Desta vez é diferente. No ano passado tu não estavas. E além disso prometi portar-me bem.

Tinha a cara lavada, os cabelos atrás das orelhas e meias brancas.

— No fundo, um ano passa depressa. — Estendeu uma mão e pegou na minha, passando o polegar pelos meus nós gretados do frio. — Vá, vamos mais depressa, senão chegamos atrasadas.

Eu estava assustada e feliz por começar aquela escola que tinha um nome tão altissonante: «Escola Secundária». Fazia-me sentir grande. Durante o quarto ano tinha estudado muito tempo para o exame de admissão, e a mera possibilidade de não passar provocara-me pesadelos terríveis.

Na escola, com as suas regras, os seus horários e as suas avaliações, parecia-me ter um objetivo e um horizonte para alcançar. Havia um caminho que compreendia, uma missão. Como nos romances.

Chegámos sem fôlego, mas ainda de mãos dadas.

Entrávamos separados: de um lado os rapazes; do outro, as raparigas. Turmas divididas, como as entradas, como se Deus tivesse erguido entre rapazes e raparigas uma barreira que cairia só com o casamento.

Se não me senti perdida foi graças à mão de Maddalena, que me conduzia para além do portão de entrada com faixas tricolores, através do pátio do recreio e pela escadaria com o retrato de Rosa Maltoni, a mãe de Mussolini, que fora professora: tinha uma

expressão submissa e obediente; por baixo dela havia ramos de rosas e grinaldas, como diante de um altar.

A nossa sala ficava no segundo andar, as amplas janelas deixavam entrar muita luz, na parede do fundo estavam pendurados os retratos do rei, da rainha e do Duce; juntamente com o crucifixo. O quadro cheirava a sabão, os apagadores novos estavam empilhados na prateleira de madeira.

Maddalena levou-me até à última carteira: lá ao fundo podias distrair-te e espreitar pela janela.

— Trabalhei nisto durante todo o ano passado — disse, orgulhosa, mostrando-me um buraco da largura de um dedo que atravessava a carteira de um lado a outro.

— Está bem aqui?

— Não. Este ano vamos para a primeira fila.

As outras raparigas observaram-nos com curiosidade a atravessar juntas a sala de aula e voltar para as primeiras carteiras, onde ninguém queria ficar. Tinham tranças bem apertadas ou laços nos cabelos, os joelhos lisos como o miolo do pão quando o moldas muito tempo com os dedos, e estavam aprumadas, as costas direitas e os tornozelos cruzados.

Embora fosse um ano mais velha, a Malnascida era mais baixa do que todas no mínimo uma polegada, tinha o laço da bata desapertado e não fazia nada para esconder as feridas.

Entrou a professora de Italiano e Latim, levantámo-nos para fazer a saudação. Depois da chamada, apresentou-se com poucas, bruscas palavras. Disse que na sua aula não havia espaço para os mandriões e que não gostava de quem se queixava. Com a sua permissão, sentámo-nos com um burburinho de palavras confusas. As carteiras estavam unidas duas a duas e cobertas de inscrições gravadas por gerações de canivetes.

Tinha a respiração ofegante. Temia não estar à altura.

Debaixo da carteira, Maddalena pousou-me uma mão sobre a coxa. O cheiro bom, familiar, da sua pele tranquilizou-me. «Estou aqui», dizia. E isso bastava.

Embora Maddalena tentasse empenhar-se, via-se que a escola não era o seu lugar.

Incomodava-a o laço da bata, ter de pedir permissão para ir à casa de banho e dizer: «Desculpe-me, senhora professora.» Odiava em especial o ritual da saudação matinal, quando, direitas ao lado da carteira, erguíamos o braço direito com os dedos esticados na direção do retrato de Mussolini, batendo os pés e recomendando ao Senhor «o Duce, os Soberanos e a nossa querida Pátria». As outras raparigas olhavam para ela de soslaio, apontavam para os seus sapatos, os joelhos, o cabelo mal cortado e a mancha brilhante na têmpora. No intervalo encostavam-se aos caloríferos com o seu pão branco barrado de manteiga e riam do pão negro dela, mas quando ela dizia «Para o que é que estão a olhar?», metiam o rabo entre as pernas.

Eu, pelo contrário, começava a gostar da escola, embora já as primeiras aulas de Latim me tivessem levantado dificuldades. No entanto, o som de uma língua tão antiga era belo. E emocionavam-me as histórias de heróis e de deuses, de enganos e de batalhas, de amores grandiosos. Se Monza tivesse de arder como Troia, eu levaria Maddalena às costas e fugiríamos juntas sem nunca olharmos para trás. E depois fundaríamos uma terra só nossa e seríamos rainhas.

Eu sempre fora definida como uma rapariga «calma e bem-educada».

Já não me bastava. Queria que me chamassem pelo nome, dizendo: «É a melhor.»

Agradava-me quando me ofereciam distintivos com a bandeira e comentavam que eu fizera um ótimo trabalho. Mas as coisas mais importantes continuava a aprendê-las com Maddalena: como fazer saltar as pedras em linha reta no rio, porque é que os rapazes andavam atrás das raparigas e como é que os bebés inchavam daquela maneira as barrigas das mães antes de nascerem. As coisas que me explicava a Malnascida eram simultaneamente simples e misteriosas, como a rotação dos planetas ou a formação das montanhas, mas encobertas com a vergonha e a reticência dos crescidos, que as tornavam proibidas, clandestinas, e por isso interessantes.

Dei-me conta de que ficava mais feliz se era ela que me dizia «muito bem». Gostava de como me admirava se na escola a ajudava a

resolver um problema difícil ou lhe repetia a diferença entre o complemento determinativo e o complemento indireto. «Percebes logo estas coisas, tu», dizia, voltando a concentrar-se sobre o seu caderno com dobras nos cantos das páginas e manchas.

Esforçava-se pelo irmão, a quem escrevia uma carta todas as semanas. E, para o fazer, confiava em mim. Finalmente, desde o início da nossa amizade, apercebia-me de que também eu lhe dava alguma coisa. Até então, nunca me tinha sentido indispensável.

²¹ Filme de 1932 de Mario Camerini, protagonizado por Vittorio De Sica. (*N. da T.*)

13.

Maddalena sabia envergar a sua desobediência mesmo às escondidas. Orgulhava-se disso. Eu tinha medo de responder à professora, de encontrar o olhar dos adultos que falavam comigo, e aceitava qualquer repreensão sem nunca tentar dizer «não fiz de propósito».

Ela, pelo contrário, até nas situações em que não tinha outro remédio senão pedir desculpa, dizer «por favor» ou «perdão», fazia-o com ar de desafio. De fora, parecia irrepreensível e humilde. Mas por dentro cultivava uma revolta secreta.

Não se rebelava nem quando a chefe de turma — que, se a professora se ausentava, apontava no quadro os nomes dos bons e dos maus em duas colunas separadas — a punha no cimo da lista dos maus só porque ela era «a Malnascida» e «se ainda não fez nada de mal, de certeza que está para fazer».

Eu queria levantar-me, dizer que não era justo, mas ela dava-me sinal de que não o fizesse, porque senão era pior. Conhecia a maldade das raparigas na escola, desleal e sussurrada, cheia de enganos e falsidades ditas pelas costas, mas que mais cedo ou mais tarde se esgotava como o fogo que queima a erva seca.

Assim, Maddalena aguentava. Aguentava as bolinhas de papel com que a atingiam rindo-se da sua pronúncia forçada em Latim, aguentava quando no pátio lhe lançavam pedras e ela se protegia com a pasta de couro. As piores eram cinco raparigas do segundo ano, que tinham estado na turma de Maddalena. A mandachuva era Giulia Brambilla, a filha do farmacêutico, a quem, no ano anterior, Maddalena dera um murro, fazendo-a cuspir um dente.

Giulia chegava de manhã de motorista num carro preto, acompanhada da governanta, tinha canudos claros e redondos como os das mulheres nas revistas, e um sorriso de colegial obediente em que sobressaía o vazio negro do incisivo caído. Tinha boas notas e dirigia-se aos professores com maneiras amáveis e um tom calmo,

mas com Maddalena era cortante e descarada, muito cuidadosa para que os adultos não a descobrissem: atirava-lhe punhados de terra, metia-lhe no bolso da bata pedaços mastigados do seu lanche, puxava-lhe os cabelos até os arrancar e chamava-lhe «bruxa maldita».

Ela não reagia. Eu zangava-me. Tínhamos de contar aos professores, responder às provocações, fazê-la pagar. Fora a Malnascida quem me ensinara o gosto da revolta e não percebia por que razão agora sofria em silêncio.

— Prometi — replicava.

Comigo, pelo contrário, Giulia e as suas amigas eram simpáticas: diziam-me que tinha um lindo cabelo e perguntavam-me se alguém me cortejava. Aquilo era o que eu mais odiava.

Um dia, corríamos no recreio, Giulia Brambilla pregou uma rasteira a Maddalena e ela caiu sem ter tempo de levar as mãos à frente. Esfolou os joelhos e o queixo.

— Dói-te? — perguntei-lhe enquanto ela sacudia da bata o pó do saibro.

Ela riu-se com aquela gargalhada que era como sandálias em pedras.

— Nem um pouco.

Mas teve de ir na mesma à enfermaria, porque o sangue por baixo do queixo não parava, continuava a correr-lhe entre os dedos pressionados contra a ferida, manchando a bata.

Não disse uma palavra à Giulia Brambilla, ignorou-a completamente, como se tivesse tropeçado e se tivesse magoado sozinha.

Assim que desapareceu do outro lado do recreio, virei-me para a Giulia e as suas amigas, que estavam ainda a rir-se.

— Porque é que a odeiam tanto? — perguntei, tentando imitar a altivez de Maddalena.

— Àquela? — perguntou Giulia. — Nós não a odiamos.

— Então porque é que lhe pregam rasteiras, lhe atiram pedras e lhe fazem outras maldades?

— Estamos a defender-nos.

— A defender-se?

— Fazemo-lo antes que o faça ela a nós.

— A Maddalena não vos quer fazer nada.

— Não sabes que não podes pronunciar esse nome? Dá azar.

Engoli saliva.

— A Maddalena é minha amiga.

— A Malnascida não tem amigas. Não pode tê-las, ela.

Tinha as palmas das mãos suadas, o coração batia-me com muita força nas orelhas. Giulia Brambilla insistia:

— E sabes porque é que não as tem? — Os canudos claros chicoteavam-lhe as bochechas.

— Porquê? — Dei-me conta de que balbuciava.

— Porque quem está perto dela acaba por se magoar.

As amigas atrás dela riram-se, tirando uma, que estava calada a um canto.

— Não é verdade — reagi.

— Ela contou-te do irmão?

— Claro que me contou. Caiu.

— Tens a certeza?

— Claro!

— E do pai, contou-te? E da Anna Tagliaferri?

Deve ter percebido a confusão no meu rosto, porque continuou:

— O pai dela ficou com uma perna presa debaixo da prensa.

— Eu já sabia — disse, tentando que o meu pescoço, as minhas costas e as minhas pernas se lembrassem da postura de quando eu e os Malnascidos nos desafiávamos à beira do rio.

— E sabias que nessa mesma manhã a Malnascida discutira com ele e lhe dissera que ele bem podia não voltar?

A minha garganta secou.

— E sabes da Anna Tagliaferri?

— Não — fui forçada a admitir.

— Não te disse que a fez bater com a cabeça na carteira até jorrar sangue?

— Foi um acidente — respondi, quando percebi que se referia à companheira de carteira de Maddalena.

— Bateu com ela dez vezes. Não parava, parecia um martelo num prego. A Itala viu tudo. Na escola primária estavam na mesma turma. Diz-lhe, Itala.

A rapariguinha que estava à parte aproximou-se. Tinha dentes tortos e tranças. Limitou-se a anuir, trémula.

Giulia cruzou os braços e olhou-me demoradamente.

— Queres realmente cair da janela ou perder uma perna?

— Não, não quero — disse de um fôlego.

— Então mantém-te longe dela. A Malnascida tem o diabo dentro dela. E se o diabo te beijar também a ti, depois já não escapas. Mesmo que morras, porque no fim vais para o Inferno.

Fiquei em silêncio, sufocada pela angústia e pelo sentimento de culpa porque a minha boca não conseguia encontrar argumentos para refutar. «Metem-me nojo», queria dizer, «é tudo falso, são umas mentirosas.» Mas, em vez disso, estava calada. Porquê? Porque é que não era capaz de dizer aquilo que pensava e continuava a engoli-lo até ficar bloqueado no fundo do estômago a queimar?

— Tenho a certeza de que o irmão mais velho também vai morrer. Da guerra já não volta. Vai sufocar na areia de África. Vais ver se não é verdade. — Riu-se e as suas amigas fizeram o mesmo. Com exceção de Itala, que se escondera de novo atrás de Giulia Brambilla, mas uma outra deu-lhe uma cotovelada e ela esforçou-se por soltar uma risada sufocada.

Só então me dei conta de que Giulia Brambilla tinha deixado há algum tempo de me observar e fitava um ponto atrás de mim.

Voltei-me e vi Maddalena, com um penso no queixo. A forma como olhava para nós meteu-me medo.

Dois dias depois encontraram Giulia Brambilla no fundo das escadas.

Caíra e abrira a testa. Só recuperou os sentidos depois de os médicos chegarem para a levar. Tinha a cara suja de sangue e gritava muito. Ficara com os canudos ensopados e colados à cabeça. Um sapato escorregara-lhe do pé e agora estava suspenso num degrau. Tínhamo-nos debruçado do parapeito do segundo andar e alguém apontava para a mancha escura nas escadas de mármore, marcada

pelas pegadas das solas de quem a socorrera. Do seu retrato, Rosa Maltoni continuava a fitar o ponto em que ela caíra. Os ramos de flores haviam murchado e exalavam um cheiro mau.

A professora de Italiano mandou-nos voltar para a sala. Mas ninguém a ouviu. Estávamos reunidas no corredor: raparigas do primeiro ano de tranças e raparigas do quinto ano com penteados iguais aos das revistas, que normalmente não se misturavam entre si.

— Empurraram-na — disse uma rapariga do segundo ano com laços nos cabelos.

— Só a podem ter empurrado — acrescentou a nossa chefe de turma.

— E quem foi?

— A Malnascida.

— Alguém viu alguma coisa? — perguntou uma rapariga do terceiro ano.

— Não pode ter caído sozinha.

— Foi a Malnascida de certeza.

— É má.

— Foi ela que a empurrou.

As vozes sobrepunham-se, cada vez mais alto, para se fazerem ouvir por cima do toque da campainha, que o contínuo continuava a fazer soar para chamar à ordem.

Procurei-a no meio das outras, mas nada.

A professora gritava: «Para a sala, para a sala», enquanto todas continuavam a dar encontrões em direção à caixa das escadas para arranjar um lugar na primeira fila. Depois, de repente, o silêncio.

Maddalena avançou como Jesus ressurgido no meio dos apóstolos, e todas se afastaram para lhe darem espaço, mudas.

Foi quando chegou ao parapeito e olhou para baixo, sem dizer uma palavra, que uma voz desconhecida gritou da multidão:

— Ei-la. Foi ela. Foi ela.

— Cuidado que te atira também lá para baixo — avisou outra.

— Temos de ir contar aos professores — disse outra ainda.

— Depois amaldiçoa-te. Afasta-te dela!

— Porque é que não fala?

— Não deixem que vos toque.

— Está triste, porque queria matá-la. E não conseguiu.

— Agora tem de encontrar outra pessoa para mandar para o diabo. Maddalena voltou-se.

— Não é verdade. — Olhou para as raparigas uma por uma, com a expressão de quando estava pronta a bater-se.

O vazio à volta dela alargou-se, algumas separaram-se do grupo e dirigiram-se para o fundo do corredor, de onde o professor de Matemática e a professora de Latim começavam a conduzir para a sala as alunas do 1.º C, graças à ajuda do contínuo.

Maddalena pareceu-me de repente frágil. Mas nos seus olhos havia uma altivez luminosa.

Queria estender um braço, ir na sua direção, preencher o espaço que nos dividia, dizer-lhe: «Eu não acredito», mas não conseguia.

Era como se não estivesse dentro do meu corpo, mas sentada um pouco mais atrás, a observar-me a mim mesma a olhar para a Malnascida.

Foram os seus olhos que me trouxeram para dentro de mim, que me fizeram voltar a sentir o chão debaixo dos sapatos. Ela estava à minha procura.

As vozes das raparigas haviam-se tornado uma cantilena obsessiva: «Empurrou-a lá para baixo como fez com o irmão, queria matá-la. É ela que faz estas coisas acontecerem.»

— Foste tu que a empurraste? — disse de chofre. Subira-me à garganta aquela pergunta que não era minha, um assobio receoso que não me pertencia, como se atrás de mim estivesse outra pessoa a guiar-me, como uma marioneta, alguém assustado, pálido e mesquinho; alguém que eu nunca desejaria ser.

O rosto tornou-se-lhe frouxo e de repente a sua segurança dissipou-se.

— Estás a perguntar-mo a sério?

— Tinhas prometido — disse eu, tremendo ligeiramente.

A Malnascida contraiu o rosto numa careta, como quando se chupa um limão.

— Afinal também és igual aos outros. — Disparou, abrindo caminho no meio das raparigas que gritavam.

Fiquei a olhar para ela com uma sensação de fraqueza.

A culpa tinha o sabor de um murro no estômago.
— Maddalena! — gritei. Mas já a perdera de vista.

Fui procurá-la enquanto as outras voltavam para a sala, ordeiramente e em filas de duas a duas.

Lera-lhe nos olhos uma desilusão que me consumira.

Corri para o salão triste onde passávamos o intervalo nos dias de frio. Das casas de banho dos dois lados chegava um cheiro fétido. Da direita, vinha o som de um choro sufocado.

— Maddalena? — sussurrei, hesitante.

Segui aquele som indistinto até me encontrar diante da casa de banho ao fundo.

— Maddalena, desculpa — disse, empurrando a porta.

No escuro, uma forma encolhida no canto sobressaltou-se, a linha espessa de luz atingiu-lhe o rosto.

— Vai-te embora!

Reconheci-a pelos dentes tortos e pelas tranças de um castanho deslavado.

— Itala?

— Deixa-me em paz!

— Que fazes aqui assim?

— Só queria assustá-la — soluçou, com a nuca encostada aos ladrilhos. Tinha a cara vermelha de choro e o nariz a pingar. As palavras saíam-lhe meio comidas. — Não fiz de propósito. Juro — choramingou como uma criança pequena. — Já não aguentava. A Giulia é má. Mas não queria matá-la. A sério. Não queria. — Tinha os olhos brilhantes. — Não digas a ninguém — rogou —, por amor de Deus, não digas a ninguém.

— Não chores. Chorar é para os idiotas — disse eu, antes de fechar a porta.

Encontrei Maddalena afundada na poltrona em frente do gabinete do diretor, debaixo do grande retrato da família real.

Sentava-se aprumada, os joelhos alinhados. Viu-me e virou-se para o outro lado.

— Sei quem foi realmente.

— Porque é que não estás na sala?

— Foi Itala. Disse-mo ela.

Continuava a fitar uma gravura coberta de pó que representava os foros romanos.

— Maddalena, vá lá — disse-lhe.

— E então?

— Agora podemos ir dizer-lhes, não?

Riu-se. Mas era um riso tenso, patético.

— Seja como for, não acreditam em mim.

— E se eu também for?

— Tu também não acreditaste em mim.

Do gabinete do diretor uma voz imperiosa chamou:

— Merlini.

Ela levantou-se, bateu as solas no chão e virou-me as costas.

— Vamos juntas — insisti.

— Tu não sabes nada — disse ela, trémula. — Disseram que fui eu, e agora é assim que é.

— Mas não é verdade!

— A verdade em que querem acreditar é a única que vale. Já decidiram, não percebes?

Estendi uma mão para pegar na sua.

— Eu também vou. Têm de acreditar em mim.

Ela retraiu-se com um gesto nervoso.

— E quem és tu? — perguntou, com um olhar maldoso. — Não te conheço.

14.

Naquela noite caiu uma chuva furiosa e cinzenta, tão cerrada que não permitia ver para além dos passeios. Continuou sem cessar durante dias, o Lambro bramia e galgava as margens. A água arrastava as árvores que cresciam na borda, invadia as caves partindo caixas de vinho e velhos móveis, arrastava-se debaixo das pontes avolumando-se num lodo lamacento e enegrecido, raiava de terra a pedra.

E eu pensava: «Nem mais. É assim dentro de mim.»

Os dias sem Maddalena foram tristes, sem sentido. Dias de vazio que desembocavam uns nos outros.

Não mantivera a promessa que tinha feito a Ernesto. Não fora capaz de ficar junto dela. E agora, sem ela, estava mutilada. Estava nua e sem defesas. Sem ela, o meu mundo morria.

Estava sentada na mesma carteira que eu, mas não olhava para mim. A sua indiferença era uma dor gélida que me estrangulava o peito. A professora dava-nos os verbos para conjugar em latim, eu oferecia-me para a ajudar, ela escondia a folha sem dizer uma palavra. Deixava-lhe o meu lanche porque ela tinha só a sua fatia de pão negro, e no final do intervalo encontrava-o na carteira, intacto. Pedia-lhe «desculpa, desculpa, desculpa», de mil maneiras. Mas nada. Então, abria a mão, mantinha-a levantada e pressionava o bico da caneta na carne mole, até deitar sangue. Mostrava-lha e ela virava a cabeça. Recusara-se sempre a brincar ao faz de conta, e agora fingia que eu já não existia.

Não precisava de mim. Ouvia os professores, tirava apontamentos de modo obsessivo e no intervalo ficava na sala a rever a lição. Os professores geralmente ignoravam-na, por causa daquela história da Giulia Brambilla, que, entretanto, voltara com uma ligadura na testa e de muletas, mas não quisera falar do incidente com ninguém.

De tarde, depois da escola, eu adquirira o hábito de ir à ponte dos Leões espia-los lá de cima, aos Malnascidos, como fazia não muitos

meses antes, numa vida que me parecia pertencer a outra pessoa.

Esperava que sentissem o meu olhar sobre eles. Mas eu era um fantasma que vinha do passado, uma sombra esquecida.

Chegava a casa com a alma aos pés. Fechava-me no quarto ignorando as tentativas da Carla de romper a crosta que eu construía à minha volta. A minha mãe estava fora quase todas as tardes e, quando voltava, a primeira coisa que fazia era sorrir para o espelho e pentear o cabelo com os dedos. Nunca se interessava por mim, cantava árias de opereta e comparava o seu rosto ao das atrizes nas revistas. Se a Carla lhe pedia dinheiro para a carne e para o leite, ela deixava-lho na manhã seguinte na mesa da cozinha sem dizer nada. Parecia querer fingir que vivia sozinha. O meu pai estava preocupado porque o fornecimento de feltro de coelho tardava em chegar de Forlì.

Por vezes espetava as unhas nos braços e começava a arranhar-me, relembrando as feridas que os gatos me haviam feito no verão. Aquela dor, ainda que por pouco tempo, afugentava a outra. Mas sabia que, embora ninguém parasse na rua a apontar-me o dedo e a chamar-me «bruxa», era eu quem merecia ser mastigada pelo diabo para a eternidade. Sentia-me como quando o meu irmão morrera e eu tinha de esconder a minha culpa que não se podia dizer. Maddalena confiava em mim e eu traía-a. Tivera a ilusão de ser corajosa como os heróis dos mitos, de poder salvá-la de tudo, do fogo e da Hidra a quem as cabeças tornam a crescer. Mas eu era culpada sem redenção, e durante alguns dias, terríveis, desejei morrer.

15.

Por volta do final de novembro, aconteceu uma coisa que nunca esquecerei. Na saudação matinal, Maddalena ficou no seu lugar e, à chamada da professora, declarou:

— Eu por aquele ali não me levanto. Nem morta me levanto.

O silêncio que então se abateu sobre a sala era uma sensação pegajosa na pele, como o suor nas tardes de verão, em que não há sequer um sopro de vento e mesmo à sombra derretemos.

Haviam-nos ensinado a amar o Duce desde a primeira classe, com as lengalengas, aprendidas de cor, que comparavam o seu nascimento ao do menino Jesus e contavam a história da sua vida quase como se fosse uma transfiguração.

Nenhuma de nós tinha alguma vez pensado em pôr em causa a sua existência ou a aura sagrada que o rodeava. O futuro não poderia ser diferente do presente. O Duce era eterno e seria sempre eterno. Metia medo pensar que poderia deixar de existir.

Eu não gostava dos seus retratos pendurados em todo o lado: a sua cara sempre me parecera um enorme polegar, embora as outras dissessem que era bem-parecido, que quando crescessem queriam casar com ele, e beijassem às escondidas as fotos dele que guardavam dentro dos cadernos.

Todavia, eu nunca recusaria fazer a saudação romana. Não era por fé, respeito ou admiração; era por simples hábito, por convenção, como dizer «bom dia» e «boa tarde». Tinha de o fazer e pronto.

Maddalena, pelo contrário, permaneceu hirta, olhava para a professora nos olhos.

Eu soubera pela minha mãe, que falara com a modista para quem Luigia trabalhava, que as cartas que recebiam de Ernesto eram alvo de uma censura cada vez mais pesada. Em algumas, a única coisa que se conseguia ler era: «Gosto muito de ti. Tem fé.»

Além disso, poucos dias antes, cinco carabinieri tinham chegado de madrugada a casa de Matteo Fossati e, entre o choro e os gritos da

irmã e da mãe, haviam prendido o pai para o desterrarem. Na noite anterior, na taberna, cheio até ao nariz de vinho barato, proferira blasfêmias, dizendo que a Grã-Bretanha tinha feito bem em castigar-nos.

«Cerco económico», era preciso chamá-lo. Havia poucas semanas, desde o dia 18 daquele mês, haviam entrado em vigor as sanções económicas que a Sociedade das Nações tinha imposto a Itália depois do início da guerra em África.

E enquanto as pessoas cantavam «*Faccetta Nera*» e «*Ti saluto (vado in Abissinia)*»^[22], falando com impaciência da prosperidade que a conquista da Etiópia nos daria, chegaram as sanções que proibiam vender ao estrangeiro os produtos italianos e importar material bélico, empobrecendo de facto o país inteiro. Em todo o lado se viam nas ruas cartazes que exortavam: «Compra italiano» e inscrições nas paredes com «Abaixo as sanções», «França e Grã-Bretanha desfrutam dos seus impérios, porque não Itália?» e «Viva Mussolini». A Carla voltava do mercado com postais enfiados na saca das compras; estava lá escrito: «Prometo em nome da minha dignidade de fascista e de italiana não comprar nem hoje nem nunca mais, para mim e para a minha família, produtos estrangeiros.»

O senhor Fossati, pai de Matteo, por seu lado, repetia: «Esta guerra só serve para bons rapazes morrerem em busca de um pouco de areia. Os Abissínios têm razão. Somos nós que queremos ir à casa dos outros. Porque é isso que fazem os fascistas. Pegam nas coisas dos outros e embolsam-nas para si e para os seus amigos. Fizeram-no com o meu talho e fá-lo-ão também com as vossas coisas. E a nós, pobre povo, não restam senão injúrias. Ou os grãos daquela maldita areia da Etiópia!»

Alguém da taberna o devia ter denunciado e, nem uma hora depois de ter chegado a casa, os carabinieri arrancaram-no da cama tal como estava e levaram-no.

Maddalena deixou-se ficar sentada, orgulhosa: naquela postura eu via arder o seu instinto de revolta que nunca adormecera e que se tinha cansado de estar escondido.

Um clarão de desilusão atravessou-lhe o rosto quando a professora se limitou a dizer:

— Faz como quiseres. Veremos o que pensará o senhor Ferrari da tua insubordinação. — Como se o diretor pudesse meter medo à Malnascida.

Sentámo-nos e a aula recomeçou. Tive de fechar os olhos e respirar fundo antes de aproximar a minha cabeça da sua e sussurrar:

— Como estás?

Maddalena teve uma espécie de estremecimento:

— Estou ótima. — Depois veio-lhe a expressão de quando fitava os ramos dos carvalhos aos quais, até há pouco tempo, trepávamos juntas, e ela queria subir mais alto, ou das ocasiões em que corríamos pelos declives do parque abaixo e encorajava: «Mais rápido!»

— Peguem no livro de gramática. Página 42.

Íamos rever o predicado nominal e verbal, que depois examinaríamos em latim.

— Strada — disse a professora —, levanta-te e lê à turma os exemplos.

— O Duce é muito laborioso — li com voz firme, clara. — Predicado nominal. O Duce guia a Itália: predicado verbal.

— Muito bem — disse a professora, batendo com a régua na borda da cadeira. — E agora, quem quer experimentar traduzir para latim?

Perguntou-o com um ar divertido, porque sabia que ainda não éramos capazes de traduzir frases do italiano sem dicionário.

A carteira arranhou o chão com um ruído desagradável. Maddalena pusera-se em sentido. Aclarou a voz antes de começar a traduzir:

— *Dux ducit Italiam in Erebo*^[23] — disse. E em seguida: — *Dux est scortum*^[24].

A professora empalideceu. Foi como se o sangue lhe tivesse resvalado do corpo para ir parar às pontas dos pés.

— Rua — balbuciou.

Maddalena estava parada e não dizia nada.

Nós, imóveis e mudas estávamos.

— Rua! — gritou a professora. — Vai-te embora daqui e não voltes.

Maddalena fez uma pequena vénia e disse:

— Sim, senhora.

As outras raparigas puseram-se a cochichar. Ela dirigia-se para a porta, os passos medidos como a heroína de um livro pronta para ser coroada.

Levantei-me também, tão depressa que a minha pasta caiu com um barulho surdo. Viraram-se todas: as colegas, a professora e até Maddalena, que já tinha a mão na maçaneta. Olhou para mim. Há tanto tempo que sentia a falta dos seus olhos em mim, que me pareceu ter a cara em frente do fogo.

Fez-se um silêncio que quase se podia tocar.

Respirar tornara-se difícil.

— Recomendo ao Senhor o Duce, os Soberanos e a nossa querida Pátria — recitei como fazíamos todas as manhãs no momento da saudação. Depois acrescentei: — Espero que os mande a todos para o Inferno.

A Malnascida esperou por mim e saímos juntas; a professora perdera a voz à força de berrar que devia pôr-nos no meio da rua à paulada e que se ainda estivéssemos no tempo do óleo de rícino e das incursões noturnas teríamos visto como era mau rir sem dentes.

Maddalena fechou a porta da sala e os berros foram interrompidos.

Aproximou-se da janela que dava para o recreio, sentou-se no peitoril e sorriu-me.

O vazio que me invadia preencheu-se de ondas de calor cada vez mais altas que me deram vontade de chorar.

Céus, como sentira a sua falta.

— Não devias ter feito isso — disse. — Agora sabes o que vai acontecer?

— Não. E não me importa.

— Não te importa.

— Não.

— Já não aguentava — disse ela. — Já não conseguia fingir. Está tudo tão errado. Não te das conta?

— De quê?

— A guerra é levantar o braço e dizer o que querem que digamos e pensar o que querem que pensemos. E seguir as regras e sermos obedientes — respirou fundo. — Cansei-me de repetir só as palavras que eles queriam. O Ernesto está sempre a dizer: as palavras são importantes, Maddalena. Não se podem dizer sem pensar. Senão, são perigosas. E tem razão. Mas são também poderosas. Não achas?

Engoli o medo e perguntei-lhe:

— O que é que disseste antes na sala de aula? Falaste em latim e acho que não compreendi bem.

Riu-se, atirando a cabeça para trás:

— Disse que o Duce é uma puta.

22 Cântico das tropas italianas fascistas no período da Segunda Guerra Ítalo-Etíope. (*N. da T.*)

23 O Duce guia a Itália para o Inferno. (*N. da T.*)

24 O Duce é um prostituído. (*N. da T.*)

Terceira parte
A prova de coragem

16.

— Ninguém deve saber.

Foi a primeira coisa que a minha mãe disse depois de ter saído do gabinete do diretor. Usava uma maquilhagem carregada, o chapéu turquesa com véu e um vestido de baile, completamente desadequado, que alisara com os dedos, anuindo como uma estudante ajuizada, ao menos ela, durante todo o tempo em que a professora falara da minha «leviana manifestação de anti-italianidade».

Eu ficara em pé, encostada à parede, de mãos cruzadas. Não tinha autorização para abrir a boca. Foi a minha mãe quem falou:

— O nosso nome é respeitável. Não temos nada que ver com esta história.

Em seguida a porta do gabinete do diretor fechou-se atrás de nós e ficámos sozinhas; a mãe arrastou-me até ao retrato da família real e deteve-se a olhar para mim como se quisesse esmagar-me, advertindo-me mais uma vez de que não falasse com ninguém do que tinha acontecido.

— Deixe-me explicar.

— Calada! — gritou. — Deves estar caladinha. Como é possível que não compreendas? — Abanou a cabeça e os brincos de ouro bateram-lhe nas faces. — Sabes o que acontece a uma rapariga quando a sua reputação fica arruinada? Mais valia afogar-se no rio.

— Eu só queria...

— O quê? O que é que querias?

— Fazer-me ouvir.

— Desgraçada. — Estendeu a mão para me esbofetear e eu estremeci. Mas em vez disso agarrou-me pelo queixo. — A tua tarefa é estar calada. E esperar. É isso que faz uma boa rapariga.

— Esperar por quê?

Encolheu os ombros com um trejeito cruel que não consegui explicar.

— Quando fores mais velha, vais perceber. — A sua mão vacilou sobre o meu rosto, quase como se me quisesse acariciar, mas se tivesse esquecido de como se faz. — E se também desta vez o teu pai preferir fingir que não se passou nada, vais ver que tratarei eu de abafar toda esta história. Por todos nós.

Em casa, o pai não disse uma palavra. Fitava-me em silêncio, severamente, depois desviava o olhar. Ao jantar os seus gestos foram rudes e bruscos, levantou-se para ir para a cama sem acabar a sopa sequer. Na manhã seguinte, quando estava para sair, a minha mãe pôs-se à frente da porta, de braços cruzados.

— Já chega. Tens de dizer alguma coisa à *tua filha*.

Ele olhou-me demoradamente, o mesmo olhar da noite anterior. Não lhe pertencia, não era o meu pai.

— E então? — insistiu ela.

— A tua mãe quer que te repreenda — disse ele —, mas eu não tenho vontade de o fazer.

A mãe contorceu-se e gritou à Carla para lhe preparar o tónico, porque estava com uma dor de cabeça fortíssima. Depois correu para a cozinha, continuando a gritar: «É uma casa de doidos.»

— Mas digo-te uma coisa — continuou o meu pai —: ao crescer, deve aprender-se que muitas vezes é melhor não dizer o que se pensa realmente.

— E como se faz isso?

— Deves tê-lo para ti. Guardá-lo. Poli-lo. Aí pode estar seguro.

— E deixa de queimar?

Sorriu, um sorriso cansado.

— Nunca. Isso nunca.

Afinal acabaram por me readmitir a frequentar as aulas. A minha mãe andava pela casa de cabeça erguida, a dizer:

— Lembra-te, da próxima vez, que o teu pai não quer saber da reputação da *sua* filha.

Se tinha obtido a possibilidade de voltar para a escola fora graças a ela. Disse só que tinha pedido um favor a um amigo do pai, um daqueles influentes, e que as coisas se tinham resolvido. Nenhum dos

professores tornou a falar daquele episódio, como se nunca tivesse acontecido. As colegas começaram a isolar-me, a atirar-me pedras no recreio e a chamar-me «a subversiva».

Maddalena, pelo contrário, fora expulsa pela calada, sem muito ruído. Do tipo de desobediência que demonstrara era melhor não se falar. Eu deveria estar grata à minha mãe, pois só por ela ter intercedido é que não ia perder o ano. Mas a verdade era que o único sítio para onde queria voltar era para o meio dos Malnascidos. Dissera-o a Maddalena e ela perguntara-me:

— Tens a certeza de que tens coragem?

Queria ver se eu era ainda digna de estar junto deles.

Matteo e Filippo haviam-lhe sugerido que me cuspiisse como um veneno. «Tem muito cuidado com quem já te enganou uma vez^[25]», defendia Matteo, que desde que o pai estava longe começara a usar cada vez mais frequentemente o seu dialeto e as suas expressões.

Maddalena respondera que era capaz de se proteger sozinha e que não se deixava enganar. A melhor forma de me perdoar era pôr-me à prova.

Fazia frio na noite da prova de coragem, aquele frio que dilacerava as faces e transformava em névoa a respiração. Na rua, os candeeiros acendiam-se e as senhoras com golas de pele de raposa regressavam a casa depois das últimas compras. A Malnascida disse-me em surdina:

— Mantém a cabeça baixa.

Arrastávamos os cotovelos e os joelhos no chão de mármore do vendedor de fruta, pouco depois da hora de fecho. A luz amarela dos candeeiros de rua entrava através das vidraças da montra, e os cristais de geada concentravam-se nos cantos, na madeira lascada, e faziam sobressair as marcas opacas dos narizes das crianças que se haviam encostado ali para espreitar os cestinhos de tâmaras e de gengibre cristalizado. Sentia-se o odor macio do feijão e pungente dos citrinos. O senhor Tresoldi cantava da parte de trás da loja enquanto fazia contas, a voz sufocada pelo vidro martelado da porta fechada: «*Parlami d'amore, Mariú, tutta la mia vita sei tu.*» Do pátio vinha o ladrar nervoso do cão acorrentado.

A Malnascida avançava à minha frente. Via-lhe a saia rasgada, a orla do velho sobretudo de homem e as solas gastas dos sapatos. O gelo áspero do mármore penetrava nas mangas da minha camisola de lã e sentia na boca o sabor ácido do medo.

Respirei fundo e senti ressoarem-me na mente as palavras de Maddalena: «Eu não tenho medo de nada.»

Para entrarmos sem fazer barulho, aproveitáramos a sineta que tocara quando saíra Maria, a criada da família Colombo, levando nos braços de camponesa os cestos das compras. Em seguida, escondêramo-nos atrás dos caixotes de madeira vazios, empilhados no canto, de onde podíamos ver sem sermos vistas. O senhor Tresoldi recolhera-se nos fundos da loja para fazer as contas do dia e a loja estava silenciosa como uma árvore oca, o letreiro na porta com a palavra «Fechado». Maddalena fitara-me com os seus olhos escuros e sussurrara:

— Estás pronta?

Saímos do nosso esconderijo e começámos a gatinhar em cima do chão gelado.

Pensei na cara do senhor Tresoldi, nas suas mãos grandes com as palmas gretadas dos espinhos das alcachofras e as unhas sujas de terra. E o medo voltou-me à garganta.

Era amável quando eu ia à loja com a mãe e ela encomendava pêssegos penugentos, batatas, couves-flores e nozes, e no verão até morangos. Mostrava-se interessado nas coisas que a minha mãe dizia, ainda que fossem as mesmas que tinha dito na semana anterior. E ria-se e perguntava-me se eu gostava da escola ou se queria um rebuçado de mentol, que ia buscar aos fundos da loja sem esperar que lhe respondesse. Eu, para não ofender, como a mãe me ensinara, dizia sempre: «Obrigada» e metia-o na boca exclamando: «É bom.» Assim que saíamos da loja, cuspia-o.

O senhor Tresoldi anuí-a com satisfação e bonomia sempre que a mãe tirava a carteira e pagava adiantado. Mas, quando se zangava, especialmente com Noè, por tropeçar ao mover o caixote do tomate ou fazer mal as contas, ouvia-o berrar do outro lado da rua e assustava-me. Pragas, barulho de coisas partidas e o estalo das bofetadas.

Agora o vendedor de fruta cantava na outra divisão, logo a seguir à porta fechada. A luz do candeeiro era filtrada pelo vidro opaco e Maddalena fez-me sinal com o queixo.

O caixote das tangerinas estava no fundo da loja, perto da caixa. Era um fruto cobiçado e precioso, que Maddalena e os Malnascidos recebiam só no Natal, uma para cada um, de presente, uns por verdadeira restrição, outros para aprenderem a disciplina e a renúncia. Em minha casa, pelo contrário, não eram assim tão raras: a mãe comprava um saco mal começava o frio, ainda que fossem caras e o pai dissesse que era um vício e os vícios são coisas que te tornam fraco. Mas nunca o admitiria à frente dos Malnascidos, porque diriam que eu era uma chaga^[26], como se diz das moscas que zumbem sem parar à tua volta.

Rastejámos até ao caixote que continha a nossa presa, ela à frente e eu atrás. Maddalena ergueu-se devagar, um caracol que arrebita as antenas e sai da casca assim que sente as primeiras gotas de chuva.

— Está quase — disse, levantando a borda da saia e apanhando com a outra mão os citrinos que metia na concha de tecido que se formara. Quanto mais tangerinas se acumulavam, mais ela apertava as bordas da saia e as fazia aderir ao busto para que não escorregassem dos lados, mostrando assim as coxas fortes e brancas.

O vendedor de fruta cantava: «*Meglio nel gorgo profondo, ma sempre con te. Sí, con te.*» Então, levantei-me e enchi também os bolsos. Depois enfiiei outras duas nas cuecas.

A Malnascida estava prestes a desatar a rir-se, conteve-se até lhe sair só um raspar de garganta sufocado.

Foi então que atrás de nós ouvimos a sineta que anunciava a abertura da porta. Tudo em mim ficou hirto: a luz amarela do candeeiro do outro lado da rua delineava a sombra de Noè Tresoldi, que regressava das entregas com três caixotes vazios.

Soltei um grito, Maddalena esticou uma mão para me tapar a boca, mas soltou a saia e as tangerinas rolaram para o chão com o barulho estrondoso das pedras que à beira do Lambro deixávamos cair na água enquanto brincávamos às perseguições.

— Quem é? — disse o vendedor de fruta.

Maddalena deu-me um safanão. Estava paralisada. Noè baixou-se para apanhar uma tangerina que lhe rolara para junto de um sapato. Maddalena levou um dedo à boca e disse:

— Chiu.

Depois empurrou-me para trás dos caixotes de fruta à entrada, ao fundo, contra o expositor das curgetes.

— Quem é que está a fazer esta algazarra? — gritou outra vez o vendedor de fruta, surgindo dos fundos da loja.

Maddalena apertou o rosto entre as frinchas dos caixotes de fruta. O coração batia-me com força contra as têmporas.

— O que é que fizeste? — berrou o senhor Tresoldi. — Maldito bandalho^[27]. Olha para este desastre!

Espreitei também por entre as frinchas dos caixotes.

O vendedor de fruta despira o avental manchado de terra e de sumo escuro. Dobrou-se e pegou numa tangerina. Já não era uma esfera perfeita com a casca brilhante: tinha-se amolgado, como quando cravas os dedos na cabeça de uma boneca de celuloide e se forma um buraco do tamanho de uma ponta do dedo.

— Delinquente! — gritou, arremessando-a contra Noè. Foi na direção dele arrastando o pé doente e batendo com tanta força o outro, que fez tremer o chão. Agarrou-o por um braço e deu-lhe uma bofetada, que estalou como o pilão de ferro contra a carne crua na tábua de cortar.

Noè caiu, os cotovelos e o queixo bateram com força no mármore, as tangerinas debaixo da barriga. O senhor Tresoldi continuava a chamar-lhe «bandalho» e a dar-lhe pontapés nailharga, agarrado à parede para se manter equilibrado na perna vacilante.

Noè procurou levantar-se. Saía-lhe sangue do nariz.

Os seus olhos encontraram os nossos, recortados pelas frinchas dos caixotes de fruta vazios.

Apertei a mão de Maddalena. Agora seria a nossa vez. Noè ia denunciar-nos e o senhor Tresoldi ia encher-nos de bofetadas, ia partir-nos as costelas ao pontapé.

Mas não aconteceu nada. Noè pressionou a cabeça contra o chão.

O senhor Tresoldi ordenou:

— Agora limpa tudo.

Desapareceu atrás da porta de vidro martelado, pontapeando as tangerinas como se a raiva lhe tivesse deslizado para a ponta dos sapatos, no pé cujos dedos lhe tinham sido cortados.

Noè passou o indicador debaixo do nariz e deixou lá um traço vermelho.

A mão de Maddalena estava fria e seca contra a minha. Saltou, arrastando-me atrás de si para fora do nosso esconderijo. Noè olhava para nós.

— Espera — sussurrei, mas ela apanhou uma tangerina e empurrou-me para fora da loja. Do outro lado da porta, o frio cheirava a neve iminente.

²⁵ «*Vardeten ben de chi t’ha bolgiraà una vòlta*», no original. (N. da T.)

²⁶ «*Vessíga*», no original. (N. da T.)

²⁷ «*Sbregun*», no original. (N. da T.)

17.

No dia seguinte, Maddalena decidiu duas coisas importantes.

A primeira: eu superara a prova, podíamos voltar a ser amigas. A segunda: tinha uma dívida para saldar e fá-lo-ia a qualquer custo.

Quando me veio buscar a casa, naquela tarde, disse-me que roubara o dinheiro que a mãe punha de parte, no seu lugar secreto, naquela que fora a marmita de trabalho de marido, e mostrou-me uma nota de cinquenta liras toda amarrotada.

— O que queres fazer com ela?

— Quero dá-la a Noè.

— E se a tua mãe descobre?

— E o que me importa?

— Se descobre que roubaste do seu lugar secreto?

— Já disse que não me importa.

Esperámos por ele no passeio do outro lado da rua, em frente da tabacaria em cuja portada fechada estava escrito «Viva o Duce», «Viva a Itália», «Abaixo as sanções». Eu soprava nas mãos para resistir ao frio.

— Quanto temos de esperar ainda?

— O que for preciso.

Assim que Noè saiu da loja e se pôs a prender os caixotes de fruta no porta-bagagens da bicicleta, Maddalena disse:

— Vamos — e atravessou rapidamente a rua até parar à frente dele. Juntei-me a ela, com o fôlego a faltar-me e a boca seca.

Noè olhou para nós por um instante, em seguida voltou a concentrar-se no seu trabalho. Tinha mãos grandes, de homem feito, calos nos dedos, unhas redondas e bonitas.

— Isto é para ti — disse Maddalena, entregando-lhe a nota.

— O que é?

— Dinheiro. Pelas tangerinas — respondeu ela —, e também pelo nariz e pela cara.

— Onde é que o arranjaste?

— Isso não te diz respeito.

Ele amarrou a corda à volta do caixote de fruta e prendeu o gancho ao porta-bagagens da bicicleta. Tinha um lado da cara inchado e debaixo do olho direito uma nódoa negra da cor de ameixas maduras.

Maddalena continuava de braço esticado.

— Não o quero.

— Não sabes quem sou? Não sabes o que te posso fazer? Já te disse para ficares com ele.

— És a filha da senhora Merlini — respondeu Noè.

Ela limitou-se a anuir.

— Guarda-o.

— Porque é que não o queres?

— Volta a pô-lo onde estava, Maddalena — insistiu, dando um safanão ao caixote para se certificar de que estava bem seguro. — Antes que a tua mãe se dê conta e antes que o meu pai volte, que ele lembra-se de vocês por causa daquela vez das cerejas.

— Não me mete medo, o teu pai. A mim nada me mete medo.

Noè agarrou no guiador e com o pé empurrou o pedal para baixo. Olhou para mim, tive de fazer um esforço para não baixar os olhos.

— Podemos fazer uma letra de câmbio, se quiserem.

— O que é isso? — perguntou Maddalena.

— O que os adultos usam quando têm de pagar alguma coisa, mas não têm dinheiro. E então escrevem: «Pagarei.»

— Mas eu tenho dinheiro.

— E eu não o quero.

— Mas se não queres o dinheiro, o que é que queres?

— Não sei — disse ele. — Ainda não decidi. — Subiu para o selim e começou a pedalar.

Desapareceu no final da rua Vittorio Emanuele, depois da ponte dos Leões, com o caixote da fruta aos solavancos.

Só depois de Noè ter desaparecido no meio da multidão que enxameava em direção à praça do Duomo é que Maddalena guardou a nota de cinquenta liras.

— Ouviste o que ele disse?

— Que não quer o dinheiro.

— Não é isso. A outra coisa.

— O que é que ele disse?

— O meu nome.

Estávamos na balaustrada da ponte dos Leões e olhávamos para a enchente do Lambro, que atingira o ponto mais alto. Maddalena disse-me:

— Eu faço realmente acontecer coisas más às pessoas.

— Já não tens de me pôr à prova — respondi de um fôlego.

— Não. — Fez-me sinal para que me calasse. — Estou a falar a sério. O que a Giulia Brambilla te disse no recreio, sobre o meu irmão e o meu pai e também sobre a Anna Tagliaferri, é tudo verdade.

Contou-me que a primeira vez que se apercebera de possuir aquilo a que chamava o «poder da voz» fora aos sete anos, ao brincar com Dario na cozinha. O seu irmão tinha apenas quatro anos e julgava que Maddalena era uma rainha. O que quer que ela fizesse ele também queria fazer. Naquele dia estavam a fingir que eram andorinhas: de pé em cima das cadeiras saltavam como crias que estavam ainda a aprender a voar. Depois Maddalena dissera a Dario: «Agora és realmente capaz. Podes voar até no céu, se quiseres.»

E ele empoleirara-se na mesa, debruçara-se do peitoril e atirara-se. Não caíra simplesmente. Abrira os braços, virara-se e dissera-lhe: «Olha para mim.»

A Malnascida ficou calada a fitar os pés. Imaginei-a mais pequena, tão pequena que cabia numa mão, sozinha na cozinha silenciosa, a sustentar a respiração até ouvir o barulho surdo do impacto.

— É por isso que tens medo?

— Eu não tenho medo.

— Refiro-me a teres medo de brincar a fazer de conta. A contar histórias.

— Quando conto coisas que não existem, essas coisas acontecem — hesitou —, ou são as pessoas que sentem que lhes estão a acontecer e então fazem coisas erradas. Como Dario, que se atirou da janela porque acreditava que podia voar. Acreditou porque eu lho disse.

— A culpa não é tua.

— Então de quem é?

— Não sei — disse eu, encolhendo os ombros. — Se calhar aconteceu e pronto. As coisas más acontecem e pronto.

Pensei no meu irmão que morrera quando era ainda uma coisa pequena e delicada, na minha mãe que passara a noite a pedir ao Senhor que não o levasse, e disse:

— As pessoas morrem todos os dias por nada. Mesmo que rezes e peças que aconteça o contrário. E não é culpa de ninguém.

— Isso não vale para mim! — exclamou ela. E contou-me da vez em que, aos dez anos, tinha discutido com o pai, por uma ninharia: um atacador de um sapato que usara para jogar ao pião, acabando por parti-lo. Ele zangara-se, castigara-a, porque no trabalho ia fazer má figura com o sapato todo desapertado. Contou-me como à noite, antes de ser forçada a ir dormir sem comer, lhe dissera: «Mais vale que amanhã não voltes.»

E contou-me da Anna Tagliaferri, a sua colega de carteira no último ano da escola primária. De como começara a bater com a cabeça na carteira até o sangue e a tinta entornada se terem misturado e ter começado a espumar da boca. Só porque tinham discutido e ela lhe dissera que «já não a queria voltar a ver».

Era como se, no meio das desgraças e da morte que a circundavam, encontrasse conforto naquela convicção absurda: a certeza de que fora ela a causá-las.

— Portanto, se agora me disseres para me atirar à água e afogar-me, eu faço-o?

Enterrou a cabeça nos ombros.

— Assim e pronto?

— Às vezes é assim e pronto — disse ela. — Outras vezes, tenho de te explicar. Tenho de te convencer. Como se fosse uma coisa verdadeira. Um pensamento teu, percebes?

— Experimenta.

— O quê?

— Experimenta, vá lá. Agora. Comigo.

— Não. — O rosto contraiu-se-lhe e os olhos puseram-se como buracos de uma agulha.

— Eu confio — supliquei-lhe. — A sério. Só quero perceber como...

— Não! — gritou. — Não quero voltar a fazer aquilo. Sobretudo a ti.

— Não fizeste acontecer só coisas más — insisti. Ela olhou-me sem dizer nada. — No outro dia, na sala — continuei —, foi só por ti que depois também me levantei. E gostei. Apesar de ter medo. Um medo dos diabos. Mas foi bonito. Quero dizer, depois de ter chegado a casa. E não me importa o que a minha mãe pensa. Não me teria importado, mesmo se já não me deixassem ir à escola.

— Não deves dizer isso.

— Sentia-me bem. Parecia-me pesar menos, como quando ficas demasiado tempo debaixo de água e depois decides sair para respirar. E também da primeira vez que me apareceu o sangue. Foste tu que me fizeste passar o medo.

— É diferente.

— Não pensava que se podia fazer.

— O quê?

— Rebelar-se — respondi. — Ensinaste-mo tu.

Recomeçou a balançar as pernas, virada para o rio.

— Como é que não tens medo, tu?

Hesitei. Nos dias em que Maddalena desaparecera da minha vida, tinha-me dado conta do valor daquilo que nos ligava. Mas as palavras para o dizer não me vinham.

Os crescidos faziam um uso desproporcionado da palavra «amor», especialmente quando falavam de Mussolini na escola. Diziam-nos que o Duce «amava as crianças» e perguntavam-nos se nós também o amávamos. Usavam precisamente aquele termo e faziam-no acompanhar de outros como «arder», «morrer», «sofrer». O amor tornava-se a razão pela qual as atrizes do cinema se agarravam às cortinas. Uma coisa recitada. Uma coisa falsa.

Então, disse-lhe:

— Gosto de ti.

E pouco depois percebi que Maddalena estava a chorar.

Dezembro era um mês que eu sempre aguardara com impaciência. Desde que a Carla virava a página do calendário pendurado na cozinha ao lado do frigorífico, começava a contar os dias que faltavam para o Natal. Escrevia *x* com lápis de cor na esperança de que passassem mais depressa as horas que nos separavam do assado de mel e castanhas, dos presentes e das corridas de trenó na descida do prado da Villa Reale.

Naquele ano nem sequer me dei conta. Dezembro chegou juntamente com uma neve suja, que tiravam das ruas com uma pá e depois faziam apodrecer debaixo dos passeios, ao lado das sarjetas.

Nas lojas onde sempre haviam estado anúncios com crianças felizes que devoravam grossas fatias de panetone *Motta*, viam-se agora afixados cartazes de cores baças, severos, com uma única grande inscrição: «O Natal *Motta* é o Natal italiano.»

À porta da mercearia e à saída da missa das onze as velhas falavam baixinho da guerra, que diziam que duraria para sempre. Os homens estavam longe, à parte. Eram velhos encurvados, cuspiam para a neve tabaco mastigado. Imprecavam contra o Senhor e contra aquilo a que chamavam «a grande ignomínia». Por culpa da Grã-Bretanha e de França, que, entretanto, usufruíam do seu lugar ao sol e colonizavam a bel-prazer todos os países de África, não se encontrava chá e a minha mãe era obrigada a beber infusão de hibisco.

Na escola, a professora de História pendurara um mapa da Etiópia em que nos fazia espetar uma série de bandeirolas para assinalar os lugares conquistados: o Exército avançava e nós tínhamos de dizer uma ave-maria e um pai-nosso pelos nossos «corajosos soldados».

A carteira de Maddalena ficara vazia. Ela tinha dito que não lhe importava, mas eu sabia que nas cartas para Ernesto continuava a falar de testes e de trabalhos na sala de aula, de lições de que tinha conhecimento por mim. Conseguira que Donatella e Luigia

prometessem não lhe dizer nada e elas acederam para não lhe dar mais preocupações.

Maddalena dizia que ela e Ernesto tinham começado a escrever em código: ele marcava, com uma mancha de tinta, as palavras que deviam ser lidas, assim podia dizer a verdade sem ser silenciado pela censura: «Não me quero lamentar. Combater tornou-se fácil como beber um copo de água. A estratégia dos nossos inimigos é inconsistente. Nunca tive amigos leais como os meus camaradas.» No final da carta, na sua caligrafia que parecia a letra bonita da escola primária, estavam sempre as mesmas frases: «Tenta ser boa. Toma conta da Donatella e da minha Luigia. Tem fé.»

No dia 18 de dezembro, a minha mãe disse-me:

— Veste-te bem. E tapa-te, que está frio.

— Temos mesmo de ir?

— É uma coisa que tem de se fazer.

— Porquê?

— Tem de se fazer e pronto.

Sáímos de casa diretas à praça Trento para nos misturarmos com a gente aglomerada debaixo do monumento aos mortos pela pátria. Lá chegada, afligi-me a procurar Maddalena, mas a minha mãe segurava-me pelo pulso, arrastava-me.

— Mexe-te.

A um certo ponto, parei, coloquei o peso nos calcanhares e dei um puxão para me libertar da sua mão.

— Deixe-me!

Ela olhou para mim enquanto à nossa volta a multidão nos empurrava. Fitámo-nos como duas estranhas. Passou dois dedos debaixo do nariz congestionado pelo frio, disse apenas:

— O que é que disseste?

E nos seus olhos estavam as mil conversas sobre a reputação, sobre o nosso bom nome, sobre as pessoas que te julgam, sobre as boas raparigas que nunca desobedecem aos pais. Mas eu não era como o meu pai, já não conseguia guardar tudo para mim.

— Deixe-me ir, por favor. — Fui-me embora sem me virar para trás.

Quando cheguei ao pé de Maddalena, ela perguntou-me:

— O que se passa contigo?

Eu, ainda ofegante, disse:

— Tinha medo de não conseguir encontrar-te.

Ficámos juntas a ver as velhas subirem a custo os degraus que conduziam à estátua de bronze dos guerreiros enredados em combate e do arcanjo, para doarem a aliança de ouro em nome da Pátria e da Fé.

Montinhos de neve cinzenta sujavam a praça, branqueavam a corneta do anjo levantada para o céu e os escudos dos soldados de bronze amontoados uns sobre os outros. Os representantes da Combattenti e Reduci^[28] içavam os galhardetes da associação, e os guardas erguiam o pendão da cidade com a *Coroa de Ferro* desenhada. Estavam lá todas as autoridades, bem vestidas, a guardarem o capacete invertido depositado no altar, onde as mulheres entregariam as suas alianças, ao lado dos nomes dos soldados mortos naquela guerra em que tinha combatido também o irmão da mãe e à qual chamavam «grande». Lembrei-me das vezes em que o pai me fizera subir ao ponto mais alto do monumento, embora não fosse permitido, e me lera os nomes dos mortos. Fingia que eram meus amigos e que se limitaram a brincar à guerra. Tornariam a levantar-se como as crianças que fingem ter sido atingidas por um tiro disparado pelo indicador dos seus companheiros, e que depois voltam a casa para lanchar. Parecia-me estranho que uma pessoa que tivera um nome e um apelido agora já não existisse e fosse apenas uma inscrição que a chuva desbotava. O pai contara-me que debaixo da base do monumento se abria um lugar secreto, protegido por um portão, onde estavam guardados dois reservatórios de vidro que continham a areia e a água do Piave. Um rio sagrado, dizia, ao qual tinham até dedicado uma canção. Antes de voltar para casa, detinha-se sempre à frente da entrada da capela e lia-me em voz alta a frase gravada: «*E qua mostrando verran le madri ai parvoli le belle orme del vostro sangue.*»^[29] Fora escrita por um poeta que amava muito a Itália e significava que não era verdade que aqueles rapazes tivessem morrido inutilmente, porque os italianos se lembrariam deles. Mas não tinha a certeza de que o meu pai acreditasse realmente nisso.

Contei-o a Maddalena, e ela disse:

— Ninguém se importa com o sangue que quem morreu derramou. Já se esqueceram todos da guerra antiga ou lembram-se dela só quando é conveniente. Agora falam da guerra nova, não vê?

As mulheres levavam o vestido de domingo e escondiam os cabelos com um véu. Subiam as escadas e deixavam cair no capacete a aliança de casamento. Em troca recebiam um anel de ferro onde estava gravado «Ouro à Pátria» e um diploma com o feixe lictório.

A multidão fazia a saudação, talvez para ter uma desculpa para se mexer e afugentar o frio. Maddalena continuava a passar a língua pelos lábios rachados. Dizia:

— Isto não significa ter fé.

A minha mãe pusera o chapéu com a fita dourada, as luvas brancas. Apontei-a ao longe a Maddalena e disse:

— Olha como por ali vai toda orgulhosa.

Caminhava empertigada no seu casaco comprido com a gola de pele enquanto subia em direção ao capacete das oferendas. Eu sabia, porém, que sacrificaria um anel falso, de folha de ouro, que mandara fazer expressamente no Viganoni, o joalheiro.

A mãe de Maddalena tinha um lenço que lhe batia nas faces a cada sopro de vento.

— Não quero que me tirem isto também — dizia, acariciando a pequena aliança de ouro opaco marcada pelos anos. Desta vez não podia acrescentar: «se o Duce viesse a saber», porque fora precisamente ele a pedir aquele sacrifício a ela e a todas as mulheres italianas. — Já não há respeito — continuava a repetir —, já não há realmente respeito.

— Podia até não o fazer — sussurrou-me Maddalena ao ouvido. — Ninguém a obriga.

Mas eu sabia que não era fácil. O meu pai explicara-mo naquela manhã, enquanto a mãe, com uma lima de unhas, desgastava a superfície do anel chapeado e novo para o fazer parecer usado. O que as pessoas tinham vindo fazer naquele dia não respondia a uma ordem autêntica, uma daquelas a que se não obedeceres te fuzilam pelas costas e apagam o teu nome da lista de quem «merece honra». Definiam-no como «uma oferta espontânea». Se recusares, talvez não

leves com uma bala nas costas, mas tens na mesma de olhar para sempre por cima do ombro.

Até a rainha tinha dado a sua aliança de casamento. E também Rachele Mussolini. Pirandello dera a medalha do Nobel, D'Annunzio uma caixa de ouro. Se fosses um bom italiano, devias dar também.

Maddalena esfregava as mãos inteiriçadas. Tirei as luvas, friccionei-as entre as minhas e disse-lhe:

— Enfia-as nos meus bolsos, assim aquecem.

Abraçou-me, e pareceu-me que o frio tinha desaparecido quando senti em mim a sua respiração.

A mãe dela subiu com esforço as escadas do monumento, de xaile e vestido negros, como uma andorinha hirta. Ficou muito tempo de pé, pouco distante do altar, tentando tirar o anel do dedo. Um rapaz baixou-se para apanhar um pouco de neve com que humedeceu os dedos. Depois pegou na mão dela e esfregou-a entre as suas até a aliança escorregar, caindo-lhe na palma da mão. Não foi ele a deitá-la no capacete. Restituiu-a e recuou, tocando na aba do chapéu com uma vénia respeitosa. A mãe de Maddalena fitou-o, perplexa, depois beijou a aliança e fê-la cair no capacete, no meio das outras.

Foi então que Donatella nos reconheceu ao longe e abriu caminho entre a multidão juntamente com Tiziano, que estava de braço dado com ela.

Tinha a cara ressequida do frio, os cabelos penteados com esmero.

— Vim oferecer o cordão do crisma.

— Bom dia, meninas — disse Tiziano com aquele seu sorriso de estátua grega.

— E vocês? Não trouxeram nada? — perguntou Donatella, ajeitando o penteado. Depois, virando-se para a irmã: — Tu tens o pingente da comunhão. Podias ter pensado nisso.

Maddalena limitou-se a dar de ombros, eu fiz a mesma coisa.

— São só umas miúdas — disse Tiziano. — Que diferença queres que façam? Vá, vamos embora.

Apertou contra si a namorada e enquanto se afastavam tentava fazer passar os dedos entre os botões do casaco dela. Donatella riu-se:

— Olha que nos veem.

Antes de serem engolidos pelo resto da multidão, ouvi Tiziano dizer:

— Prometi-te que casava contigo.

Então ela deixou que ele lhe beijasse os cabelos, as faces, o pescoço.

²⁸ Associação nacional de combatentes e veteranos de guerra. (*N. da T.*)

²⁹ «E as mães virão aqui, mostrando aos filhos os rastos belos do vosso sangue.» (*N. da T.*)

Faltavam dois dias para o Natal e a neve começara a cair ininterruptamente, pousando sobre as coisas como se quisesse fazê-las desaparecer. Os parques perto da paragem do elétrico eram só para nós. Havia um silêncio estranho em redor, os cheiros intensos: o das luvas de lã, húmidas pelas bolas de neve que havíamos lançado uns aos outros, o suor filtrado pelos casacos pesados e a resina pegajosa dos abetos. A Malnascida andava de baloiço dando pontapés nos montinhos de neve; Filippo e Matteo, encostados à estrutura de madeira, falavam de presentes e de guerra.

— Quando for grande, quero ir — disse Filippo. — Assim aprendo a disparar um mosquete e tomo também as mulheres dos inimigos.

Esperava que naquele ano o pai lhe oferecesse um comboiozinho de lata e uma espingarda verdadeira com balas: nos encontros de sábado demonstraria que sabia disparar como um homem. Matteo, por seu lado, desejava apenas poder voltar a ver o seu pai, que lá no exílio não escrevia à família porque nunca aprendera a ler sequer. Os dois rapazes andavam frequentemente à bulha desde que o pai de Matteo já não estava em casa. Para instigar as brigas, bastavam motivos tolos: por exemplo, a quem cabia empurrar a Malnascida no baloiço ou quem merecia comer o único biscoito inteiro dos que Filippo surripiara da cozinha, esmigalhados dentro de um lenço com as iniciais bordadas. Insultavam-se, chamavam-se alcunhas maldosas. Matteo dizia que, quando crescesse, Filippo seria como os carabinieri que tinham prendido o seu pai: um vendido e um cobarde. Já Filippo dizia que Matteo era um ignorante e que nunca viria a ser nada, tal como o pai. Andavam à pancada rebolando-se na neve, davam pontapés um ao outro. Maddalena intervinha para os separar, gritando: «Parem com isso!» Dava a ambos uma cachaçada com força: «Só são capazes de repetir o que os outros dizem.» Como era ela a pedir, por fim, de má vontade, eles lá faziam as pazes. Havia só um princípio sobre o qual Matteo e Filippo nunca discutiam: era na

guerra que te tornavas um homem feito, porque só no dia em que conheces o sangue podes dizer que és crescido.

Maddalena tinha o seu velho sobretudo de homem abotoado até ao pescoço. Fez um círculo na neve com a ponta do pé e disse:

— Não é preciso ir para a guerra para se ser homem.

— E a honra, onde é que fica? — disse Filippo.

— Pode haver honra mesmo sem guerra. E sem o Duce — retorquiu ela.

Matteo enfiou as mãos debaixo das axilas para as aquecer e fungou.

— Quero lá saber do Duce. Mas se queres definir-te um homem, tens de ser capaz de matar. Com ou sem guerra.

— São coisas de homens — acrescentou Filippo. — Como é que querias perceber?

Fez-se de repente silêncio. Um monte de neve escorregou de um dos ramos mais altos e caiu no chão com um som abafado.

Fora desde aquela vez do sangue no Lambro que Matteo e Filippo tinham começado a olhar para nós de maneira distinta, a procurar as diferenças que os distinguiam de nós. E desde que Maddalena decidira readmitir-me, apesar de eles não concordarem, tinham começado a falar ininterruptamente, calando-se de imediato assim que nos aproximávamos, com a desculpa de que eram «coisas de homens».

Estavam convencidos de que escondíamos um segredo, eu e Maddalena. Por isso, tinham decidido inventar também eles um, para não ficarem atrás.

Maddalena riu-se:

— Porquê, vocês conseguiriam realmente matar alguém?

— Não acreditas em nós? — perguntou Matteo.

— Mas o que é que queres que ela saiba? — Filippo explodiu numa gargalhada maldosa. — Fala assim porque não pode ir para a guerra nem quando for grande, e tem de ficar aqui à procura de um marido e a dar-lhe filhos que depois vão ser soldados. O meu irmão disse-me que a única coisa que as mulheres devem aprender a fazer é darem-se sem exigir, precisamente como as mulheres do Duce. Porque, se és homem, basta tomares as coisas que queres, e pronto. É o que o pai diz sempre.

Maddalena saltou de rompante do baloiço e foi na direção dele.

Filippo recuou tão depressa que tropeçou num poste de madeira e caiu, as costas afundadas na neve.

— Agora tens medo, eh? — A Malnascida estava calma.

Filippo arquejava, os braços estendidos, deitando vapor da boca escancarada.

— Vá, bate-me, então.

— Não é preciso — disse ela. — Já sabes que te venço.

— Deixaste que aquela ali te mudasse — disse ele. Levantou-se, sacudindo a neve de cima, e, por um instante, nos seus olhos claros reviu os do pai, a maneira que tinha de olhar para as coisas como se fossem suas. — Não passam de mulheres. Não sabem o que quer dizer matar — sibilou.

Era a primeira vez que um deles usava aquela palavra a respeito de Maddalena: *mulher*. Ela nunca o tinha sido. Não para eles.

— Mulheres são vocês, que não percebem nada — cuspiu Maddalena. Pegou-me numa mão. — Vamo-nos embora.

Corri com ela para a saída do parque, a neve a rechinar debaixo dos sapatos.

— Cão forasteiro escorraça o cão caseiro^[30] — gritou Matteo por trás de nós, como se a Malnascida fosse uma coisa deles e eu um inimigo vindo sabe-se lá de onde para os expulsar e tê-la toda para mim.

Maddalena deu-me a mão durante todo o tempo, enquanto nos dirigíamos para a ponte. Nas esquinas dos passeios, os vendedores de castanhas assadas e de fogaças de castanha faziam subir ao céu o fumo denso dos seus lumes, os vidros das lojas estavam embaciados da respiração das mulheres imersas nas últimas compras, e quando as portas se abriam chegavam até à rua as canções de guerra que passavam na rádio, a água das fontes estava gelada, a do Lambro, cinzenta como o céu.

Foi na ponte dos Leões que Maddalena se deteve. Estava sem fôlego e tinha as faces vermelhas da corrida. Disse:

— Depois da missa de Natal, costumamos comer panetone com creme. Disse à Donatella para guardar uma fatia para ti também. Se

quiseres, nós vamos a São Gerardino, à da meia-noite.

A missa da meia-noite era uma coisa de adultos que sempre me estivera vedada.

Não ficava bem que uma menina estivesse ainda acordada àquela hora, dizia a minha mãe, mas era porque queria exhibir-se sem ter de se preocupar com cuidar de mim.

Era uma forma de se mostrar à cidade, a missa de Natal. Ia-se para ver, para ser visto e falar mal de quem não estava. Na catedral os lugares estavam reservados: à frente ficava o secretário local do partido com toda a família, de uniforme, o presidente da câmara e as outras autoridades da cidade com os carabinieri. As primeiras três filas de bancos eram no Natal inteiramente negras.

Na véspera de Natal a minha mãe veio ao meu quarto e encontrou-me já na cama, com os cobertores puxados até ao queixo e a luz apagada.

— Levanta-te. Já és crescida. Este ano também vais à igreja. E vê se não adormeces, que não fica bem.

Fiquei atrapalhada e disse apenas:

— Tenho de me vestir.

A verdade era que já estava vestida. Pusera-me debaixo dos cobertores de saia, meias e blusa, para poder sair às escondidas e encontrar-me com Maddalena.

Em vez disso, tive de me levantar e ir com eles. Lá fora, o céu estava escuro como breu e o ar, gélido, suspenso. As ruas estavam congeladas e silenciosas, invadidas pelas luzes das iluminações.

Quando chegámos à praça do Duomo, a minha mãe disse:

— Porta-te bem.

Nos intervalos de silêncio entre o repicar dos sinos, os saltos dos sapatos das senhoras ressoavam na calçada. Fora da igreja, os senhores estavam aglomerados a fumar cigarros e a falar de dinheiro, de guerra e de mulheres.

Dentro, o cheiro do incenso era tão forte, que dava náuseas, o som soturno do órgão abafava os palavrões de quem via ser-lhe roubado um lugar considerado de prestígio.

Sentámo-nos no banco da quarta fila, atrás dos Colombo.

Estava lá a família toda: Filippo, Tiziano, o senhor e a senhora.

Tiziano virou-se, sorriu-me antes de continuar a cantar em latim virado para o altar. Tinha uma voz lindíssima e, por um instante, pensei que deviam ser assim os anjos que estavam no Paraíso ao lado do Senhor.

O padre vestia paramentos de ouro, falava de Deus, de pátria e de família. Tudo me parecia falso, inventado: uma representação para crianças.

Fiquei de pé depois do canto do *Gloria*. O meu pai olhou para mim sem dizer uma palavra.

— Senta-te — sibilou a minha mãe. — Senta-te imediatamente.

Era a única ainda em pé e estavam todos calados. Ouviam-se somente as palavras do padre e o revérbero das últimas notas do órgão. Se me fosse embora, a cidade inteira ver-me-ia.

— Desculpa — disse ao meu pai —, tenho de ir.

Esgueirei-me do banco e comecei a correr. Atravessei a nave central pisando inclusive o mármore negro que mandava para o Inferno.

Saí com o vento cortante sobre a pele despida do rosto. Estava silenciosa, a praça da catedral, e escura, cheia de frio. Desci a correr a rua Vittorio Emanuele, passei a ponte dos Leões e segui ao longo do Lambro para me deter depois da ponte de São Gerardino. O claustro estava escuro, só se percebiam as vozes baixas de um canto despojado, à capela.

Entrei: a igreja era pequena, pouco iluminada.

Maddalena estava na penúltima fila com Donatella, a senhora Merlini e Luigia. Viu-me e disse:

— Pensava que não vinhas.

Faltava-me o fôlego e tinha calor.

— Vieste a correr? — Riu-se. — Vá, senta-te.

Donatella chegou-se mais à mãe para me dar espaço. Luigia disse-me:

— Bom Natal.

A missa na catedral era uma cerimónia feita para ser admirada por quem ignorava Deus e se preocupava, pelo contrário, com mostrar o próprio fervor aos que enchiam as primeiras filas, cantando melhor e mais alto do que os outros. A de São Gerardino era feita para ser escutada, era para quem precisava verdadeiramente de Deus.

Durante a oração eucarística, também Maddalena se ajoelhou. Dirigia-se ao Senhor à sua maneira, como se Deus estivesse sentado ao lado dela, e não nas alturas.

Tinha decidido acreditar e, quando se obstinava, era assim e pronto. Ao falar com Deus talvez se sentisse mais próxima de Ernesto, pois sabia que algures também ele o fazia.

O mármore debaixo dos bancos estava molhado das solas ensopadas de neve. O padre dizia:

— Esta é uma noite de esperança.

Movi-me ligeiramente para estar o mais perto possível de Maddalena. Depois ajoelhei-me e cruzei as mãos apoiando sobre elas o queixo. Tentei rezar. Rezei por Ernesto e para que a guerra acabasse. Rezei pela chapelaria e até pela minha mãe. Rezei pelo meu irmão, que já não existia, e sabe-se lá quem se teria tornado, se tivesse sobrevivido. E rezei por Maddalena. Com ela conseguia acreditar mesmo naquilo que até então considerara inverosímil ou absurdo, como o facto de o Senhor gostar também de mim, não obstante eu também esconder uma culpa. Era ela que me fazia acreditar que podia haver salvação também para mim. Era ela que iluminava todas as coisas.

Chegámos a casa dos Merlini já passava da uma. Nunca tinha ficado acordada tanto tempo, o sono transformara-se numa sensação opressiva na base da nuca que tornava os pensamentos leves e me fazia sentir mais crescida.

Sentámo-nos à volta da mesa da cozinha, que não tinha toalha. Entretanto, Luigia abria a embalagem do panetone *Motta* e Donatella punha na mesa a tigela de vidro com o creme de *mascarpone*. Movia-se lentamente, como se algo a sobrecarregasse, e falava pouco, só

respondia se a mãe lhe perguntava alguma coisa e apenas para dizer «sim», «não».

Era estranha, uma casa sem homens. Pareceu-me mais vazia, mais silenciosa. Persistia o cheiro a terra molhada, porque Luigia tinha começado a fumar os cigarros enrolados com mortalhas finas e o tabaco barato de que Ernesto gostava.

Luigia acabou de desempacotar o *Motta* e ofereceu-me uma fatia. Chamava-lhe «Pão de Toni», por causa da lenda daquele Antonio que trabalhava na cozinha dos Sforza e o criara só para reparar um erro. A sua voz era delicada e triste quando me disse:

— Diz-me se te agrada. — E deitou-me no prato uma colher de creme. Levantou a forma de papel espesso que envolvia o panetone, disse: — Vamos, que dá sorte — e pô-la em cima da cabeça de Donatella, como uma coroa.

Ela esboçou um sorriso, tocou-a com os dedos.

— Obrigada — disse. Tinha os olhos húmidos.

Comemos o panetone com creme, era bom, mas deixei de lado a fruta cristalizada. Havia também tangerinas, porque era Natal, uma para cada um. Maddalena pelou a casca numa única tira e dispôs os gomos em fila no prato, antes de os comer. Descascou também a minha.

— Podes engolir os caroços também, que aquela história da planta não é verdade. — Depois acrescentou, num sussurro: — Mas estas não são tão boas como as da outra vez.

Nenhuma das duas voltara a falar das tangerinas do senhor Tresoldi, as únicas duas que conseguíramos roubar na noite da prova de coragem e que tínhamos comido à pressa enquanto fugíamos. Quando Maddalena acabou os gomos, chupou a casca e começou a mastigá-la, franzindo os lábios.

— Toma, a mim já não me apetece — disse-lhe, dando-lhe a metade que restava da minha tangerina. Agradeceu-me e meteu-a toda na boca. Comeu-a com gana, depois pegou na fruta cristalizada que eu tinha rejeitado e no final lambeu as pontas dos dedos cobertas de açúcar.

— És mesmo uma mãos-rotas.

— Acabam sempre demasiado depressa — disse Donatella, brincando com o que sobrava da tangerina.

— O quê? — perguntei de chofre.

Maddalena pegou numa casca e esborrachou-a perto da minha cara, fazendo-a esguichar-me sumo nos olhos.

— Eh — protestei, e ela riu-se.

— As coisas boas — respondeu Donatella sem levantar os olhos. — Nunca duram o suficiente. — Pestanejou depressa, a voz tremia-lhe. — Vão-se e deixam-te apenas o sabor.

— Mas o que se passa, estás a chorar? — perguntou Luigia.

— És parva? Por uma tangerina, estás a chorar por uma tangerina? — disse a mãe, que tinha acabado de limpar com o dedo a tigela do creme de *mascarpone*.

— Vá, eu estou aqui — disse Luigia, estendendo-se para a abraçar.

Em silêncio, Donatella recolhia as migalhas da mesa. A senhora Merlini reuniu as cascas de tangerina e meteu-as no fogão.

— Assim o perfume espalha-se — disse.

Maddalena apontou para fora.

— Virgem santíssima, como cai! — Saltou da cadeira, os pés descalços no chão, foi à janela de sacada, abriu-a e saiu para o varandim só com a blusa em cima.

Lá fora tinham começado a cair flocos grandes e espessos, nítidos contra o céu negro.

— Fechem essa janela, que entra frio. — A senhora Merlini encolheu-se no xaile.

As cortinas insuflavam-se de vento, a vareta de metal que as mantinha direitas batia contra o fundo dos móveis, e nos ladrilhos da cozinha a neve derretia.

Saí com Maddalena para ver a neve que ela tentava apanhar estendendo as palmas das mãos e pondo a língua de fora.

— É boa.

— E já há muita. Neva bem — disse eu, apontando para a rua, onde a luz dos candeeiros esmorecia no meio dos flocos que pareciam bolas de algodão. Desatei a rir-me. — Não sabia que a neve se podia comer.

— Experimenta — disse Maddalena. Deitou a língua de fora e fez: — Aaah — apanhando os flocos com a boca aberta, como se os quisesse morder no ar.

— São doidas, vocês! Entrem, que ainda têm um ataque — gritou Luigia, de dentro.

— Mas viram como cai? É linda — disse Maddalena. — E não se ouve nada. — Os pés descalços tinham-se-lhe posto roxos, mas ela não fazia caso.

Luigia pôs o xaile na cabeça e juntou-se a nós.

— Faz um frio dos diabos, aqui. — Respirou fundo. — Parece que somos só nós no mundo. — A neve pousava-lhe sobre os cabelos, sobre as pestanas longas e negras. — O Ernesto teria gostado.

Maddalena disse-me que no dia em que os seus pais se casaram estava a nevar. A mãe dera ao pai o véu para ele o usar como cachecol porque fazia demasiado frio e, antes de irem para a igreja, ele preparara uma sopa para aquecer a garganta, e ao prová-la tinha queimado a língua, e na altura de jurar à frente do Santíssimo quase não conseguia falar.

— Luigia! Fecha aquela janela, por amor de Deus — implorou a senhora Merlini. Chegou à beira do varandim e deteve-se, a luz que vinha da cozinha desenhava a sua sombra com nitidez. — Mas é mesmo linda, não é? — Também ela parecia feliz, os olhos fechados para o céu. Em seguida, de repente, baixou-os para olhar para Maddalena. Olhá-la verdadeiramente. Estendeu um braço na sua direção e afastou-lhe com os dedos a neve dos cabelos. — Vá, que depois ficas com um febrão por estares ao frio.

Maddalena ficou hirta, de boca aberta e sem dizer palavra, como se, por um instante, tivesse visto um fantasma vindo de uma recordação e temesse assustá-lo só por respirar. A senhora Merlini não procurou os olhos da Maddalena e não acrescentou mais nada. Voltou para dentro para tratar da louça.

Reentrámos no calor bom da cozinha; tínhamos as mãos e as faces arroxeadas e os flocos dissolviam-se na pele aquecida. Maddalena retirava-me, com as mãos a tremer, aqueles que ficaram presos atrás do pescoço. Os dedos cheiravam a tangerina.

— Onde está Donatella? — perguntou a dada altura.

A cadeira dela estava vazia. Tinha deixado na mesa a fatia de panetone sem lhe tocar sequer.

Saímos para o patamar à procura dela, primeiro Maddalena, depois eu; Luigia e a senhora Merlini arrumavam a cozinha.

Da casa de banho vinha a luz branca da lâmpada acesa que criava uma nesga fora da porta entreaberta. Aproximámo-nos, Maddalena mexia-se com cautela, como quando queria roubar os lagartos aos gatos do Lambro.

Foi ela que empurrou o batente, devagar, sem o menor rangido.

Donatella estava de joelhos à frente do buraco da retrete, as pernas lívidas no chão, a coroa de papel do panetone ainda na cabeça, um pouco torta, a chorar. Cada vez que respirava dava um murro na barriga e gemia baixinho. Cuspiu na porcelana suja, limpou os lábios com as costas da mão e recomeçou a esmurrar o baixo-ventre, uma e outra vez, como se seguisse o ritmo de uma lengalenga para crianças.

— Mas o que tens? — perguntou Maddalena.

Donatella voltou-se: tinha o rosto desfigurado e o horror nos olhos.

— Nada. Não tenho nada — apressou-se a dizer, pondo-se de pé e alisando as pregas da saia.

— Estavas a chorar.

— Qual quê! — Forçou uma gargalhada. — Estou só um pouco enjoada. Não devo ter feito bem a digestão. É este maldito frio.

Tentou com gestos desajeitados recompor o penteado: a madeixa em forma de vírgula que lhe caía sobre a face desfizera-se e os cabelos estavam pesados de suor. A coroa de papel caiu-lhe e acabou no chão. Ela deixou-a ali e abriu caminho no meio de nós para voltar depressa para casa.

Ficámos a olhar-nos à porta da casa de banho, eu e Maddalena, como se procurássemos uma na outra uma explicação. Ela disse apenas:

— Também viste o que eu vi, não viste?

Anuí, mas não conseguia falar. Tinha a sensação de termos espreitado um segredo; alguma coisa de sujo e misterioso, de demasiado adulto para nós. Uma coisa que não poderia trazer senão desgraças.

Quanto voltei para casa, encontrei a luz acesa, o meu pai na pequena poltrona da entrada com as mãos sobre os joelhos, e a minha mãe, ainda no seu vestido de cerimónia, com os dedos entre os cabelos, os cotovelos na mesa e a garrafa de licor à frente. Ergueu-se de um salto e gritou alto:

— Como foste capaz de fazer uma coisa daquelas? Desgraçada!

Do apartamento por baixo do nosso começaram a bater com a vassoura no teto, gritaram para pararmos com a barulheira.

O meu pai levantou-se e, passando as mãos nas coxas como se tirasse o pó, disse somente:

— O importante é que estejas bem. Vamos para a cama agora, que é tarde. Amanhã pensamos no resto. — Fechou a porta de casa à chave, meteu-a no bolso do robe de noite e foi dormir.

— O teu pai lava as próprias mãos, como de costume — disse a minha mãe, acabando de um trago o licor que havia no copo. — Mas desta vez vais ver o que te acontece, minha menina. Daqui em diante já não saís de casa se eu não o disser. E olha que vou estar atenta.

— Desculpa — tentei dizer, com o medo a subir-me à garganta por aquela ameaça que, se posta em prática, me impediria de ver Maddalena.

— Tens ideia da figura que nos fizeste fazer? Vieram perguntar por ti depois do ofício. A senhora Colombo e até o pároco! As pessoas fitavam-nos. Onde estiveste?

— Em casa da Maddalena — disse de chofre.

— De quem? — gritou.

Olhei-a nos olhos, disse:

— Da Malnascida. Comemos panetone. Foi bom.

A mãe riu-se, com um riso que me assustou.

— Espero que te tenhas despedido dela como deve ser. Porque não voltarás a vê-la.

Atrás da porta do quarto, os meus pais discutiram durante muito tempo. Estendida na cama e ainda com a roupa vestida, eu seguia as sombras intrincadas que se moviam no teto e pensava na neve a derreter-se na língua, em Maddalena a mastigar a casca das

tangerinas, na sua irmã que enchia a barriga de murros e chorava. E tive vontade de rezar. De pedir ao Senhor: «Por favor, protege-os a todos.»

Passei as festas de Natal em casa. Os meus pais saíam para este ou aquele jantar em casa dos Colombo ou de outras «pessoas importantes» e nunca me levavam com eles.

Passei aí também o fim de ano, a jogar à *Volta à África Oriental em quarenta e oito casas* com a Carla, que me dizia: «Lamento muito, pequena. Desta vez, se te deixo sair, mandam-me realmente embora.»

Mas o mais terrível era não poder de alguma forma avisar Maddalena. E se pensasse que a tinha abandonado? E se depois já não me queria? Consumia-me, implorava, prometia que nunca mais pediria nada, nem para os meus anos, se me deixassem sair nem por uma hora que fosse. Se me permitissem ao menos escrever-lhe uma carta. Mas não adiantou.

Depois, um dia, deve ter sido a 5 de janeiro, na noite da véspera da Epifania do Duce, o Natal dos pobres, enquanto estava sentada à mesa da sala a resolver o problema: «Dez *piccole italiane* comprem meio quilo de biscoitos para cada uma e gastam 2,25 liras...», alguém tocou à campainha e a Carla foi abrir, dizendo:

— Deve ser o vendedor de fruta.

Senti-me paralisada. Por pouco não entornei o frasco de tinta no caderno dos deveres, e corri atrás dela. Noè Tresoldi tinha os caracóis achatados da humidade, o queixo escondido por um cachecol e um caixote de fruta e hortaliças entre os braços.

— Entrega para a senhora Strada.

— Podes dar-me a mim — disse a Carla. — Quanto é?

— Olá — disse-lhe, respirando com dificuldade.

— Olá — disse ele. Depois disse à Carla: — Vinte liras e sessenta e cinco cêntimos, senhora.

— Menina — corrigiu-o ela com um tom benévolo.

Dei-me conta de que tinha ainda vestida a camisa de dormir e o robe de lã. Apressei-me a apertar o cinto à cintura, a cobrir o peito.

— Tenho de dizer-te uma coisa — adverti-o.

— Eu também.

A Carla olhou para mim, depois olhou para ele. Tirou-lhe das mãos o caixote de fruta.

— Vou deixar isto à cozinha. Venho já com o dinheiro. Talvez demore um bocadinho a procurar a quantia certa. — E desapareceu a cantar «*Dammi un bacio e ti dico di sí. Nell'amor si comincia cosí.*»

Noè fitava-me com os olhos crispados.

— Tens de dizer à Maddalena que me puseram de castigo. Por isso é que não pude ir ter com ela. Vais dizer-lho, não vais?

Ele esfregou as palmas das mãos, soprou-lhes em cima.

— Está bem.

— Pensava que ela talvez viesse procurar-me, mas não veio. Nem uma vez sequer. Se calhar pensa que já não a quero ver ou que a esqueci. Mas não se trata disso. Dizes-lho também?

— Não veio procurar-te por causa daquilo que aconteceu — disse ele, remexendo no cachecol com os dedos. Fungou. — Não soubeste, pois não?

— De quê? — perguntei, sustendo a respiração.

— Era isto que te queria dizer: no outro dia, a irmã dela atirou-se ao Lambro.

— Vocês sabiam. Sabiam e não me disseram.

Nunca tinha falado daquela forma com os meus pais até então, nunca me atrevera. Mas pensar na Malnascida inflamava-me.

— Não são coisas para crianças — disse a minha mãe, pacata, enquanto bebia em pequenos goles a sua infusão de hibisco. Segurava o pires com uma mão, a chávena com a outra, como nas ilustrações dos livros de boas maneiras. — Além disso, não fica bem trazer para a própria casa as desgraças dos outros.

O pai mantinha-se escondido atrás do *Corriere della Sera*, a mãe tossicou discretamente. Ele baixou o jornal e passou a língua nos lábios, hesitando.

— Francesca...

— Quero ir ter com ela.

— O quê? — A minha mãe bateu com a chávena no pires. Virou-se para o meu pai. — Ouviste-a? Com quem é que achas que ela aprendeu esta impertinência?

— Quero ir ter com a Maddalena.

A Carla estava na cozinha, ouvia-se o barulho das tigelas na banca.

— Não se fala mais disso — disse a minha mãe. — Já te disse: aquela miudinha, não a voltas a ver.

Na última noite do ano, Donatella atirara-se da ponte dos Leões e ficara dentro de água durante o tempo de um rosário inteiro, antes de conseguirem puxá-la para fora. Saíra negra de lama, com os lábios e a pele lívidos, a roupa ensopada, os olhos vazios, a tremer como um gatinho recém-nascido. Não quisera dizer nada desde então, nem ao padre que passara por casa para a benzer. Maddalena escoraçara-o de casa ao pontapé dizendo que a bênção servia só para os moribundos e que Donatella não estava a morrer. Estava de cama, no entanto, tapada com cobertores até ao queixo, com febre alta e um suor gélido que a fazia tremer.

Não me deixaram sair até ao início da escola, a 9 de janeiro, porque no dia 8 era ainda feriado pelo aniversário da rainha Elena. Quando a minha mãe me disse para rezar pela sua saúde, tive esperança de que morresse por aquele dia a mais que me fazia passar sem Maddalena. Na manhã do dia 9, saí antes das sete e corri praticamente sem parar até à rua Marsala. Tinha a garganta seca enquanto engolia grandes bocados de ar frio que cortavam como gelo no ferro, as barrigas da perna e a anca a latejarem de dor.

Foi Maddalena quem abriu a porta. Embora estivesse frio, tinha os pés descalços e uma blusa leve de fora da saia. Os olhos estavam tão cansados, que pareciam esconder-se dentro das órbitas.

— Olá — disse ela.

— Estava de castigo.

— Eu sei.

— Não podia vir.

— Eu sei.

— Mas queria. Tanto.

— O Noè disse-me — respondeu, depois afastou-se. — Queres entrar?

Deixei cair a pasta na entrada e fui atrás dela.

A casa cheirava a quartos em que se dormiu demasiado, um torpor escuro e sufocante, as luzes estavam apagadas.

— Como está a Donatella?

— Assim.

À cabeceira estava a mãe, que desfiava o terço e murmurava uma prece húmida; Luigia, que cosia renda nos bordos de um véu de tule, à luz de uma vela.

Donatella tinha a pele amarelada, os cabelos negros, desmanchados na almofada, pareciam algas podres.

Maddalena pegou-me na mão e levou-me para a cozinha. Sentámo-nos à mesa e antes que falasse tive tempo para olhar para ela. Parecia-me mais magra, cheia de ângulos também no rosto, como se tivesse envelhecido de repente.

— Disse-me apenas que não o fez por querer morrer. Fê-lo porque quer viver, disse ela. A todo o custo. O que é que achas que significa?

— Não sei. — Sentia-me muito mal ao vê-la naquele estado. Gostaria de ter ficado eu com a sua dor.

— Não me quer dizer mais nada. Nem se a obrigo — continuou. Quando levantou de novo a cabeça, tinha os seus olhos maldosos. — Alguém lhe fez mal. Foi isso, de certeza.

— E o que é que podemos fazer?

A Malnascida mordeu o lábio, até a pele empalidecer, depois disse:

— Temos de encontrar um ganso e de lhe arrancar a língua.

³⁰ «*El can furestee cascía el can de paíee*», no original. (N. da T.)

Quarta parte

A língua decepada do ganso

21.

Estávamos no passeio do outro lado da rua em frente da loja do senhor Tresoldi, encostados à portada da tabacaria acabada de pintar. As sombras da noite eram espessas, à luz dos candeeiros de rua as nossas respirações adensavam-se no vazio em bufos que eu tentava apanhar com as mãos, para as aquecer.

— O que é que vamos fazer com um ganso? — perguntou Matteo, coçando o nariz.

— Com a língua, não com o ganso inteiro — corrigiu-o Maddalena.

— O que é que vais fazer com a língua de um ganso? — tornou Filippo.

— Meto-a debaixo da almofada da Donatella, e tem forçosamente de dizer a verdade. — Maddalena encolheu os ombros. — É assim que funciona.

— E como é que lha tiras? — perguntei, sentindo um calafrio.

Puxou de uma faca que tinha roubado da cozinha.

— Fácil — disse. — Com isto.

— Sabes usá-la? — Matteo fez um barulho com a garganta antes de cuspir um coágulo de catarro no pouco de neve acinzentada ainda no chão.

— Queres ver? — disse Maddalena, e a lâmina refulgiu à luz do candeeiro.

Matteo levantou os braços em sinal de rendição.

— Está bem. Acredito em ti, acredito em ti.

Ela guardou a faca e afastou uma madeixa de cabelos que lhe caíra para os olhos.

— Estão prontos? — O fundo do bolso estava molhado e pesado, exalava um cheiro mau.

— O que mais tens aí?

— Depois vê.

— Pronto. — Matteo deu um murro na palma da mão.

— Acho que vamos meter-nos em sarilhos — disse Filippo.

Maddalena lançou-se para o passeio da frente, mas não se dirigiu para a portada fechada do vendedor de fruta. Correu para o amplo portão que dava acesso ao pátio interior do edifício.

— E agora? — perguntei, assim que me juntei a ela.

— Entramos.

— Como?

— Como é que se costuma entrar?

— É preciso uma chave. E nós não a temos.

A Malnascida sorriu. Virou-se, estendendo uma mão para Matteo. Ele procurou no casaco e tirou uma grande chave cheia de riscos. Hesitou antes de lhe deixar cair sobre a mão.

— Onde é que a arranjaste?

— Mas és parva? — enfureceu-se Matteo, soprando com força pelas narinas.

Franzi os lábios, ofendida, e repliquei:

— Porque é que ficaste com a chave, se o talho já não existe?

— Porque sabia que um dia ia voltar.

— Se temos a chave, então não é como roubar, certo? — perguntou Filippo, atrás dele, com os olhos arregalados como berlindes.

— Calados, que ainda nos ouvem — disse a Malnascida, enfiando a chave na fechadura. Deu duas voltas e o portão abriu-se. Apoiou as mãos nas saliências de madeira escura e empurrou. Fez-nos sinal de que nos despachássemos, mantendo-o aberto. Filippo e Matteo obedeceram, desaparecendo na escuridão.

Eu e Maddalena ficámos sós. Ela virou-se para mim e estendeu-me a mão.

— Vens?

— Mas acreditas realmente nisso? — perguntei-lhe, enquanto ela tinha a mão estendida, à espera que eu pegasse nela. — Na história da língua, quero dizer.

A Malnascida olhou para mim como se olha para as crianças.

— Claro que acredito. Porquê, tu não?

Entrelacei os dedos nos dela.

— Se tu acreditas, eu também acredito.

Atravessámos o corredor de entrada, escuro, a cheirar a sabão, e passámos a portaria vazia num silêncio de igreja.

Entrámos no pátio, a terra era nua e dura de frio contra as solas; o medo, um nó apertado à volta da garganta. Filippo e Matteo detiveram-se a olhar em volta, as costas coladas à parede. A Malnascida ultrapassou-os, depois intimou-nos a segui-la.

— Não. — Matteo contraiu o rosto e espevitou. — Era a minha casa. Sei por onde se deve ir.

Maddalena fitou-o, em seguida desviou-se.

Matteo passou à minha frente, dando-me um encontrão com o ombro de propósito, depois prosseguiu até ao fundo do pátio, aonde não chegava muita luz e estavam amontoados bancos velhos despedaçados e móveis para deitar fora.

— Ali — disse, apontado para uma cancela preta com arame farpado que dividia o terreno do senhor Tresoldi do resto do pátio. Foi então que ouvimos o cão ladrar.

Demos um salto para trás e eu esforcei-me por não gritar. Tinha olhos alaranjados que brilhavam, deitava uma espuma suja e mostrava os dentes brancos como ossos rachados, enfiando o focinho entre as grades e raspando com as unhas.

Matteo arrancou um pau de uma caixa de madeira partida e disse:

— Vou matá-lo.

— Está quietinho. — A Malnascida deu-lhe uma cotovelada no flanco que o fez tossir.

Do bolso que pingava tirou uma coisa mole e vermelha, um líquido escuro correu-lhe pela manga.

— O que é isso? — perguntou Filippo apertando o nariz com os dedos.

Maddalena aproximou-se da cancela, enquanto o cão rodava a cabeça entre as grades, deformando o focinho e continuando a rosnar. A baba escorria-lhe.

— Queres? — disse ela, pondo-lhe a carne à frente.

— Olha que te arranca a mão.

— Tem cuidado!

— Vamos voltar para trás, vá lá. — Agarrei-a pela borda do casaco, mas ela soltou-se.

Estava pertíssimo, agora, de tal modo que aquela criatura podia mesmo comer-lhe o nariz. Um sorvo, em seguida uma respiração ofegante. O cão farejou o naco de carne rosnando baixinho. Escancarou a boca para o morder e foi naquele instante que Maddalena ergueu o braço, o esticou atrás das costas e atirou por cima da cancela o naco de carne, que acabou por embater no muro e cair para o chão, no meio do pó. O cão afastou-se da cancela e lançou-se para o fundo do pátio.

Doíam-me os ossos e só então me apercebi de que tinha batido os dentes e tremido o tempo todo.

— Vá, vamos, antes que o acabe — disse Maddalena.

— E como é que chegamos ao outro lado? — Filippo apontou para o arame farpado por cima da cancela.

— Saltamos.

— Olha que, se nos cortamos ali, não nos safamos — disse Matteo, batendo com o pau num ombro.

— E se usarmos aquilo? — repliquei, apontando para uma velha colcha abandonada por cima dos caixotes de madeira. — Podemos pô-la sobre o arame farpado para passar por cima.

A Malnascida sorriu.

— Muito bem.

O seu sorriso tornava estúpidos e infantis os distintivos da escola, os elogios dos crescidos.

Filippo e Matteo dobraram a colcha em quatro para que a camada de tecido fosse suficientemente espessa e não se rasgasse com os bicos de ferro. Contaram até três e fizeram-na pousar em cima da cancela. Maddalena foi a primeira a passar. Pôs os pés entre as grades e deu um salto, carregando os antebraços sobre a colcha para dar impulso.

— Funciona — sussurrou depois de ter chegado ao pátio com os animais.

Matteo seguiu-a, ajudando Filippo a passar. Eu também tentei saltar, mas não tinha força suficiente. Maddalena estava imóvel a observar-me. Queria ver se eu conseguia arranjar-me sozinha. Seria também uma forma de me pôr à prova? Enrijei a mandíbula como ela costumava fazer, dobrei as pernas e saltei. Por um instante, o vazio,

depois, brutal, o terreno contra um ombro, a anca, os cotovelos. Soltei um gemido agudo enquanto tudo ardia e Matteo se ria.

— Chiu! — fez a Malnascida, aproximando um dedo dos lábios. Depois levantou-me. — Não te aconteceu nada — comentou, verificando os sítios onde o meu casaco se tinha rasgado.

— Nada — repeti, limpando o pó da cara.

— Vá, molengona. Temos de nos despachar — disse Matteo.

O cão segurava o osso entre duas patas e lambia-o, a carne mordiscada.

Avançámos na penumbra cheia de sombras. Havia capoeiras de madeira, fardos de feno, utensílios sujos deixados contra o muro descascado, caixotes de fruta destruídos, uma banheira cheia de água que cheirava a podre e o fedor daquilo a que, nos passeios na montanha ou nos caminhos próximos dos campos, o meu pai chamava «poio»^[31], avisando: «Cuidado ali, para não o pisares» e indicava os círculos, largos e chatos como tampas de panela, do esterco das vacas. Parecia que o vendedor de fruta arrancara um pedaço de campo para o plantar ali, no meio de um pátio citadino.

Num cercado baixo estavam os gansos, um banco inclinado a fazer de escadote e um telheiro ondulado debaixo do qual estava a palha húmida em que dormiam, o pescoço inclinado e o bico escondido na plumagem.

— Temos de escolher um — disse a Malnascida.

— E a seguir? — perguntou Matteo.

— Matamo-lo.

— Tu sabes como se faz?

— Não — disse a Malnascida, encolhendo os ombros. — Mas as pessoas fazem-no todos os dias. Não pode ser assim tão difícil. — Passou por cima da cerca. — Então, vêm?

O silêncio oprimia-me. Juntei-me a ela, Maddalena acorada perto dos gansos que dormiam, as penas a tremerem por causa da brisa gélida.

— São lindos — disse eu.

— E gordos — acrescentou ela, girando a faca. — O senhor Tresoldi engorda-os para depois fazer paté de fígado.

Ficou a olhar para os gansos adormecidos, com a faca entre os dedos e a respiração que lhe saía em golfadas pela boca aberta.

— De certeza que o queres realmente fazer?

— Tenho de ir buscar a língua — respondeu, engolindo saliva, com os olhos a brilhar na escuridão. — Não tenho outro remédio.

— Queres que lhe seguremos? — propôs Matteo.

— E se ele começa a grasnar? — perguntou Filippo.

— Matamo-lo primeiro.

— Mas tens de lhe torcer o pescoço como às galinhas?

O uivo repentino do cão quebrou o silêncio. Matteo praguejou, Filippo escondeu a cabeça entre as mãos e disse:

— Oh, céus, agora apanham-nos.

O cão começou a uivar, a raspar na terra com ardor, depois voltou a ulular, com um barulho sofredor, intenso. A Malnascida fez uma careta.

— Vou verificar. Esperem aqui — disse, passando a faca a Matteo.

Saltou a pés juntos para fora do cercado e desapareceu no escuro, a borda do sobretudo demasiado grande a bater-lhe contra as coxas nuas que brilhavam à luz fria da Lua.

Virei-me. Matteo e Filippo fitavam-me. Trocaram um rápido sinal de entendimento, anuíram.

Matteo apertava a faca, Filippo estava atrás dele e repetia:

— Agora. Temos de o fazer agora, vá.

— Para o que é que estão a olhar?

— Decidimos que tens de te ir embora — disse Matteo.

— Quem é que decidiu?

— Nós.

— Nós, quem?

— Nós os três.

— Não é verdade.

— É, sim — disse Filippo.

— Tu não podes estar connosco. Não te queremos.

— Errei, daquela vez, na escola. Mas fiz a prova das tangerinas. Perdoou-me.

— Estou-me a marimbar para o perdão. Somos nós que não te queremos — disse Matteo. — Queres levá-la.

— Já a levou — replicou Filippo com uma voz aguda.
— Não é verdade — tentei protestar.
— E o que é que fazias na sua casa?
— A nós nunca nos deixou entrar na sua casa.
— O que é que tu tens para seres mais do que nós?
— Tens de te ir embora — sibilou Filippo, colando-se ao ombro de Matteo, fazendo estalar a língua no espaço que tinha entre os dentes.
— Ou juro que te matamos.

— Não — disse eu, a respiração gelada e trabalhosa.

— Então é melhor começares a correr.

As pernas tremiam-me.

— Não quero deixar a Maddalena. Por nenhuma razão no mundo.

— Não quer que digas o seu nome.

— A mim deixa-me dizê-lo.

Os lábios de Matteo torceram-se num trejeito assustador.

— Metes-me nojo.

Foi rapidíssimo: o braço lançou-se para a frente e voltou paralelo ao corpo antes mesmo que eu pudesse sentir a dor. Mas agora a lâmina pingava sangue na terra dura de gelo.

Levei uma mão à bochecha, onde se abrira um corte que já ardia.

— Vê se está a voltar — disse Matteo, continuando a vigiar-me.

Filippo anuiu, debruçou-se para o cercado.

— Ainda não.

No fundo do pátio o cão não parava de uivar.

— Temos tempo, então. — Matteo passou a língua pelos lábios. — Não quero fazer mal a uma mulher — disse. — Só tens de ir embora. Está bem?

O sangue era viscoso e quente entre os dedos, de repente os joelhos deixaram de suportar o meu peso. Os olhos marejaram-se-me, vi tudo enevoadado. Enquanto Matteo ameaçava: — E se fores contar à Malnascida, corto-te a língua como ao ganso —, desatei a chorar.

Não era ele que me metia medo, com aquela faca que não sabia usar. Era pensar em como justificaria aquele corte na cara. Conseguira roubar as chaves de casa da bolsa da mãe pousada no móvel da entrada, sair à socapa, sem fazer barulho. Mas o que diria, quando, na

manhã seguinte, ela me visse naquele estado? Não havia forma de o esconder; era a prova dos meus enganos.

Matteo ria-se alto.

— As mulheres têm as lágrimas prontas como os cães o mijo^[32] — rosnou. — Vai-te embora, já. Deixa-nos em paz e pára de choramingar.

Agarrei num punhado de terra e atirei-lho à cara. Ele recuou, tentando limpar os olhos com a manga do casaco.

— Não tenho medo de ti — gritei.

Os gansos grasnaram todos ao mesmo tempo e ouviu-se por toda a parte um bater de asas, um levantar de pó e de palha. Esgueirei-me para um lado e arranquei para me afastar dele, mas Filippo, que devia ter ouvido os gritos, voltou para trás. Atirou-se para cima de mim e bloqueou-me. Matteo apertou-me um tornozelo, repetindo:

— Corto-te a língua.

Filippo tapou-me a boca com uma mão, mordeu os dedos. Ele soltou um grito dilacerante e deu-me uma bofetada.

— O que é que estão a fazer?

Subitamente, vi a Malnascida.

À nossa volta, nas janelas e nas varandas que davam para o pátio, as luzes acendiam-se.

— O que é que estão a fazer? — repetiu Maddalena com uma voz que nunca lhe tinha ouvido.

— Teve medo e queria ir chamar os crescidos — disse Matteo com a respiração ofegante.

— Tínhamos de a impedir.

Não conseguia falar nem parar de chorar; pressionava com força uma mão sobre a bochecha, por cima do sangue que continuava a escorrer.

A Malnascida ficara com as pernas afastadas, os pés bem fincados no chão e os olhos esbugalhados. Olhou para Matteo e Filippo, parecia a estátua de bronze do monumento aos mortos pela pátria, aquela com a espada desembainhada e um grito de guerra para sempre esculpido no rosto. Disse:

— Vão-se embora.

— Espera — balbuciou Matteo. — Foi ela. A culpa é toda dela.
— Não devias tê-la feito descer connosco ao Lambro. Não devias — acrescentou Filippo.

Maddalena já não pestanejava sequer. Estava dura e pálida. Continuou:

— Agora sentem que têm medo. Sentem que vão morrer. Agora vai acontecer-vos alguma coisa má.

Filippo tapou os ouvidos e começou a choramingar.

— Eu não queria — justificou-se. — Foi ele, eu não queria.

— Vão-se magoar. Talvez caiam e os ossos vos saiam pelos joelhos. Ou talvez os ratos do rio vos comam os dedos dos pés. Ou saltem o portão e os picos de ferro vos entrem na barriga.

Avançou para Matteo. Ele recuava.

— É só uma mulherzita. É por ti que o faço, não percebes?

— És um miúdo invejoso — disse Maddalena, continuando a aproximar-se.

Ele desviou-se. Foi então que lançou um grito. Um grito agudíssimo, horripilante. Caiu, enroscou-se, com as mãos à volta de uma perna e revirando-se no meio da terra com os gansos a grasnarem alto à roda dele. Tinha um prego espetado na planta do pé, o sangue salpicava tudo.

Maddalena inclinou-se sobre mim.

— Estás bem?

Anuí, fungando e limpando a cara com a manga. Agarrei na sua mão e pus-me de pé. Ela abraçou-me e eu estremeci enquanto Matteo continuava a rebolar na terra e a gritar alto.

Filippo tinha fugido e já não o víamos.

Das janelas e das varandas chegavam vozes: «Quem está aí? Ladrões! Alguém tem de ir ver o que se passa.»

— Temos de fugir — disse eu.

— Não podemos deixar o Matteo aqui assim — respondeu a Malnascida. — E além disso ainda não fui buscar a minha língua.

— E se chega alguém?

— Ninguém nos mete medo. Lembra-te sempre disto. Ninguém.

As luzes tinham-se acendido todas, e o pátio parecia o presépio que montam na igreja no Natal. Nas varandas e às janelas, as mulheres debruçavam-se, curiosas, com o xaile aos ombros e a rede nos cabelos. Das escadas, o barulho dos passos dos homens, que desciam cada vez mais depressa.

O portão abriu-se com tanta força que bateu, num instante um grupo de homens de robe e pantufas dirigiu-se para nós, o cão abanava a cauda e saltava em torno do homem que os conduzia. Este tinha numa mão uma tocha; na outra, uma caçadeira.

— Que diabo estão a fazer aqui? — disse, com o rosto à luz da tocha a exprimir a mesma maldade que lhe vira de todas as vezes que nos apanhara. Passou o cercado dos gansos e chegou tão perto de nós que consegui sentir o cheiro ainda quente do sono e o outro mais forte do alho e do suor.

Tinha a certeza de que ia morrer. O senhor Tresoldi ia torcer-nos o pescoço como se faz com as galinhas.

Maddalena foi ao encontro dele e olhou-o nos olhos.

— Queríamos roubar um ganso — disse, séria. — Depois ele magoou-se. — Apontou para Matteo, que gania baixinho como um cachorrinho. — E não conseguimos roubar nada.

O senhor Tresoldi desatou a rir-se.

— As pessoas têm toda a razão em chamar-te Malnascida.

Maddalena tinha atrás das costas a mão com que apertava a minha. Só eu a sentia tremer. Prosseguiu:

— Assumo toda a culpa. Eles não têm nada que ver com isto. Mas preciso realmente de um ganso e está fora de questão ir-me embora sem um.

O senhor Tresoldi riu-se com uma gargalhada bestial.

Os outros homens rumorejavam sem coragem de saltar o cercado, amontoados como um bando de pombos diante de uma fuinha.

— Meteram-se num lindo sarilho — disse o senhor Tresoldi. — E agora, o que devo fazer com vocês?

Maddalena continuou a olhá-lo nos olhos.

O senhor Tresoldi encostou a caçadeira à capoeira dos gansos. Disse *xô*, afastando-os com os pés enquanto se aproximava de Matteo e o levantava como um saco de tangerinas cheio de bossas.

— Vão dormir, que eu trato disto — disse aos outros homens.

Uns tentaram protestar, outros ficaram em silêncio. Mas ninguém se mexeu ou fez menção de se ir embora.

— Vão dormir, já disse — repetiu o senhor Tresoldi. Apontou a tocha às mulheres que assomavam às varandas. — Vocês também, vão para a cama. Este é o meu lado do pátio e eu é que mando. — Depois virou-se para nós, carregando Matteo ao ombro, semi-inconsciente, com o sangue que escorria a manchar-lhe o robe cinzento de sujidade. Disse: — Mas vocês vêm comigo.

Na cozinha do senhor Tresoldi havia apenas a luz fria de uma lâmpada nua pendurada no teto. Balouçava ao sabor do vento que entrava pela janela entreaberta e avolumava as sombras sobre os rostos e sobre as panelas de cobre penduradas na parede preta de fumo.

Noè levantou-se para fechar as persianas e voltou a sentar-se com um ar resignado.

— Vocês são malucas.

Matteo estava no sofá com o pé ligado, o calcanhar afundado numa almofada e uma coberta de croché toda desfiada aos ombros. Não olhava para ninguém e ainda não dissera uma palavra, o muco e as lágrimas tinham-se-lhe encrostado debaixo do nariz e nas faces.

— Não é grave — dissera o senhor Tresoldi, tratando-o com tintura de iodo. — Tens sorte por teres ficado com os dedos. Era um prego novinho em folha, por isso não tens de te preocupar com doenças. O sangue mete impressão, mas é uma ferida de pouca importância. — Antes de voltar para o pátio, dissera a Noè: — Vigia-os, que vou ver como estão os gansos.

Noè tinha as pálpebras pesadas de sono, os caracóis achatados num dos lados da cabeça. Maddalena gravava a toalha com as unhas, deixando sulcos que depois apagava com as mãos, e o silêncio que existia naquela cozinha aterrava-me. Eu passava os dedos devagar sobre o sangue seco na bochecha e, apesar do medo e da dor que pouco a pouco diminuía, aquela ferida fazia-me sentir importante.

— Dói-te? — perguntou Noè.

— Isto? — perguntei eu. — É uma coisa de nada.

Maddalena sorriu apenas, sem desviar os olhos da toalha.

— O que é que vos passou pela cabeça? — disse Noè, mas Maddalena não dizia nada, continuava a traçar linhas com as unhas.

Então ele balançou-se para trás na cadeira e esticou um braço para pegar numa velha Bíblia pousada na mísula da lareira. Atirou-a para cima da mesa e tirou do bolso um pacote de tabaco. Começou a fazer gestos lentos, medidos: abriu a Bíblia, arrancou uma página de papel transparente, finíssimo, deitou sobre ela uma mão-cheia de tabaco e começou a moldá-la com as pontas dos dedos, a humedecê-la com saliva.

— Tenho de ir buscar a língua de um ganso — disse Maddalena, enquanto Noè acendia um fósforo esfregando-o contra a pedra da lareira.

— A língua? — perguntou, expirando fumo. — E para que te serve?

— Faz dizer a verdade. É para a Donatella — respondeu ela. — Tenho de perceber quem lhe fez mal.

Foi então que o senhor Tresoldi voltou do pátio fazendo a porta da cozinha bater contra a quina da lareira.

Pousou uma coisa branca e pesada no centro da mesa. A lâmpada oscilava com força, fazendo a luz desorientar-se, e as sombras precipitavam-se sobre toda a divisão.

— As penas têm de ser arrancadas do lado do crescimento. Nesta direção, está bem? Começa pela cauda, e por fim o pescoço e as patas. Está claro?

Maddalena tirou de repente as mãos da mesa e anuiu, séria.

O ganso morto tinha as patas atadas, o bico escancarado com a língua de fora e as asas abertas sobre a toalha de encerado. Havia um buraco no crânio, sujo de sangue, como se uma tesoura lhe tivesse passado pelo bico e o tivesse atravessado por dentro.

— Depois tens de o estripar. Se calhar é melhor pedires a alguém que o saiba fazer. Tens de tirar os órgãos. Não são para deitar fora, hã? O fígado é uma iguaria. Gostas de fígado?

— Claro — disse Maddalena. — Claro que gosto.

— Bem — disse o senhor Tresoldi, e limpou os dedos nas calças disformes. Olhou para ela, depois olhou para mim. — Chamava-se Elena. Como a rainha.

— Quem?

— O ganso. Dou um nome a todos. E não me esqueço. De cada vez que se mata um, é preciso dizer uma prece e confiá-lo ao Senhor.

— Mas porquê, os gansos também têm alma?

— Claro — disse o senhor Tresoldi, sério. — Todas as criaturas a têm.

— E está a dar-mo a mim? — perguntou Maddalena. — Apesar de eu o ter querido roubar? Apesar de ter dito que nos queria dar a nós a comer aos gansos? Apesar de saber da história das cerejas?

O senhor Tresoldi respirou fundo, puxou a cadeira para trás e deixou-se cair perto do filho com um grunhido. Apontou para a Bíblia e disse:

— Faz-me um para mim também.

Enquanto Noè enrolava o cigarro, o senhor Tresoldi não parava de observar Maddalena com os seus olhos pequenos, quase escondidos pela pele amarelenta.

— Soube dos teus irmãos — disse. — Que história terrível. Um na guerra lá em África, e a outra que cai ao rio. — Acendeu o cigarro e começou a fumá-lo com sofreguidão, como se o quisesse engolir. Prosseguiu: — Roubar não está certo, mas têm uma coragem de fazer inveja aos soldados, vocês duas, rapariguinhas. — Então, fitou-me também a mim, e desejei desaparecer.

— A Maddalena só o fez porque devia, senhor — disse eu, com o fôlego a pesar-me na garganta. — Não nos fure o crânio com a tesoura como ao ganso, peço-lhe.

— Mas não querem lá ver. Com que então tu também tens voz — disse o senhor Tresoldi. A sua gargalhada era forte como granizo. Apagou o cigarro contra a sola da bota. — Pensava que fosses realmente aquela que dá cabo da cabeça aos outros, sabes? Acreditava naquilo que diziam por aí e, devo dizer, sempre o pensei também — acrescentou, dirigindo-se à Malnascida. — Mas a verdade é que tu entras na cabeça das pessoas e não voltas a sair. É isso que fazes.

³¹ «*Buascia*», no original. (*N. da T.*)

³² «*I donn gh'han pront i lacrim come la pissa i can*», no original.
(*N. da T.*)

Foi Noè quem pôs a língua decepada do ganso debaixo da almofada de Donatella. Fê-lo enquanto estava escuro como breu e a casa cheirava a um sono de febre.

Noè levantou, com uma delicadeza de mãe, o canto da almofada e enfiou lá debaixo o embrulho molhado e vermelho, do tamanho de uma mão, onde tinha metido a língua do ganso.

— Não a acordes — sussurrou Maddalena do outro lado da cama.

Donatella sacudia muito a cabeça e gemia como os cães que estão a sonhar, rangendo os dentes, o rosto ensopado de suor.

— E agora? — perguntei, agarrando-me aos pés da cama de latão.

— E agora esperamos. — Maddalena desviou da testa da irmã uma madeixa de cabelos húmida de suor.

Ao lado da cama estavam as duas cadeiras vazias onde durante o dia se sentavam a senhora Merlini e Luigia, por cima estavam a Bíblia, o rosário e o véu com os bordos ainda por arranjar, a tesoura de costura e o carrinho de linha branca.

Maddalena inclinou-se sobre o rosto da irmã e disse:

— Quem te fez mal?

Ficámos em silêncio, sem respirar. Depois, Donatella, com os olhos semicerrados, disse:

— O filho dele.

— O filho dele? — disse Maddalena. — O filho de quem?

— O meu filho — respondeu ela de um fôlego. — O meu filho e de Tiziano.

Estava um dia de final de janeiro, gélido e soalheiro, quando eu e a Maddalena encontrámos Tiziano Colombo numa das mesas no exterior da cafetaria da praça do Arengario.

A minha mãe chamava àquela cafetaria a das «pessoas finas», porque os empregados usavam laço e serviam com luvas brancas os bolos em travessas de prata com pé. Ela gostava de ir lá na primavera, aos domingos depois da missa, comer gelado em taças de estanho, ouvir a pequena orquestra tocar e ser invejada por quem passava.

O frio deixava vazias quase todas as mesas na rua, tirando aquelas em que estava Tiziano juntamente com outros rapazes e uma jovem com um regalo de peliça e brincos de coral. Os rapazes eram jovens e bonitos, com o uniforme impecável e o cabelo penteado com esmero. Tiziano bebia um chocolate quente e ria-se, enroupado no sobretudo negro e pesado.

— Ei! — gritou Maddalena, fitando-o ao pé da corda de veludo vermelho que delimitava a área das mesas. Eu estava ao lado dela e respirava pelo nariz para não mostrar que tinha medo.

— Aquelas estão a falar contigo? — disse um deles, alto e desajeitado.

Tiziano viu-nos e fez sinal com a mão para nos aproximarmos. Parecia à vontade.

Maddalena passou por cima da corda sem hesitar e num ápice estava à frente dele. Eu segui-a em silêncio.

Ela esfregou tanto as mãos, que os nós dos dedos gretados pelas frieiras começaram a sangrar.

— Sei porque é que nunca mais foste ter com a minha irmã — disse.

— Lamento — respondeu Tiziano —, mas não são assuntos para crianças.

— O que é que essa quer de ti? — perguntou a jovem, inclinándose ao ombro de Tiziano. — Senhores, que suja que ela está.

— Agora também fazes as rapariguinhas perderem a cabeça? — gracejou um tipo de cabelos escuros, de rosto limpo, olhando para nós tão intensamente, que corei.

— Não me apetece falar da tua irmã — disse Tiziano com uma expressão triste. — São águas passadas.

Na noite em que a língua do ganso fizera Donatella confessar a verdade, lembrara-me daquela vez em que Tiziano dissera que queria casar com ela. A Malnascida tinha razão. Embora fosse bonito, não se podia confiar nele.

— Donatella Merlini, é o nome dela. É a tua noiva. Saltou para o Lambro por tua causa. E agora queres deitá-la fora como se faz a um sapato roto? — Maddalena não tremia, a sua voz era nítida e forte como a dos homens que falavam de guerra na rádio.

— Já chega destas conversas dolorosas — meteu-se um outro, de óculos redondos, que bebia uma orchata. — O seu pobre coração não lho permite.

— O seu coração, eh? — sibilou Maddalena. — O mesmo que o obriga a estar aqui a beber chocolate, impedindo-o de ir combater na guerra, não é verdade? O seu coração doente.

Tiziano fez um gesto como que para enxotar uma mosca.

— Acreditava que ela era uma boa rapariga e amava-a muito — disse com um ar aflito —, antes de saber a verdade.

— Mentiroso — bufou Maddalena.

— Lamento, mas é assim que as coisas são. Devia tê-lo percebido antes, com aquele batom que punha... Buscava o olhar dos homens, era evidente.

A que tinha o regalo franziu os lábios com desprezo.

— Que vergonha.

— A tua irmã tinha outros homens. E a prova é aquela criatura que em breve a dilatará.

— É teu filho! — gritou Maddalena, e os outros emudeceram. — Queria afogá-lo no Lambro, mas não conseguiu. O que é que achas que vai fazer agora, hã?

Tiziano limitou-se a suspirar com presunção.

— É o que acontece nas famílias em que falta um pai — disse um rapaz com luvas de lã.

— A mulher é como uma lareira quente no inverno: acende-se e todos os melros a rondam, por um pouco de calor — disse o de cabelo escuro. Os outros desataram a rir-se.

Maddalena tinha os olhos presos ao chão; agora, os ombros tremiam-lhe.

— Não é verdade — disse eu, engolindo o medo e a vergonha. — São uns mentirosos.

— Como perceberão, um Colombo não pode dar-se com uma andorinha — disse um outro.

— O que é uma andorinha? — perguntou a Malnascida.

— Uma reles — disse a jovem com o regalo. — Daquelas que batem as asas numa casa alugada por um senhor e depois saem depenadas ao pôr do sol.

— Não é verdade!

— E depois dizem que os homens são porcalhões.

Tiziano fez um gesto como para os calar, voltou a olhar para Maddalena e disse:

— Sê amável. Não quererás que certos rumores se espalhem por aí. Não gostaria nada de ver a senhora Merlini ainda mais arrasada do que está agora. Já tem muitas preocupações. Não querem ser vocês a causar-lhe outras, pois não?

— Que história terrível — disse o rapaz moreno, passando uma mão pelos cabelos cheios de brilhantina.

— É realmente uma família desgraçada — comentou a jovem, acariciando um brinco, absorta.

Tiziano tirou do bolso um montão de notas presas com uma mola de prata. Humedeceu o indicador com a língua e extraiu uma nota do tamanho de uma fronha de almofada: nunca tinha visto mil liras tão de perto.

Dobrou-a em duas e estendeu-a na mesa, na direção de Maddalena.

— Toma.

— Um gesto caridoso — disse a jovem, tocando ao de leve na mão de Tiziano, que encolheu os ombros como se nada fosse.

— Os necessitados não podem ser abandonados. Nem em casos como este.

— Aquela rapariga pediu-as, no entanto.

— Que coração, Tiziano. Que coração.

Quando Maddalena levantou os olhos, tinha o rosto crispado e as pestanas molhadas. Fungou com força e cuspiu para cima de Tiziano, que esbugalhou os olhos enquanto o grumo de saliva lhe deslizava pelo sobretudo, precisamente onde estava espetado o alfinete com o emblema fascista e a bandeira tricolor.

— Vais morrer em breve — disse Maddalena de um fôlego, fitando-o nas pupilas escuras. — Prometo-to. Vais morrer como os ratos que incham no Lambro e são comidos pelos corvos.

O sorriso dissipou-se no rosto de Tiziano, cedendo só ligeiramente antes de voltar a juntar-se às gargalhadas dos outros jovens, que rebentaram alto e bom som depois das palavras da Malnascida.

Durante todo o caminho Maddalena não disse uma palavra. Ia à minha frente com o seu passo rápido, e mesmo que a chamasse não respondia, as abas do sobretudo demasiado grande abrindo-se como asas enquanto caminhava pela rua Vittorio Emanuele.

Eu seguia-a, ofegante, e pensava em Donatella, na maneira como pintava os lábios, no vestido que lhe realçava os seios, e voltou-me à boca aquela palavra que tinham usado a respeito dela: «andorinha». O ódio que sentia por Tiziano, pelas suas palavras pacatas e experientes, só era inferior ao que sentia por mim mesma, porque por um instante, por um instante apenas, tinha acreditado nele.

Encontrámos Noè no pátio, a cavar um buraco atrás do cercado dos gansos. Cumprimentou-nos com uma mão e sorriu ao ver-nos chegar, depois deu-se conta de que Maddalena estava furiosa e recomeçou a cavar. O cão ladrava, desesperado, preso à corrente, sobrepondo-se ao barulho ritmado da enxada contra a terra endurecida pelo gelo.

Continuando a cavar, Noè olhou para mim e disse:

— Já sarou.

Levei uma mão à bochecha, onde Matteo me cortara com a faca na noite em que entráramos às escondidas no pátio dos Tresoldi. Os cortes no rosto sangram muito ainda que sejam superficiais, explicara-me. O que eu tinha era só um arranhão. Quando estava ainda fresco, a minha mãe vira-o e pusera-se a gritar. «Como é que o fizeste,

desgraçada?» Eu respondera-lhe que o tinha feito sozinha, de propósito, para lhe dar um desgosto, porque se o meu futuro devia valer apenas por um belo rosto, então não o queria. Ela franzira os lábios, dissera que se eu ficasse com uma cicatriz nenhum homem casaria comigo, que ficaria sozinha para sempre, por minha culpa. «Não faz mal», respondera-lhe. O corte tinha cicatrizado de imediato. Fiquei quase com pena.

— Mesmo que deixasse marca, não importava — disse Noè de chofre. — Serias bonita na mesma.

Senti-me corar e não respondi.

— O que estás a fazer? — perguntou-lhe Maddalena.

— Cavo um buraco.

— Isso vejo eu. Mas porquê?

— Tinha vindo buscar um ganso. Depois senti que vinha um cheiro mau detrás dos caixotes de fruta, lá ao fundo, e fui verificar.

— E o que encontraste?

— Querem ver?

O gato tinha os olhos brancos e a barriga aberta. Noè usou a pá para lhe enxotar as moscas do focinho e disse:

— Deve ter entrado esta noite. O *Vittorio* deve ter-se entretido um bocado com ele antes de o deixar ir. E ele veio morrer aqui atrás.

— Quem é o *Vittorio*? — perguntei, cobrindo a boca para tentar não vomitar.

— O cão. Chama-se *Vittorio Emanuele*, como o rei.

— Ah.

Noè deu de ombros.

— O pai disse-me para deitar o gato fora. Mas isso incomoda-me.

— É um mau sinal — disse Maddalena —, um sinal de morte.

— Aqui morre um animal todos os dias. Não deves acreditar nessas coisas — respondeu Noè.

— Tu não acreditas? — replicou ela.

— Nas coisas que trazem azar? Não. São apenas histórias que as pessoas contam para vencerem o medo.

— Também não acreditas na língua do ganso?

— Não.

— Nem naquilo que dizem de mim?

— Não.

Maddalena ficou calada durante alguns segundos, depois tirou a pá da mão de Noè e disse:

— Nós ajudamos-te.

Levantámo-lo os três, usando uma coberta para não nos sujarmos e para não deixar pelo caminho aquilo que lhe saía da barriga. O corpo do gato pesava como se o tivessem enchido de pedras, apesar de parecer uma coisa insignificante, preta e suja no meio da coberta. Tive de sustentar a respiração até atirmos aquela trouxa para o buraco por trás do cercado dos gansos.

— Porque é que vieram cá? — quis saber Noé, arrumando a pá no armário dos utensílios.

— Sabes matar um ganso? — perguntou Maddalena.

Noè esfregou o queixo onde tinha ficado um grão de terra e disse apenas:

— Sim.

— Mostra-me como se faz — pediu ela. E tinha no rosto a expressão de quando pensava em coisas más.

— Para que te serve? — perguntei-lhe.

Noè pegou numa tesoura grande, com a ponta afiada.

— Queres cortar outra língua? — perguntou-lhe, enquanto nos aproximávamos do recinto dos gansos.

— Não — respondeu Maddalena. — Quero só aprender como se mata.

O que quer que ela tivesse em mente, não foi a tempo. Foi na noite do dia em que enterrámos o gato que Maddalena recebeu a notícia que mudou a vida da sua família.

Era um telegrama de África: Ernesto tinha sido ferido durante a «heroica», assim se dizia, defesa do presídio de Passo Uarieu e transferido para o hospital militar. Mais notícias se seguiriam nos próximos dias, prometia o telegrama. Mas era um tom anónimo, de burocrata, e durante quarenta e oito horas Maddalena não dormiu nem comeu.

Depois o próprio Ernesto escreveu para casa, do hospital. Não deu informações sobre o seu estado de saúde, nem sobre um possível regresso. Perguntou só por Luigia. Queria casar-se com ela. Imediatamente. Antes que fosse tarde.

Foi tudo organizado por telegrama. Por fim, chegou a última carta, debruada a negro. Luigia estava dobrada sobre a mesa da cozinha com a cara escondida entre os braços, os óculos abandonados na toalha e o véu, ainda não completamente cosido, nos cabelos. A senhora Merlini fechara-se no quarto e os seus berros chegavam à cozinha. Donatella dormia.

— Ernesto tinha medo de morrer sem se casar com ela — disse Maddalena. Estreitava a carta como se torcesse um trapo, a respiração sufocada na garganta. — Fizeram tudo por procuração. Um sim de África, outro daqui, e as coisas tinham ficado arrançadas.

No dia 24 de janeiro, a batalha de Tembien concluíra-se sem vitória nem derrota. Ernesto, como muitos outros, tinha morrido a troco de nada.

Aproximei-me e peguei-lhe numa mão, ela apertou-a, levou-a à testa e manteve-a ali demoradamente, sem falar. Aquele era o género de dor que não se deixava dizer.

Durante muitas noites, sonhei com os gansos.

Foram sonhos agitados, confusos e cheios de violência: campos de batalha cobertos de mortos, como nos quadros sobre as guerras napoleônicas que vinham nos livros da escola. Mas os soldados, em vez de espingardas, tinham grandes tesouras brilhantes, como a que Noè usava para matar os gansos. E estava lá ele também, de capacete verde, sujo de sangue até aos cotovelos, com um ganso hirto, exânime, com a barriga aberta, e dizia a Maddalena: «Tens de senti-las na mão, as vísceras, e puxá-las para fora com os dedos. Cuidado para não as romperes, senão a carne fica com mau sabor.»

Maddalena também estava nos meus sonhos, e ainda Tiziano Colombo, que tinha o pescoço comprido e torto, um bico colado àquele seu rosto bonito e limpo. Maddalena espetava-lhe a tesoura na boca e no crânio. Tiziano gritava, deitando um líquido negro da nuca, depois o abdômen inchava-se-lhe e quando se rasgava saía de lá um menino com a pele roxa, como a de um afogado.

Então, acordava, banhada em suor e medo, com vontade de gritar.

Queria contar aqueles sonhos a Maddalena, mas ela evitava-me. Depois da morte de Ernesto, construíra à sua volta uma barreira que não deixava ninguém transpor.

Se ia procurá-la, respondia-me só através da porta. «Amanhã», dizia. Mas o dia seguinte era igual ao anterior.

Vim a saber pela Carla que Donatella saíra da cama e já não tinha febre, que estava cada vez maior e a senhora Merlini mantinha-a escondida, sufocada pela vergonha. Maddalena escolhera aninhar-se com elas no frio daquela casa agora vazia.

Sem ela, tudo parecia ter perdido cor, forma e consistência. Na escola, a professora de Geografia punha-se a espetar as bandeiras do avanço italiano no mapa da Etiópia, chamava àquela guerra «a maior proeza colonial que a história irá lembrar», e eu odiava-a com tanta intensidade, que imaginava levantar-me e partir-lhe o tinteiro na testa.

Mas não fazia nada, e ficava a olhar pela janela à espera do toque da campainha.

No fim das aulas ia-me embora sem me despedir de ninguém, e conter-me para não ir procurar Maddalena era um esforço doloroso. Atravessava o centro num ápice, com a pasta a bater-me na coxa, o sapato que se desatava, correndo o risco de me fazer tropeçar, e ia ter com Noè.

Dele gostava do cheiro a terra molhada, a trabalho e a tabaco, e dos gestos lentos, precisos, que nunca desperdiçava em nada de supérfluo. Deixava-me estar com ele enquanto trabalhava e eu falava-lhe de qualquer coisa que me pudesse ajudar a calar o ruído que tinha nos ouvidos. Ouvia-me e fazia-me só algumas perguntas, dando de comer aos gansos ou arrumando os frascos de conservas nas prateleiras mais altas. Também o senhor Tresoldi aprendeu a aceitar a minha presença como se aceita a das moscas no verão, limitando-se a perguntar, quando entrava na loja e me via aos pés do escadote a passar uma lata de *Italdado* a Noé: «Mas tu não tens trabalhos de casa?»

«Já os fiz», respondia, encolhendo os ombros.

Por vezes Noè pedia-me que lhe repetisse a lição, dizia que não queria que me reprovassem; se já não fosse à escola, iria incomodá-lo também de manhã.

Aborrecia-se depressa, no entanto, com Ulisses a entrar no cavalo de Troia ou com Catulo, que, no poema sobre a morte do irmão, dizia: «*Numquam ego te, vita frater amabilior, aspiciam posthac?*»^[33].

Preferia, quando estávamos no pátio, ser ele a explicar-me como funcionavam as coisas que conhecia bem: como é que as galinhas punham os ovos e onde se devia bater ao de leve com o dedo para perceber se tinham ou não pintainho. O galo, dizia, tinha de ser afastado, porque parecia que nunca se cansava de engravidar as galinhas.

Noè, mesmo quando falava daqueles assuntos, nunca se tornava vulgar, e não era avesso a falar-me de coisas que outros homens, como o meu pai ou os professores na escola, teriam considerado vergonhosas e não apropriadas para uma menina.

O vazio deixado pela Malnascida ardia como a bolha de uma queimadura profunda; agarrei-me a Noè e escondi-me no seu afeto, fingindo que me podia bastar. Por algum tempo, deixei de sonhar com os gansos.

Depois, um dia, no cercado das galinhas, Noé levantou-me o queixo:

— Sabias que és realmente bonita?

Foi tão rápido, que não tive tempo de me esquivar: aproximou o rosto e comprimiu os lábios nos meus, delicado, mas firme. Estava molhado, quente. A sua língua procurava a minha, imóvel. A sua respiração e a minha, juntas, tinham um sabor estranho, que não me agradava, e embora senti-lo em mim me fizesse bater o coração, tive medo e repeli-o.

— O que é que estás a fazer? — disse, empurrando-o.

— Desculpa — balbuciou, recuando.

Os ovos caíram no chão e partiram-se num grumo transparente e amarelo. As galinhas gritavam alto, deixando por toda a parte penas brancas raiadas de sujo.

— Desculpa pelos ovos — disse eu, antes de o deixar ali sozinho.

Naquela noite, os pesadelos recomeçaram. Acordava no escuro com o medo na garganta, os lençóis colados à pele, e lembrava-me de que as únicas pessoas a quem queria contar aqueles sonhos já não estavam comigo. Dava voltas na cama, esfregava a cara na almofada e fingia que era o ombro de Noè ou o flanco de Maddalena. Depois adormecia.

³³ «Nunca mais te verei depois disto, irmão mais amado do que a vida?» (*N. da T.*)

O fim do inverno chegou sem que me apercebesse.

A tepidez da primavera procurava abrir caminho no meio dos últimos frios, fazia-se sentir nos gritos dos corvos que se aglomeravam nas margens do Lambro, nos botões redondos e brilhantes como berlindes que as copas das árvores deitavam fora.

Naquele domingo, dia 15 de março, ao atar os sapatos brilhantes que feriam os calcanhares, a minha mãe perguntou-me:

— O que é que tens?

Eu disse apenas: — Nada —, mas queria ter dito: «Tudo.»

Atravessei a ponte dos Leões com o meu pai, que caminhava ligeiro sem se virar, e com a minha mãe, que o seguia não muito longe, apertando contra si a bolsa de pele de avestruz. Detive-me para me debruçar da balaustrada: o rio corria cinzento e mudo; um grupo de patos repousava na margem, entre os seixos. Dos Malnascidos já nada restava.

A praça da catedral estava cheia de sol; o céu, limpo. Os pintores de Nossas Senhoras com a cara suja de gesso e as calças esburacadas desenhavam no passeio os retratos de Mussolini e de Jesus, com um cartaz ao lado em que pediam «Uma lira para o artista». As velhas que se dirigiam para a igreja avançavam em grupos compactos como bandos, vestiam de preto, saias compridas com luvas de rede e a cabeça coberta. Algumas levavam ao pescoço um camafeu com o retrato de um morto por trás. Em frente da catedral, com a sua imponente fachada às riscas brancas e negras aquecidas pelo sol, a mãe tirou da bolsa o véu que cheirava a pó de talco. Tivemos de nos afastar depressa ao passar o *Fiat 508* do senhor Colombo, as pedras sob as rodas a produzirem um barulho que nos obrigava a virar-nos, a desviar-nos para o lado e a admirá-lo.

O senhor Colombo desceu do carro; o meu pai tirou o chapéu, a minha mãe iluminou-se toda, endireitando as costas como uma rola que eriça as penas.

— Senhor Strada, que prazer encontrá-lo — disse o Colombo, com um grande sorriso. Depois virou-se para a minha mãe, sussurrou: — Senhora — com uma gentileza untuosa e lenta, que soava a arrogância, como se ele pudesse chamá-la de qualquer outra forma que quisesse. Fez-lhe uma vénia e os seus olhos hesitaram demoradamente sobre ela enquanto voltava a endireitar as costas.

Filippo e Tiziano desceram dos bancos de trás, ambos penteados com risca ao meio e de uniformes bem passados a ferro, as botas pretas acabadas de engraxar. Tiziano ajudou a mãe a sair do carro, ela apoiou o pé no estribo, girando sobre a sombrinha de musselina branca que usava como bengala.

— Bom domingo, senhora — cumprimentou o meu pai.

— Para os senhores também.

— Fiquemos juntos — propôs Colombo, enfiando os polegares no cinto preto.

— Excelente ideia — disse a minha mãe, que olhava para ele com olhos adoradores.

— Como cresce a vossa filha! Já é uma mulher feita — disse a senhora Colombo ao meu pai.

— É verdade, sim — respondeu ele com um ímpeto de orgulho que me surpreendeu. Metida naquelas roupas elegantes, com a saia de seda e o casaco comprido, sentia-me deslocada, errada. Cruzei os braços à frente do peito.

— Não concordas que Francesca se fez uma bela rapariga? — continuou a senhora Colombo, pousando uma mão no ombro de Filippo.

Ele fez uma careta. O rosto do pai contraiu-se numa expressão de incómodo.

— Responde à tua mãe.

Foi Tiziano a intervir. Inclinou a cabeça.

— Uma verdadeira senhora. — Fez uma vénia igual à do pai, estendeu uma mão, tentando tocar-me na fímbria da saia. — E que lindo vestido.

Eu afastei-me com um movimento de raiva e gritei alto:

— Não!

A minha mãe ficou horrorizada:

— Francesca! Não te ensinei a seres mal-educada!

— Não quero que me toque — sibilei.

— Tens medo de quê? — riu-se o senhor Colombo. — Ele não te come.

— Não — disse eu com a mesma dureza que a Malnascida teria no rosto —, mas se calhar põe-me um bebé cá dentro e depois faz com que me atire ao rio.

Perante aquelas palavras, emudeceram todos e a falsa cortesia desapareceu, engolida pelas faces pálidas.

Primeiro chegou a bofetada da minha mãe: forte, de mão aberta, na bochecha. Seguiram-se as palavras da senhora Colombo:

— A minha família não tem nada que ver com essa desequilibrada.

O senhor Colombo observou-me atentamente com um misto de repugnância e desilusão. Filippo mantinha-se agarrado às saias da mãe, enquanto Tiziano exibia um sorriso viscoso.

— Uma desequilibrada — repetiu a senhora Colombo, virando-nos costas para entrar na igreja, seguida pelo marido e pelos filhos.

— Estúpida! — gritou a minha mãe. — O que é que disseste? — Começou a correr atrás do senhor Colombo, chamando-o pelo nome. Segurava no chapelito e corria, como se a reputação e a dignidade, que haviam sido sempre as suas obsessões, já não lhe importassem.

As velhas que passavam ao nosso lado apontavam para a minha mãe e sussurravam:

— Lá vai ela como a andorinha esvoaça para o ninho.

O meu pai voltou a pôr o chapéu e olhou para o chão. Tínhamos realmente sido cegos durante todo aquele tempo? Ele, que queria recusar-se a ver, e eu que, pelo contrário, ainda não tinha percebido que já vira demasiado.

Entrei na igreja com a mão na bochecha, que ainda ardia. O meu pai guiou-me através da nave e eu tive todo o cuidado em pisar só o mármore preto, fazendo barulho com os saltos dos sapatos. Quando nos juntámos à minha mãe, que se tinha sentado no banco atrás dos Colombo, o meu pai sentou-se ao lado dela, como se nada tivesse mudado, mas fitando o genuflexório. Queria dizer-lhe que não era ele que se devia envergonhar, não era ele que se devia esconder. Mas

fiquei calada, e no momento em que sussurrou «Agradece ao Senhor», fiz o sinal da cruz.

O cheiro do incenso era forte, o Jesus de bronze e ouro no fundo do altar continuava a fitar-me, mas eu fitava-o por meu lado e perguntava-lhe: «Porque é que permitiste que tudo isto acontecesse?»

O padre falou da ressurreição dos corpos e da salvação da alma, e eu pensava na minha mãe, que se despia e se deixava abraçar e beijar pelo senhor Colombo, com os seus lábios ásperos que lhe estimulavam os seios. Pensava em Maddalena, em como queria correr para ela para lhe contar tudo. Pensava em Tiziano e no sorriso viscoso que me dirigira no adro.

Os fiéis levantaram-se para receber a comunhão e as notas do órgão que tocava o *Panis Angelicus* faziam tremer os vitrais; refugiei-me na capela da Nossa Senhora, para ficar sozinha e acender uma vela: talvez, em troca de uma oração à sua mãe, o Senhor escutasse o que eu tinha para dizer.

A estátua da Nossa Senhora era azul e dourada, tinha uma coroa de estrelas na cabeça. Alguém lhe atara rosários à volta dos pulsos, os braços estavam abertos e parecia olhar-me, benévola. No odor quente da cera, ajoelhei-me e fechei os olhos, as mãos juntas. Rezei por Maddalena e por Luigia, que já não poderia dançar com Ernesto. Depois pensei nos Colombo, em Tiziano, que quase causara a morte a Donatella, e no seu pai, que, como ele, usava as mulheres quando lhe convinha, tomava o prazer como se lhe fosse devido. Não sabia se se podia rezar a Nossa Senhora para mandar alguém para o Inferno. Mas ela também era mulher; compreenderia forçosamente.

Respirei fundo, e foi então que senti o cheiro nauseabundo da água-de-colónia, a madeira do banco a ranger, um hálito quente contra a minha nuca.

— Sou eu, fica tranquila.

Em sobressalto, abri os olhos. Tiziano ajoelhara-se ao meu lado, tentei levantar-me, mas ele acariciou-me.

— Não me digas que tens medo — disse, sedutor.

Já não conseguia falar, os seus dedos estavam frios, acariciavam-me o interior do cotovelo e desciam até ao pulso, devagar, com suavidade, depois a sua mão deslizou para o meu flanco.

— Não te faço nada — disse, como se estivesse a rezar.

Levantou-me a saia o suficiente para fazer passar por lá a mão. Não conseguia mexer-me, nem pensar. Existia apenas o frio da sua pele, o tecido da saia a afastar-se, descobrindo-me as coxas. A Nossa Senhora continuava a olhar. Os dedos de Tiziano pressionaram-me com força o meio das pernas, fizeram um movimento circular que me trouxe uma onda quente e inesperada de prazer e dor simultâneos. Agarrei-me ao banco.

Tiziano gemeu, a boca no meu ouvido, disse «chiu», enquanto os seus dedos tentavam introduzir-se por baixo das cuecas. Eu era uma vela derretida pelo calor, era dócil entre as suas mãos: queria gritar, dar um pontapé, mas o medo e o nojo haviam empurrado a minha consciência para um lugar que eu não podia alcançar.

De repente, afastou-se e levantou-se, com o rosto ligeiramente ruborizado. Fiquei tal como estava, as unhas agarradas à madeira e a repugnância por mim, que me invadia toda. Com um tom melífluo, sussurrou:

— Quando quiseres, voltamos a ver-nos.

Foi Noè quem me encontrou. A minha cara estava manchada de choro, as pernas arranhadas por ter descido com demasiada pressa pelo muro desabado do Lambro. Fizera-o sem pensar, como se o meu corpo, ao procurar um lugar seguro para se esconder, tivesse escolhido por mim.

— Francesca — chamou do cimo da ponte.

Levantei a cabeça e ele largou a bicicleta e correu para junto de mim.

— O que te aconteceu? — disse, agachando-se.

— Vai-te embora — gritei entre os soluços.

Sentia-me suja e errada. Não queria que me tocasse. Só queria que me deixasse desaparecer.

Ele hesitou como se tivesse medo de me partir, depois tentou pôr-me uma mão no ombro e chamar-me pelo nome.

Eu enxotei-o com raiva, gritando como os gansos quando os agarras pelo pescoço. Então, ficou imóvel, os braços levantados, a respirar pela boca e a olhar para mim com uma expressão desesperada.

— O que foi que te fizeram?

Aquilo que aconteceu depois, vim a sabê-lo pelos mexericos das velhas que no domingo seguinte cochichavam no adro da igreja.

O filho do vendedor de fruta fora à cafetaria na esquina da praça do Arengario e dissera a Tiziano Colombo, que bebia um chocolate quente sentado na mesa de frente para a vitrina dos bolos com os seus amigos, que ele era «um fascista de merda e que devia pedir perdão de joelhos a todas as raparigas em quem ousara tocar».

Ninguém tinha percebido a quem se referia, não tinha dado nomes. Tiziano começara a rir-se e dissera-lhe para se ir embora, mas Noè agarrara-o pelo colarinho e forçara-o a levantar-se. Dissera-lhe:

«Parto-te a cara» ou «Enfio-te o nariz no crânio», sobre isto as velhas não estavam de acordo.

O primeiro murro fora dado por Noè, depois de Tiziano ter dito que as raparigas a que ele se referia eram só «umas putas».

Os outros clientes da cafetaria, homens com a caixinha dos bolos pendurada no mindinho e senhoras de chapéus de feltro que arrastavam para longe crianças com a boca suja de açúcar em pó, tinham corrido para a saída sem dizer palavra.

Como o seu pai, que em jovem, com os amigos da *Famigerata*, uma das brigadas paramilitares fascistas mais famosas dos anos 20, andava pelas ruas a espancar e fazer engolir óleo de rícino, pensando que estava a completar a obra deixada incompleta pelo Ressurgimento, Tiziano estava convicto de usar a violência com um profundo sentido de justiça, como se dar pancada fosse uma liturgia.

As velhas no exterior da igreja disseram que aqueles rapazes se tinham atirado ao filho do senhor Tresoldi todos ao mesmo tempo, que Noè deitara um abaixo fazendo-lhe saltar um dente e dera uma cotovelada na cara a outro, mas depois fora atingido com um pontapé na barriga e caíra de costas numa mesa posta: voaram chávenas decoradas à mão e talheres de sobremesa de prata. Uma vez no chão, já não tivera escapatória.

Deram-lhe pontapés e murros no estômago, no meio das pernas e nas costas. Antes de se ir embora, deixando-o como morto, com o sangue e a saliva a saírem-lhe pela boca e pelo nariz e a respiração que se tinha tornado um assobio, Tiziano dera-lhe um pontapé na cara e dissera: «Asqueroso.»

Graças ao senhor Colombo, que intercedeu por eles na câmara municipal e junto do governador civil, ninguém foi castigado. As pessoas deixaram simplesmente de fazer perguntas sobre o assunto. Até o senhor Tresoldi, que não queria arriscar perder a loja que obtivera precisamente graças àqueles, teve de ficar calado, limitando-se a praguejar tão alto, que se ouvia a duas ruas de distância.

Quando fui ver Noè, o pai dele escorraçou-me, dizendo-me que não, não estava bem, e a culpa era minha. Ele sempre batera no filho, mas pela sua cara desesperada percebia-se que desta vez fora o primeiro a temer pela sua vida.

— Por favor — implorei —, só quero vê-lo. Dizer-lhe que lamento. Que não o devia ter feito.

— Dessa história só sei que fez o meu filho cuspir sangue — berrou o senhor Tresoldi, mas a sua voz já não me metia medo. Agora sabia que o verdadeiro perigo vinha das vozes melífluas. — As pessoas tinham razão — disse o senhor Tresoldi. — Tu e a Malnascida trazem azar.

Sem mais nenhum sítio onde me esconder ou para onde fugir, fui a casa de Maddalena.

Cheguei à rua Marsala antes da hora de jantar, com uma dor de lado por causa da corrida e a cara molhada do choro.

— Sou eu — disse-lhe através da porta. Em resposta recebi só silêncio, mas continuei: — Por favor. Preciso de ti.

Maddalena abriu-me a porta sem uma palavra. Vestia uma velha blusa lisa, uma saia de pregas, parecia-me tão mudada naqueles meses, como se tivesse crescido de repente e nada do que vestisse lhe assentasse já.

Na mão tinha uma carta de tal forma destruída, que pensei que a devia ter lido até gastar os olhos.

Assaltou-me uma onda de afeto feroz e dei-me conta de quão intensa tinha sido a dor da sua ausência só agora que estava ali, inteira, à minha frente, e dizia:

— Vem.

Na cozinha, a senhora Merlini preparava um risoto, sentia-se o cheiro intenso do açafrão. Donatella, com um alto no ventre que lhe deformava o vestido, punha os pratos na mesa. Tinha o rosto apagado, sem pó de arroz nem batom. Olhou-me com uma expressão ausente, depois virou a cabeça.

Maddalena levou-me até ao quarto.

— Conta-me.

Disse-lhe tudo. As palavras jorravam como água da fenda de uma barragem: cada vez mais intensamente, até romperem qualquer defesa. Disse-lhe da vergonha e da repugnância que experimentara quando Tiziano me tocara na igreja, de Noè que me encontrara a chorar

debaixo da ponte dos Leões e que, depois, por minha culpa, acabara todo partido.

Ficou a ouvir-me em silêncio, cerrando os dentes.

Depois levantou os olhos: era aquele olhar seguro e firme das ocasiões em que tomava uma decisão a respeito da qual não se podia voltar atrás.

Estendeu-me a carta que apertava na mão: era de Ernesto.

Devia tê-la escrito pouco antes de o seu estado se agravar, a data era de 22 de janeiro, mas o carimbo postal era dos primeiros dias de março. Ernesto morrera havia dois meses e agora Maddalena recebia uma carta. Devia ter-lhe dado a sensação de falar com o Paraíso.

«Estou melhor. Tratam bem de mim e não salto uma refeição sequer. Prometo-te que voltarei em breve, porque não tenho a menor intenção de te deixar a ti, a Luigia e a Donatella. São as coisas mais preciosas que tenho. Mas se Deus quiser chamar-me a si, serás tu a ter de tomar conta de todas. Estou orgulhoso de ti. És uma rapariga forte. Não deixes que ninguém mate a tua fé. Rezo por ti, Ernesto.»

Acabei de ler e Maddalena entrelaçou os dedos nos meus.

— Lamento não ter estado lá. Só queria morrer. Mas agora percebi o que tenho de fazer. Se quiseres, podemos fazê-lo juntas.

— Deixei de querer ser boa — disse Maddalena naquela manhã de março em que o sol estava ainda turvo no céu abafado pelo resquício da noite, enquanto íamos para o Lambro enfrentar Tiziano.

Fora ela a dizer-me que o encontraríamos lá à nossa espera. Sozinho. Bastara uma carta entregue a um dos empregados do café do Arengario com a recomendação de que chegasse às mãos certas. Uma nota de cinquenta liras fizera o resto. Não quis dizer-me o que escrevera naquela carta, só que assinara com o nome de Donatella.

— Estará lá — assegurou-me, caminhando ao meu lado, depressa, ao longo da rua Vittorio Emanuele, à frente das montras do padeiro e da retrosaria com as portadas ainda fechadas. As ruas estavam tão vazias e indiferentes, que me lembraram os cemitérios.

— E depois o que fazemos?

Maddalena não respondeu, enfiou uma mão no bolso do sobretudo desabotoado. Debaixo, tinha apenas um vestido leve, as pernas estavam lívidas de frio. Tirou do bolso a tesoura de costura de Luigia, que brilhava.

— O que queres fazer com isso? — perguntei, faltando-me a respiração.

— Depois vêς.

Pensei nos gansos de Noè, nele a dizer: «Deves segurar o pescoço desta maneira, assim abrem o bico.»

— Não podes.

— Posso, sim.

— E o que acontece depois?

— Não me interessa — concluiu, voltando a enfiar a mão e a tesoura no bolso.

A ponte dos Leões estava lá ao fundo, igual ao que sempre fora, mas ao mesmo tempo maior, quase imponente, suspensa naquele silêncio de espera iluminada pelos candeeiros de rua ainda acesos. Era um lugar que sustinha a respiração.

Não o vimos quando nos debruçámos da balaustrada, mas ouvimo-lo cantar.

Descemos pela margem que desabara, Maddalena pegou-me na mão para me ajudar a aterrar sobre os seixos com as minhas solas escorregadias.

Tiziano estava ali, debaixo do arco da ponte, com o seu uniforme de calças bem passadas, a camisa limpa, o sobretudo com o alfinete brilhante. Estava tão deslocado naquele sítio que associava a recordações felizes, impregnado do odor familiar do rio, que foi como receber uma bofetada.

Cantava a meia voz «*Parlami d'amore Mariú*» e lançava de través seixos para a água cinzenta, fazendo-os ressaltar.

Maddalena tinha a palma da mão suada, apesar do frio, e respirava intensamente com a boca aberta.

Largou-me e avançou na direção dele.

— Estamos aqui.

Tiziano voltou-se com um ar confuso, depois viu-nos e ficou com uma expressão estranha.

— E o que fazem vocês aqui? — Atirou para o chão as pedras que lhe restavam.

— Fui eu que escrevi a carta — disse a Malnascida. — Tens de pedir desculpa pelas coisas que fizeste.

— Eu não tenho de pedir desculpa pelo que quer que seja.

— És asqueroso — disse Maddalena. — E um cobarde, que nem sequer tem a coragem de ir para a guerra.

Queria ter falado também, ou pelo menos aproximar-me dela. Mas assim que olhava para Tiziano, sentia os seus dedos e o seu hálito, e não era capaz de me mexer.

— Vocês não percebem. São só duas miudinhas. — Encolheu os ombros, acariciou o distintivo com o emblema fascista, e continuou: — Não sabem o que o meu pai faria, se descobrisse. Nunca lhe poderia dizer que tive um filho de uma rapariga reais. Não percebem nada. — Abanou a cabeça com força e tornou-se soturno, como se perseguisse pensamentos que não conseguíamos ver. — E, depois, era realmente ela, a tua irmã? — disse, passando a língua pelos dentes. — Como posso ter a certeza? No escuro as mulheres são todas parecidas.

Gemem e gritam da mesma forma, sabem? Basta apagar as luzes e confundes-te.

Maddalena apertou com ele.

— Convinceste-a a ir contigo porque lhe disseste que caso contrário não casarias com ela. Depois, quando o sangue não lhe veio, fingiste que te tinhas esquecido e livraste-te dela, andando a dizer pela cidade que era uma puta.

Aquela sua firmeza assustou-me.

Tiziano lambeu os lábios.

— As mulheres deviam ser como as do Duce: saberem dar-se sem exigir. E ela queria aquele bebé a todo o custo. Mas eu não posso, percebem? Não posso. Já decidiram por mim.

— Vamos dizer a todos o que fizeste à Francesca e à Donatella — gritou Maddalena.

Ele começou a rir-se a bandeiras despregadas e disse:

— Vocês não são nada. Quem acreditará em vocês? — Aproximou-se, desdenhoso, e acrescentou: — O que quer que aconteça, é em mim que acreditarão.

— Vamos embora — sussurrei a Maddalena. — Por favor, vamos embora.

Mas ela não arredava pé. Olhava para Tiziano com um desprezo feroz.

— Agora vais morrer — disse com a mesma voz de quando falara a Filippo e Matteo no pátio do senhor Tresoldi. — Agora sentes que tens medo e sabes que estás prestes a magoar-te. Agora vai acontecer-te alguma coisa má. Se calhar deixas de respirar ou os ratos comem-te os olhos.

Fiquei imóvel, à espera, enquanto Tiziano se ria e continuava a avançar. Alguma coisa tinha de acontecer. Alguma coisa tinha forçosamente de acontecer. Estava pertíssimo, agora, tão perto, que me chegou às narinas uma baforada da sua água-de-colónia, a mesma que tinha sentido na igreja.

— O que foi? — disse Tiziano. — Estás a tentar meter-me medo, Malnascida? — Já não se ria.

Maddalena procurou-me com uma expressão de raiva e susto.

Tiziano chegou à frente dela e agarrou-a pela gola do sobretudo.

— Devo ter medo de duas miudinhas?

— Sim — disse Maddalena, e acertou-lhe com força numa orelha.

Tiziano soltou um grito lancinante e puxou-a, levando a outra mão à têmpora, que sangrava.

Ela debateu-se dentro do sobretudo para o despir e Tiziano caiu para trás, em cima das pedras. Na mão ficou-lhe apenas o sobretudo vazio.

Entre os dedos de Maddalena brilhava a tesoura manchada de sangue. Tiziano olhou com temor para a mão ensanguentada e berrou:

— Acham que me podem matar, putas?

Maddalena atirou-se a ele empunhando a tesoura. Tiziano agarrou-a por um pulso e torceu-lhe o braço atrás das costas.

Foi o grito dela que me libertou da imobilidade idiota em que o medo me havia paralisado.

— Deixa-a! — gritei, e lancei-me sobre eles.

Primeiro veio a dor: um estalido contra a mandíbula, tão forte, que os dentes chocaram, mordendo a língua. Uma golfada de sangue saiu-me da boca. Caí no chão com a certeza de estar prestes a morrer. Arquejei, tentando respirar, enquanto Tiziano massajava os nós dos dedos.

Desamparada no chão, com os seixos gelados debaixo da nuca e das costas, dei por mim a observar as coisas com um distanciamento obtuso.

Tiziano dobrou-se sobre Maddalena, enfiou-lhe uma mão pelos cabelos, apertando-os entre os dedos, e abanou-a com violência. Ela tinha os olhos inchados, o sangue escorria-lhe pelo rosto.

Gritou e começou a arranhar-lhe as mãos para tentar soltar-se dele. Pontapeava e berrava palavrões, insultos vulgares que nunca a ouvira pronunciar.

Ele deu um pontapé na tesoura, atirando-a para a água perto de uma mão-cheia de seixos. Depois arrastou Maddalena para o rio.

Pôs-lhe uma mão no dorso, a outra estava ainda nos cabelos, e mergulhou-a debaixo de água. O grito de Maddalena transformou-se num gorgolão de terror.

Não fui sequer capaz de gritar.

«*Gli occhi tuoi belli brillano, fiamme di sogno scintillano*», cantava Tiziano, mantendo-lhe ainda a cara na água, dividindo os versos com respirações ferozes. «*Dimmi che illusione non è. Dimmi che sei tutta per me!*» A sua voz perdera qualquer tonalidade da delicadeza que em tempos tivera. Agora era frenética, manchada de um gozo doentio.

Tiziano saiu da água com as calças e o sobretudo encharcados, os cabelos de um louro dourado colados à testa molhada. Atrás dele, Maddalena estava de joelhos na água e tossia até cuspir os pulmões, a cara cheia de sangue e de lama.

Tentei levantar-me fincando os cotovelos, mas os seixos eram escorregadios, atiravam-me outra vez ao chão.

Tiziano sorriu. Olhou para mim, passou a língua pelos dentes e disse:

— Agora vais ver o que te faço a ti.

Senti o medo de estar sozinha à mercê de um homem. Era diferente do que sempre me causara o senhor Tresoldi. Esse vinha da barriga, como quando te contam histórias de ogres e de bruxas. O medo que Tiziano me dava vinha do corpo inteiro, era negro e viscoso, introduzia-se em todo o lado.

— Se tentares, mato-te — disse-lhe.

Se calhar era isto que significava ser crescida e mulher: não era o sangue vir uma vez por mês, não eram os comentários dos homens ou os vestidos bonitos. Era encontrar os olhos de um homem que te dizia: «És minha» e responder-lhe: «Eu não sou de ninguém.»

O que aconteceu depois não compreendi. Foi como as coisas que acontecem durante o sono.

Tiziano começou a remexer com vigor debaixo da minha saia, agarrou-me as cuecas e puxou-as até aos tornozelos, depois forçou-me a abrir as pernas pressionando-me os joelhos contra as coxas.

Eu gritava, enchia-lhe as costas e os ombros de murros, mas o seu peso deixava-me presa ao chão. Depois apertou-me os pulsos, segurando-me os braços por cima da cabeça e dizendo-me:

— Chiu, fica quieta.

Tinha nojo dele, de mim, de tudo. Ele respirava a custo, com a cara branca e os lábios lívidos, como se a alma lhe tivesse sido sugada.

— Ouvi o diabo chegar — dissera uma voz que vinha do rio. Era rouca, feroz. Virei-me, Maddalena saía do Lambro gatinhando entre as pedras, a pingar água, com o sangue a correr-lhe pela testa. — Disse que agora se encarrega ele de te arrancar o coração.

Tiziano rira-se, enfiara-me a língua na boca, abrindo-me os lábios com ardor.

— Vai arrancar-to com os dentes. E arrastar-te para o Inferno — continuava ela.

Tiziano levantara o tronco e enfiara uma mão dentro das cuecas para procurar aquela coisa dura e palpitante que lhe apertava contra o tecido.

Depois, de repente, como se alguém tivesse carregado num interruptor, detivera-se, os olhos tornaram-se dois poços negros, cheios de medo como os de uma criança.

Tombara para cima de mim, respirando ainda por poucos instantes no meu pescoço: um bafo ardente, em arranques violentos. E parara de se mexer.

Epílogo

A forma da voz

Fora o seu coração doente que o traíra, ou fora a Malnascida que o detivera com a sua voz?

Enquanto voltava para casa com os pés ensopados, a pele gelada, o sabor do sangue na boca, continuava a perguntá-lo a mim mesma. Tinha diante dos olhos o seu rosto desfigurado por uma careta, no corpo ainda as suas mãos que me mantinham imóvel. Tudo me doía, até os dentes e os ossos. E, no entanto, no meio do medo e do nojo, não pensava senão em Maddalena, na sua mão que apertava a minha, nela que dizia:

— Vemo-nos em breve.

O dia seguinte chegou como uma coisa que não quiséramos. Só pensava naquele corpo submerso no rio enquanto as horas deslizavam uma atrás da outra, sem propósito. Tinha terror de que nos descobrissem. Rezei para que todas as outras coisas desaparecessem, deixando só nós. Mas as preces não servem para controlar o mundo.

Quando Maddalena me disse: — Temos de dizer a Noè, assim ajuda-nos a escondê-lo —, as buscas já tinham começado.

O corpo de Tiziano Colombo foi encontrado numa manhã em que o céu estava tão pesado, que parecia de lã molhada.

Disseram que tinha sido Filippo, o seu irmão, quem sugeriu procurar no Lambro. Sabia que devia ter ido falar com alguém. Alguém que talvez lhe tivesse armado uma cilada. Um revoltoso, talvez, que queria desferir um golpe certo numa das famílias mais estimadas da cidade para gravar um sulco no bronze dourado do mesmo regime a que os Colombo haviam sempre sido fiéis.

Os olhos e a língua tinham-lhe sido comidos pelos ratos e pelos corvos, o resto do corpo estava ensopado de lama, as narinas e os ouvidos entupidos, tanto que até à senhora Colombo custou reconhecê-lo. Segurou no alfinete com o emblema fascista e disse: — Será feita justiça para o ignóbil crime —, ou pelo menos foi isto que

escreveu o jornal da cidade. O senhor Colombo declarou-se satisfeito com o artigo na primeira página para o qual escolhera pessoalmente o retrato do filho: uniforme fascista e sorriso de galã de cinema. Ficou ressentido, pelo contrário, por o *Corriere della Sera* lhe ter dedicado só uma local insignificante, em que o nome nem sequer aparecia.

Dois dias depois, estávamos já no fim de março, encontraram a carta com o nome de Donatella. Não fora um comunista que matara o filho mais velho dos Colombo. Nem um anti-italiano, um traidor da pátria, um anarquista, que poderia ter dado à sua morte a mesma importância da de um mártir. Fora uma rapariga, uma andorinha de meia-tigela, órfã de pai e com um bastardo no ventre.

Quando, ao romper do dia, os polícias da OVRA^[34] tocaram à campainha do apartamento da rua Marsala para a prender, ela estava ainda de camisa de noite e pés descalços. Detiveram-na assim, sem sequer a deixarem ir buscar um xaile. Os gritos da mãe e da irmã acordaram o prédio inteiro.

Nessa mesma noite, a minha mãe disse-me:

— Comprei bilhetes para Nápoles. Amanhã partimos, eu e tu. Vamos para casa da minha família e ficamos lá algum tempo.

Sustendo a respiração, perguntei-lhe: — Porquê? —, mas ela não quis responder-me.

Foi o meu pai que me disse em que pé estavam as coisas. Os fascistas tinham levado Donatella para o quartel para a interrogarem: «Porque é que não fazes a saudação romana? Não sabia que tinha mesmo de fazê-la. Conhecias a vítima? Sim, claro que a conhecia, éramos noivos. E depois, o que se passou? Conte-lhe do bebé, e não quis voltar a ver-me. O bebé de quem? Dele, o filho é dele, de quem mais? A família assegurou-nos que a vítima não era dada a práticas de fornicção fora do casamento, o filho deve ser de outro, de alguém que lhe pagou pelos seus serviços e não teve cuidado suficiente. Mas o que está a dizer? Não é verdade! E esta carta? Eu nunca a tinha visto! O seu nome está aqui em cima, como é que o explica? Eu não a escrevi, juro, oh, senhor!, juro.»

Quem teria acreditado naquela rapariga desgrenhada e prenha de alguém que não era o marido? Uma mulher da má vida não sabe

sequer o que é a verdade.

O meu pai disse-me ainda que a filha mais nova dos Merlini se pusera a gritar as injúrias mais terríveis contra o morto: que tratava as mulheres como se fossem bichos, que as usava e deitava fora, e enfiava as mãos debaixo das saias de rapariguinhas na igreja.

Foi então que o meu nome viera à baila e a minha mãe decidira que tínhamos de partir. Não me perguntara nada, nem olhara para mim, como se eu a envergonhasse. Fizera as malas, enfiando lá à toa a sua roupa e os ferros para encaracolar o cabelo.

Enquanto gritava à Carla que lhe procurasse o vestido leve às bolinhas e as sandálias, o meu pai abeirou-se de mim. Estava sentada à mesa da cozinha, à minha frente a fatia de bolo de baunilha que a Carla me preparara, ainda inteira. Havia dias que não era capaz de comer. Um sentimento de náusea constante embrulhava-me o estômago, subia-me até à nuca, obstruía-me os pensamentos.

O pai ficou calado muito tempo, a remexer nos nós dos dedos com o polegar, depois aclarou a voz.

— Aquilo que dizem — começou. Passou a língua pelos lábios, engoliu saliva. — Enfim... aquilo que dizem que aconteceu na igreja... na capela da Nossa Senhora... aquilo que ele te terá feito... — Hesitou mais uma vez, respirou fundo. — Lamento que tenha acontecido, lamento muito. A culpa não é tua, sabes disso?

Limitei-me a anuir.

— Tu não fizeste nada. Compreendes, não é verdade?

— Não quero ir com a mãe.

— Eu sei. Eu sei, Francesca.

— Porque é que me queres mandar embora?

— Não quero que te vás embora. Não quero. Mas se calhar é melhor assim, sabes? Só por algum tempo. Prometo-te. Até as coisas se resolverem.

Tocou-me num ombro. Parecia ter medo de me tocar. Deixei-me cair sobre ele, abracei-o, enterrando a cara no seu peito. Em seguida estremeceu, como se alguma coisa dentro de si tivesse afrouxado, envolveu-me, comprimiu o queixo na cova do meu ombro e começou a acariciar-me os cabelos. Tinha o mesmo cheiro das suas camisas

dentro do armário, aquele em que me refugiava quando precisava de gritar.

Quando chegámos à estação, ainda estava escuro. A minha mãe avançava aos tropeções, segurando a mala demasiado pesada. Levava o chapelito com véu torto sobre o rosto apagado, a fita do colarinho estava desatada e tinha uma longa malha caída nas meias de seda, que percorria a barriga da perna até ao calcanhar.

Ia aos encontrões entre a multidão, pedindo «Com licença» com um tom tímido e cansado. O vapor branco dos comboios subia dos carris, até ao alpendre de ferro fundido, entrava nas narinas e queimava o nariz.

A minha mãe apertava-me o cotovelo e dizia:

— Mexe-te. — Puxava-me. — Sê boazinha.

Eu pensava em Donatella, que se dilataria como uma rã e, sozinha, odiaria cada vez mais aquela criatura que crescia dentro de si aninhada no escuro. Pensava na senhora Merlini, que, se o Senhor lhe tivesse poupado o filho e protegido a filha, talvez tivesse conseguido encontrar um espaço também para Maddalena, e agora, pelo contrário, não faria senão vestir-se repetidamente de novos lutos e enterrar-se ainda mais em si mesma. Pensava na casa da rua Marsala, nas panelas de cobre que lançavam longas sombras na cozinha cada vez mais vazia.

E pensava em Maddalena. Na sua voz quando dissera a Tiziano que o diabo lhe estava a arrancar o coração, na sua mão que apertara a minha, no cheiro do rio.

A dor era feita de coisas concretas: o estômago contraído, a bexiga inchada, o sangue que palpitava na cabeça e em todo o lado. Tornara-me um osso partido.

Sabia que nunca mais voltaria a vê-la. Abandonava-a. Eu também estava com ela no Lambro no dia em que Tiziano morrera. Ela defendera-me, salvara-me como fazem os heróis dos romances. Eram sempre os outros a ficar com as culpas por mim.

Deixava-me arrastar pela minha mãe para a linha, em direção à cabeça de uma locomotiva já à espera, com o feixe lictório de latão.

As pessoas cheiravam a sono interrompido e aos primeiros cigarros. Eu tinha a mente vazia, as pernas moles. Foi então que alguém me chamou:

— Francesca! Espera!

Noè agarrara-se a um dos pilares com os horários dos comboios e pusera-se em bicos de pés para conseguir ser visto no meio da multidão.

Detive-me, a minha mãe quase tropeçou tentando puxar-me, mas eu soltei-me da mão dela e juntei-me a ele.

— O que fazes aqui?

— Tens de vir comigo — respondeu de um fôlego. — Já. — Tinha o nariz torto e cheio de crostas, nódoas negras amareladas à volta dos olhos e uma ferida profunda debaixo da sobrancelha unida com pontos.

— Não posso.

— Podes, sim.

Não conseguia olhá-lo de frente, tornara-me de vidro.

— Não posso — repeti.

— Tens medo?

— Claro que tenho medo! O Tiziano morreu.

— Eu sei. A Maddalena confessou. Disse que foi ela que o matou.

— Mas não é verdade! — disse de um fôlego. — O Tiziano tinha o coração doente. Morreu sozinho. — Se calhar, fora a voz de Maddalena a fazer parar o seu coração. Se calhar, fora realmente ela que o matara.

— Isso já não importa.

Senti-me como papel de jornal que se encarquilha no fogo.

— O que lhe vai acontecer agora?

Noè abanou a cabeça, raivoso, depois teve de se conter por causa da dor.

— Não sei. Tentou dizer a verdade sobre aquele nojento do Tiziano Colombo, mas não acreditaram nela. É a palavra da Malnascida a acusar um fascista.

— E o que posso eu fazer?

Os olhos de Noè tornaram-se hostis.

— Dizê-lo também tu.

— E porque haveriam de acreditar em mim?

— Não queres ao menos tentar? — Noè emanava um cheiro a tintura de iodo e pomada que tinha abafado aquele seu odor a terra que tanto me agradava.

— Não sei se consigo. Eu não sou como ela. Não faço nada das palavras. — Pela vergonha e pela repugnância por mim tive de esconder a cara enquanto o comboio apitava com força e a minha mãe me chamava.

— É a minha letra de câmbio — disse Noè.

— A tua letra de câmbio?

— Por aquela vez das tangerinas. Deves-mo.

— Não consigo.

— Francesca, temos de ir! — gritou a minha mãe atrás de mim.

— Nem por ela?

Obriguei-me a olhar para ele, a procurar os seus olhos dentro daquele rosto desfigurado. Desfigurado por minha culpa.

— Eu não sou como tu e ela — disse. — Não sou capaz. Não consigo.

— Não volto a repetir-to, minha menina. Sobe imediatamente para o comboio.

Um bagageiro tinha ajudado a minha mãe a carregar a mala a bordo e agora ela esbracejava do comboio com as suas mãos enluvadas de branco, fazia-me sinal de que me juntasse a ela.

— Tenho de ir — disse a Noè.

Ele fitou-me em silêncio.

Pensei no que aconteceria a Maddalena, agora que confessara. Não sabia o que lhe fariam. O que sabia das execuções provinha dos livros: decapitá-la-iam ou seria enforcada. Ou talvez fosse metida na prisão, espancada com paus pelas irmãs de um reformatório no campo.

A minha mãe debruçava-se do comboio e estendia-me uma mão.

— Atenção ao degrau, que dás cabo do vestido.

Foi então que me detive. Brotaram de mim, sem que me desse conta, a postura e a atitude da Malnascida. A minha mente e o meu corpo estavam cheios dela, ela irrompeu em mim quando eu disse:

— Não quero saber do vestido.

Virei-me para procurar Noè, mas ele já não estava lá.

Corri ao longo da linha, com as pessoas a dispersarem-se como baratas à minha passagem. O comboio estava a partir e a minha mãe gritava.

Encontrei-o fora da estação a pegar na bicicleta abandonada contra um poste. Recomecei a respirar, o peso que tinha no peito derreteu-se como manteiga numa panela quente.

— Noè, espera!

— Deveras ridículo. — Foi o que disse o senhor Colombo perante o meu pedido de tomar a palavra. A multidão pôs-se a ladrar como uma matilha de cães que veem vir uma lebre, procurando afastar-me para não me deixarem chegar a Maddalena. Ela estava sozinha no meio daquela sala com o chão de mármore branco e o teto pintado a fresco, no qual um anjo loiro, a segurar o brasão dos Saboia, nos perscrutava, indiferente.

Fora arrastada para junto do presidente da câmara, alguém a segurara pelas axilas, um outro pelos tornozelos, como se a lei e as regras dos homens não valessem mais nada e ela fosse uma bruxa para mandar para a fogueira. O presidente, do seu escritório com a bandeira tricolor e o feixe lictório, vira-os apinharem-se e, com um ar enfasiado, dissera: «Isto não é um tribunal e eu não posso decerto fazer um julgamento a uma criança. Não funciona assim.» O presidente e os outros de uniforme riram-se daquela gente convencida de que uma rapariguinha magra e suja tivesse podido matar um homem feito. Um fascista.

«Esta não é uma rapariguinha, respondera a senhora Colombo, com o rosto transfigurado, «é a Malnascida.»

— Deixem-me passar! — gritei, erguendo-me em bicos de pés para buscar o olhar de Maddalena por cima das cabeças amontoadas. Estava ainda sem fôlego e despenteada da corrida na bicicleta, com Noè a pedalar depressa, e depois pelas escadas da câmara municipal, pelo meio dos enormes corredores vazios onde os meus passos produziam um eco assustador. — Também quero falar!

— Porque haveríamos de escutar uma rapariguinha? O que faz ela aqui? Chamem o seu pai.

Abri caminho às cotoveladas por entre as pessoas, os carabinieri, os homens que mesmo dentro de quatro portas usavam chapéu, as mulheres que se agarravam às suas bolsas, para me juntar à Malnascida. Os berros e as ameaças não me assustavam. Noè tinha tentado permanecer perto de mim, mas a multidão empurrara-o para trás.

Maddalena, por fim, olhou para mim. Os seus lábios disseram: «Voltaste.»

— Não foi ela. — Só depois de as ter dito me dei conta de que gritara aquelas palavras.

À nossa frente estava disposta uma fila de homens de farda, entre os quais o senhor Colombo, que parecia querer esmagar-nos debaixo das botas. Maddalena, porém, fitava-os a todos com os seus olhos insolentes e luminosos, e também eles acabavam por acreditar que podia matá-los só com uma palavra. Mesmo aqueles homens que tinham o poder de dizer «vives» ou «morres» estavam aterrorizados pelo olhar da Malnascida.

O presidente, com as medalhas ao peito e o pompom negro a balouçar sobre a testa, batia com força os punhos na mesa para impor silêncio, mas a multidão continuava a mugir: «O demónio fê-la fazer aquilo que fez. É a Malnascida. Dá azar. Um rapaz tão bom, tão educado, tão bonito. Um jovem destinado a grandes coisas. E ela atirou-o para a água como se faz aos bichos.»

No mundo deles, só havia duas certezas. A primeira: as coisas que não se conseguiam explicar tinham sido enviadas pelo demónio ou pelo Senhor, consoante atingissem quem consideravam uma pessoa de bem ou um patife. A outra: a culpa nunca era dos homens.

— Têm razão — disse eu, já sem fôlego, em pé ao lado de Maddalena. — Foi ela.

A sala ficou silenciosa e imóvel como um ossário.

— E fui eu também. E foi também Donatella e o bebé que cresce dentro dela. Foi o Senhor e foi o demónio. Foi a água do Lambro, as pedras da margem e aquele seu maldito coração. Foram todas estas coisas que o mataram.

A multidão ameaçou explodir.

— Silêncio! — gritou o presidente.

— Dizem que não aconteceu porque não acreditam ser possível um homem como ele fazer aquelas coisas nojentas a raparigas como nós. Mas foi isso que ele fez. E já não podemos estar caladas.

Maddalena estava tão bela, que esplendia. Mesmo assim, ajoelhada no chão e com a cara suja. Levantou-se, pegou-me numa mão. Tinha a palma suada e quente. Sorriu-me. Nunca me sentira tão forte, em toda a minha vida.

³⁴ Acrónimo de Opera Vigilanza Repressione Antifascismo: os serviços secretos da polícia política durante o regime fascista. (*N. da T.*)

Agradecimentos

Dizer «obrigada» foi das primeiras coisas que me ensinaram em criança. Mais ou menos na altura em que aprendia a atravessar a estrada e tentava deslindar o mistério de como atar os atacadores sozinha. Mas quando somos crianças temos de dizer «obrigada» mesmo quando não nos apetece nada.

Agora cresci e posso agradecer a quem quiser e quando realmente conta.

Obrigada a quem acreditou na minha história e quis dar-lhe a possibilidade de ser lida:

Carmen Prestia, a primeira a dar-me confiança e a dizer-me: «Francesca não me sairá nunca do coração.»

Rosella Postorino, por teres trabalhado comigo com precisão e enorme cuidado. Obrigada por teres insistido em fazer-me acrescentar aquele diálogo. Obrigada também pelas tuas histórias que permaneceram dentro de mim.

Roberta Pellegrini, pelos inestimáveis conselhos e a atenção aos pormenores.

Maria Luisa Putti, por teres ficado acordada até às quatro da manhã a ocupares-te da minha história. Fizeste uma espécie de magia, conseguindo tornar este livro na melhor versão de si mesmo. Obrigada pela tua obsessão pelas palavras e por me teres feito descobrir Pessoa.

Paolo Repetti, sem ti este livro não existiria. Obrigada.

Obrigada à Escola Holden e aos seus fantásticos professores:

Eleonora Sottili, por todas as vezes que me disseste: «Esta cena funciona!», mas, sobretudo, por aquelas em que disseste: «Esta, pelo contrário, não funciona de todo.»

Federica Manzon, pela confiança e as conversas «tira-dúvidas» no escritório do segundo andar.

Marco Missiroli, porque uma das cenas fundamentais desta história nasceu no jardim da escola, no meio da tua aula fulminante.

Andrea Tarabbia, por me teres feito descobrir *Il gorgo* de Fenoglio, pela visita ao Giardino di Ninfa e pelas toranjas.

Obrigada, Livio Gambarini e Masa Facchini, tutores insubstituíveis no curso «O Prazer da Escrita» da Università Cattolica, por terem lido as minhas primeiras e desajeitadíssimas experiências de contos e me terem ensinado a odiar as cenas que abrem com «A luz filtrada pelas cortinas». Obrigada também a Martina, que leu os referidos contos e, apesar disso, continuou a dar-me confiança.

Obrigada, Franco Pezzini, Van Helsing de Turim, por me teres recebido no teu curso sobre o fantástico.

Obrigada aos meus guias virgilianos no inferno do liceu: Chiara Riboldi, Caterina Muttarini, Enrica Jalongo, Rossana e Laura Portinari e Massimiliano Tibaldi.

Obrigada aos meus colegas escritores e companheiros de aventuras: Francesco, imbatível construtor de mundos, Alice, que brilha como os pirilampos, Giada, filha da Lua e mãe-natureza, Antonia, sarcástica bruxinha e conselheira de *ship*, Sergio, samurai cínico de coração de ouro. Não poderia ter pedido melhores companheiros de viagem, seja em terra, seja a bordo de uma nave voadora.

Obrigada, sem ordem específica, aos outros colegas do College Scrivere B (2019-2021): Vittoria grande, Vittoria pequena, Paola, Simone, Rossella, Giorgia, Lea, Tommaso, Silvia, Mary, Susanna, Benedetta, Davide, Giovanni, Edo. Obrigada por terem sido os meus primeiros leitores e por me terem permitido ler as vossas histórias. É um pouco como ser-se perscrutado na alma à vez. Brilham intensamente.

Obrigada aos meus amigos com quem nunca tenho de me sentir culpada por ser eu mesma: Nico, Rasputin de Monza, Ricky, rocha à prova de riscos, Mario, meio-ogre mestre cervejeiro, Jacopo, águia das montanhas, Gabriele, Cheshire Cyborg.

Gaia, obrigada, porque nos anos tumultuosos e terríveis do liceu as histórias que escrevíamos juntas e as nossas personagens loucas e belas foram muitas vezes a única coisa que me permitiu ser feliz. Trago-as sempre no coração. Obrigada pelos pratos de pírex, os candeeiros e as noites passadas a pé a falar e a beber *Sangue di Giuda*.

Beatrice, obrigada, porque te deixaste sempre arrastar aonde quer que levassem as minhas maluquices. Obrigada pelas sessões de estudo desesperadíssimo, pelas obsessões da nossa adolescência, pelo terrível retrato de mim que fizeste, em que sou mais parecida com um ornitorrinco do que com um ser humano. Obrigada por teres estado sempre presente.

Obrigada à minha família, aos meus tios e primos, que acreditaram sempre em mim, em particular Federico, Lorenzo, Marco e Giulia. Gosto muito de vocês.

Mãe e pai, obrigada porque apoiaram sempre esta menina que, aos nove anos, tentou fugir de casa para ir em busca de aventuras com o seu livro sobre os astecas e sumo de mirtilo na mochila, e que queria ser cavaleiro quando crescesse. Se este livro existe, é mérito dos vossos «Era uma vez», dos bolsos esburacados e cosidos continuamente por causa da minha coleção de pedras de formas estranhas, das vezes em que me apontaram uma estrela no céu, dizendo: «Quem sabe quem viverá ali.»

Nota ao texto

As citações nas pp. 11, 71, 146, 227 e 248 são retiradas da canção «Parlami d'amore Mariú», de Ennio Neri e Cesare Andrea Bixio (1932).

A citação na p. 39 é retirada da canção «'O surdato 'nnammurato», de Aniello Califano e Enrico Cannio (1915).

As citações nas pp. 60 e 178 são retiradas do trecho musical *Dammi un bacio e ti dico di sí*, de Bixio Cherubini e Cesare Andrea Bixio.

As citações na p. 83 e na p. 114 são retiradas do livro de P. Cadorin, *Il Fascio a Monza*, Paolo Cadorin, Vedano al Lambro, 2005.

A citação na p. 87 é retirada do *Decalogo della piccola italiana*.

A citação na p. 108 é retirada do *Prelúdio* de *Aida* de Giuseppe Verdi, com libreto de Antonio Ghislanzoni.

A citação nas pp. 111-112 é retirada do discurso que Mussolini fez no dia 2 de outubro de 1935, quando anunciou a guerra na Etiópia.

O texto do postal citado na p. 136 é retirado de C. Duggan, *Il popolo del Duce*, Laterza, Roma-Bari, 2012.

A citação na p. 162 é retirada de G. Leopardi, *Canti*, N. Gallo e C. Garboli (org.), Einaudi, Turim, 2016.

A citação na p. 210 é retirada do carme 65 de Catulo.

SOBRE ESTE LIVRO

Com ecos de autores como Natalia Ginzburg, Alberto Moravia ou Elena Ferrante, eis a estreia fulgurante de uma escritora cuja mestria literária se dedica, neste romance, à procura da origem do mal e dos obstáculos à liberdade individual.



Monza, Itália, 1936. Francesca, de 13 anos, está nas margens do rio Lambro, vergada sob o peso de um homem morto que tentou violá-la. Maddalena, amiga de Francesca, sai da água e ajuda-a a livrar-se do corpo: escondem-no no meio de arbustos. Este momento é um marco inolvidável na relação entre as duas raparigas, que começa um ano antes, quando Francesca se deixa fascinar por aquela a quem todos chamam «a Malnascida»: uma rebelde de origens humildes e com estranhos poderes. Contrariando a vontade da sua mãe, obcecada pelas convenções sociais

burguesas, e ignorando os rumores que atribuem várias mortes à «Malnascida», Francesca junta-se ao seu bando de amigos «problemáticos», ávida por descobrir um modo de vida em absoluta liberdade. Entre as duas amigas, contudo, imiscui-se a guerra e o fascismo. Francesca e Maddalena terão de fazer uma difícil escolha: aliar-se contra a opressão social e a injustiça, ou deixar que o curso da História as separe para sempre.

A Malnascida é o elogiado romance de estreia da italiana Beatrice Salvioni, distinguido com o prémio literário Scuola Holden, criado pelo premiado escritor Alessandro Baricco. Uma inesquecível história de amizade e crescimento, sob o pano de fundo da Itália fascista.

«O indiscutível fenómeno literário do ano. [...] Um livro magnético.»

El Confidencial

SOBRE BEATRICE SALVIONI

Beatrice Salvioni nasceu em Monza, Itália, em 1995.

Formou-se em Filologia Moderna pela Universidade Católica de Milão. Foi aluna da Scuola Holden, dirigida por Alessandro Baricco, e ganhou o Prémio Calvino 2021, com o conto «Il volo notturno delle lingue mozzate», bem como o Prémio Raduga 2021.

A Malnascida é o seu primeiro romance, com o qual obteve o Prémio Scuola Holden e cujos direitos foram vendidos a trinta e dois editores antes da publicação em italiano. Será adaptado a série televisiva.